

Psicologia do Esporte:

DA FORMAÇÃO À PROFISSIONALIZAÇÃO

III ENCONTRO MINEIRO DE PSICOLOGIA DO
ESPORTE (EMPE)



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS

Conselho Regional de Psicologia Quarta Região (CRP04-MG)
Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte (Copes)

Psicologia do Esporte: da formação à profissionalização

**III Encontro Mineiro de Psicologia do Esporte
(EMPE)**

Belo Horizonte



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS

2025

© 2025, Conselho Regional de Psicologia Quarta Região

É permitida a reprodução desta publicação, desde que sem alterações e citada a fonte.

Revisão ortográfica e gramatical: Fator Gestão Ltda.

Projeto e edição gráfica: Fator Gestão Ltda

Impressão: Teixeira Impressão Digital e Soluções Gráficas Ltda.

A DISTRIBUIÇÃO DESTA OBRA É GRATUITA, SENDO VEDADA SUA COMERCIALIZAÇÃO.

Conselho Regional de Psicologia Quarta Região (CRP04-MG)

Rua Timbiras, 1.532, 6º e 11º andar, Lourdes

CEP: 30.140-061 – Belo Horizonte/MG

Telefone: (31) 2138-6767

www.crpmg.org.br / crp04@crp04.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro de Documentação e Informação Halley Bessa – CDI/CRP04-MG

C755p Conselho Regional de Psicologia Quarta Região (CRP04-MG)
Psicologia do Esporte: da formação à profissionalização /
Conselho Regional de Psicologia Quarta Região (CRP04-MG);
Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte (Copes). --
Belo Horizonte: CRP04-MG, 2025.

139 p.

Trabalhos apresentados no III Encontro Mineiro de Psicologia
do Esporte (EMPE), realizado entre os dias 22 e 24 de abril de
2021, em formato virtual.

Incluí referências.

ISBN: 978-65-89729-22-8

1. Psicologia. 2. Esportes - Aspectos psicológicos. I.
Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte (Copes). II.
Paula, Paula Ângela de Figueiredo e (Org.). III. Encontro Mineiro
de Psicologia do Esporte (3). IV. Título.

CDD: 796.01

Conselho Regional de Psicologia Quarta Região (CRP04-MG)
Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte (Copes)

Organizadora:

Paula Ângela de Figueiredo e Paula

Comitê Editorial do CRP04-MG:

Ana Maria Prates da Silva e Silva

Flávia Santana da Silva

Isabella Cristina Barral Faria Lima

Liliane Cristina Martins

Márcio Rocha Damasceno

Nádia Pereira de Jesus

Niúra Ferreira e Barbosa

Reinaldo da Silva Júnior

**XVII Plenário do Conselho Regional
de Psicologia Quarta Região
(Gestão 2022-2025)**

DIRETORIA

Suellen Ananda Fraga

Conselheira Diretora Presidente

Liliane Cristina Martins

Conselheira Diretora Vice-presidenta

Elizabeth de Lacerda Barbosa

Conselheira Diretora Tesoureira

Paula Ângela de Figueiredo Paula

Conselheira Diretora Secretária

**XVII Plenário do Conselho Regional
de Psicologia Quarta Região
(junho a setembro - 2025)**

DIRETORIA

Ted Nobre Evangelista

Conselheiro Diretor Presidente

Lourdes Aparecida Machado

Conselheira Diretora Vice-presidenta

Cláudia Aline Carvalho Espósito

Conselheira Diretora Tesoureira

Marleide Marques de Castro

Conselheira Diretora Secretária

CONSELHEIRAS(OS)

Alessandra Kelly Belmonte

Ana Maria Prates da Silva e Silva

Anderson Nazareno Matos

Caroline de Souza

Celso Francisco Tondin

Cláudia Aline Carvalho Espósito

Cristiane Santos de Souza Nogueira

Daniel Caldeira de Melo

Danty Dias Marchezane

Délcio Fernando Guimarães Pereira

Elizabeth de Lacerda Barbosa

Elza Maria Gonçalves Lobosque

Gab Almeida Moreira Lamounier

Gabrielly Dolores Rios da Cunha

Henrique Galhano Balieiro

Hudson Bruno Cares Carajá

Isabella Cristina Barral Faria Lima

João Henrique Borges Bento

Júnia Maria Campos Lara

Liliane Cristina Martins

Lorena Rodrigues de Sousa

Lourdes Aparecida Machado

Luís Henrique de Souza Cunha

Márcio Rocha Damasceno

Marleide Marques de Castro

Paula Ângela de Figueiredo Paula

Renata Ferreira Jardim de Miranda

Suellen Ananda Fraga


Ted Nobre Evangelista

Wellington Eustáquio Ribeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
CONFERÊNCIA DE ABERTURA: “PSICOLOGIA DO ESPORTE: DA FORMAÇÃO À PROFISSIONALIZAÇÃO”	11
PSICOLOGIA DO ESPORTE BASEADA EM EVIDÊNCIAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	27
OS CAMPOS DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA DO ESPORTE NO PONTAL DO TRIÂNGULO: EXPERIÊNCIAS COM OS ESTÁGIOS PROFISSIONALIZANTES	35
A FORMAÇÃO NA PSICOLOGIA DO ESPORTE NA GRADUAÇÃO: OS (DES)CAMINHOS PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO	41
A FORMAÇÃO EM PE A PARTIR DA RESOLUÇÃO DO CFP-014/00: A EXPERIÊNCIA MINEIRA	49
RELATÓRIO DA MESA PSICOLOGIA DO ESPORTE E SUAS PERSPECTIVAS NA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO	59
A PSICOLOGIA DO ESPORTE SOB A PANDEMIA DO COVID 19: OS IMPACTOS E POSSIBILIDADES	65

POLÍTICA PÚBLICA DE ESPORTE E LAZER PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E O SUBCAMPO 'PSICOLOGIA DO ESPORTE'	71
RELATORIA DA MESA: "PSICOLOGIA DO ESPORTE E POLÍTICAS PÚBLICAS"	81
RELATORIA DA MESA: "PSICOLOGIA DO ESPORTE: UMA VISÃO DE ATLETAS E TREINADORES"	85
RELATORIA DA MESA: "A ATUAÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A) DO ESPORTE NO CONTEXTO COMPETITIVO DE BASE"	89
O RACISMO DENTRO E FORA DAS QUATRO LINHAS: COMO A PSICOLOGIA DO ESPORTE ENFRENTA O RACISMO?	93
RELATORIA DA MESA: "DIVERSIDADE, GÊNERO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESPORTE"	103
PSICOLOGIA DO ESPORTE E PARADESPORTO: IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO E DA ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR	115
ANEXO I	125
SOBRE AS(OS) AUTORAS(ES)	135



APRESENTAÇÃO

Paula de Paula (CRP04/ 9650)

Conselheira diretora-secretária do XVII plenário do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP04); Coordenadora do Centro de Referência em Políticas Públicas (CREPOP) e da Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte (COPES), conselheira de referência da Comissão de Orientação em Clínica. Psicanalista praticante em consultório particular.



É com muita alegria que apresento o livro do III Encontro Mineiro de Psicologia do Esporte (EMPE), realizado entre os dias 22 e 24 de abril de 2021, na modalidade on-line e gratuita, fruto de um esforço coletivo da Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte (Copes) do XVI plenário do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais - CRP/MG, sob a batuta de Wellington, seu coordenador. Durante toda a pandemia a Copes trabalhou intensamente e o III EMPE é o testemunho do trabalho que é feito por psicólogas(os) em Minas Gerais. O evento foi um sucesso, pois contou com 1.500 inscritos e uma participação on-line significativa, dando a essa especialidade da Psicologia a visibilidade que ela merece.

Por isso, a realização do evento e a publicação desse livro são estratégias da Comissão para fortalecer cada vez mais as(os) psicólogas(os) do esporte de Minas, para que estejam à altura de prestar os melhores serviços em todas as áreas do Esporte, da atividade física e do lazer.

Minha satisfação se justifica porque em 2001, eu fazia parte da chapa do Movimento Cuidar da Profissão, que concorria às eleições para o X Plenário, com a promessa de instituir a COPE em Minas Gerais. Essa ação era muito importante, considerando que a Resolução 014/00 de dezembro de 2000, havia instituído a Psicologia do Esporte (PE), como uma das primeiras nove especialidades da Psicologia no Brasil. Durante a gestão do X Plenário, a COPE realizou 2 encontros com o objetivo de estreitar as relações entre o Conselho Regional de Educação Física (CREF) e o CRP04, considerando a interdisciplinaridade das ações dos profissionais do esporte e as(os) Psicólogas(os).

O CRP04 continuou com o funcionamento da Copes no XI Plenário sob a coordenação de Vera Cardoso, mas como as comissões dependem do desejo decidido de um(a) conselheiro(a) para existir, ficamos até 2011 sem seu funcionamento, quando eu retornei como conselheira no XIII Plenário. No final de 2013, presenciei a decisão da Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (APAF), de instituir um Grupo de Trabalho Nacional de PE, visando acompanhar o desenrolar da Copa da FIFA em 2014 e das Olimpíadas em 2016.

No XIV Plenário, Elizabeth Lacerda do CRP04 estava como conselheira no CFP, representando a região sudeste no GT Nacional de PE e só em dezembro de 2018 (como fruto dos trabalhos deste GT), o CFP publicou a revista *Diálogos*,

inteiramente destinada a essa temática. Na sequência, em 2019, o Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), lançou a cartilha de Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) em Políticas Públicas de Esporte, mostrando o quanto, dentro do sistema de conselhos, a PE tem se fortalecido.

De 2017 a 2022, tivemos duas gestões nas quais o conselheiro Yghor Queiroz Gomes assumiu a COPE, inaugurando o formato desta série de encontros mineiros de PE. O III EMPE teve como mote a necessidade de pôr em pauta a formação profissional de quem se interessa em atuar na PE, desde a graduação nas Instituições de Ensino Superior (IES) até a oferta de cursos de pós-graduação, pois é um desafio das(os) psicólogas(os) prestar um bom serviço na área do esporte, seja no rendimento, mas também, no esporte educacional, já que o esporte é um direito constitucional. As mesas do III EMPE refletem a diversidade dos temas e de como estamos compromissadas(os) com a democratização do esporte, o que exige uma atuação profissional anticapacitista, antirracista, antiglobotrófica e antissexista.

Foram 3 dias de intenso trabalho, entre 22 e 24 de abril de 2021, distribuídos em 9 mesas com 3 palestrantes e uma mediação. A organização do evento instituiu a função de relatoria, ou seja, uma pessoa responsável por registrar as discussões que se produziram no final de cada uma das mesas, para termos uma síntese. Em alguns casos são esses relatórios que darão a medida do que foi tratado na mesa. Agradecemos também aquelas e aqueles palestrantes e relatoras(es) das mesas, que se sentiram estimulados a entregar seus textos e que fazem parte deste livro. Agradecemos a todas e todos que participaram da comissão organizadora do Encontro, pois sem elas (eles) nada disso poderia ter acontecido. Em especial, nosso agradecimento a Wellington da Cruz Alvarenga, coordenador da Copes da subsele Triângulo, que assumiu também o desafio de coordenar a organização geral do Encontro, função que desempenhou com muita competência.

Como nem todos os palestrantes entregaram seus textos, sugerimos que o leitor acesse o programa completo do evento no Anexo I, para saber sobre a variedade dos temas abordados nas mesas, bem como o nome dos palestrantes convidados. No anexo II, vocês encontrarão o currículo dos colegas

que entregaram seus textos e que aparecem na sequência das mesas nas quais participaram.

Depois do texto da conferência de abertura, vocês poderão ler Talita Rocha Santos e Telma Sara Q. Matos, que falaram na primeira mesa do dia 23 de abril às 8h30, intitulada: *Psicologia do Esporte nos cursos de graduação em Minas Gerais: Que Psicologia é essa?*

Depois aparecem os textos de Emmi Myotin e Paula de Paula, referentes à mesa de 10h30: *Psicologia do Esporte e suas perspectivas na graduação, pós-graduação e em projetos especiais*. Na primeira mesa da tarde deste dia, com a mesa: *Psicologia do Esporte e Políticas Públicas*, temos a contribuição de Juliana Santana Prado e Marcelo de Melo Mendes, e às 15h30, temos apenas o texto dos relatores sobre a mesa: *Psicologia do Esporte: Uma visão de atletas e treinadoras(es)*.

No dia 24 de abril de 2021, vamos encontrar a relatoria de Camila de Castro Barros Valicente sobre a mesa de 8h30: *A atuação da(o) psicóloga(o) no contexto do esporte competitivo de base*. Na mesa de 10h30: *Diversidade, gênero e questões étnico-raciais no esporte*, encontraremos o texto de Ewerton Donis de Melo e a relatoria de Camila Fátima Vieira de Souza e de Paula de Paula, que trouxeram inclusive as discussões realizadas sobre questões postas no *chat* pelos internautas. Da mesa de 13h30: *Reflexões sobre a Psicologia do Esporte paraolímpico*, temos a contribuição de Marcelo de Melo Mendes. O livro, que aqui apresentamos, foi prometido à categoria durante a realização do III EMPE e, por isso, nossa alegria e satisfação em entregá-lo agora. É bom dizer que, como o III EMPE ficou gravado no canal do *YouTube* do CRP04 e, portanto, é possível assisti-lo integralmente, acessando o endereço:

<https://www.youtube.com/watch?v=vwPr4iNe14U&t=104s>

CONFERÊNCIA DE ABERTURA: “PSICOLOGIA DO ESPORTE: DA FORMAÇÃO À PROFISSIONALIZAÇÃO”

Dia 22 de abril de 2021, (Quinta-feira) às 18h30.

Paula de Paula



Boa noite a todas, todos e todes.

Peço licença para me referir à categoria no feminino respeitando a decisão do último Congresso Nacional da Psicologia (CNP), em 2019, quando reconheceu o fato de sermos 89% de mulheres inscritas na autarquia. Antes de mais nada, eu gostaria de agradecer a sorte de meu destino por ter a honra de estar nessa mesa de abertura do III Encontro Mineiro de PE do CRP04. Para mim é um momento de grande alegria porque em 2001 eu inaugurei, como conselheira do X Plenário, a primeira comissão de Psicologia do Esporte (PE) no CRP04.

Dividirei a minha fala em três momentos: No primeiro, quero mostrar que a sorte de estar aqui tem a ver com a força de meu desejo em lutar, ao longo da vida, para ter minha competência reconhecida tanto como profissional do esporte (formada em educação física), quanto como Psicóloga do Esporte. No segundo momento, espero demonstrar como minha história pessoal se confunde com a história da PE enquanto uma das especialidades da Psicologia, pois após a instauração da Resolução 014/00 (que instituiu as primeiras especialidades), a PE inaugurou, no Brasil, uma orientação diferente da internacional. Por isso, a comissão de PE do CRP04 teve um papel muito importante no desafio de orientar e qualificar a categoria para prestarmos um bom serviço ao Esporte brasileiro. No terceiro, apresentarei os desafios que estão no horizonte da formação e da profissionalização das PE's e a importância dessa discussão no GT Nacional do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Vamos lá! Por que digo que estar aqui hoje é uma sorte, mas tem a ver com a força de meu desejo? Ora, para mim o destino de alguém é sempre a combinação de sorte com o desejo. Depois de quase uma década longe da militância pela PE, fiquei sabendo, em 2017, da reativação da comissão pelo conselheiro licenciado Yghor Gomes, a quem aproveito para agradecer a generosidade de ter me convidado para falar nessa mesa. Naquela ocasião não pude participar das reuniões que se realizavam nas sextas de manhã, porque nesse horário dava aulas no curso de Psicologia da PUC em Betim. Fiquei fora da organização do 1º e 2º encontros, mas também não recebi nenhum convite para falar em nenhum dos dois.

Se estou aqui hoje foi por uma combinação de fatores, todos ligados ao acaso, vocês verão. O primeiro foi na ocasião da mudança que se deu quando

Wellington Alvarenga, assumiu a coordenação da comissão. Estando na subsele do triângulo mineiro, ele mudou o dia das reuniões de sexta-feira de manhã, para terça-feira às 20h30. Mas, mesmo assim, eu ainda não podia participar, pois dava aulas até 20h40 na PUC-MG em Betim. Aí, o elemento do acaso entrou em cena, pois em março de 2020 a pandemia forçou a implantação do ensino remoto e por causa disso eu conseguia sair da aula e imediatamente entrar na reunião da Comissão, mesmo que um pouquinho atrasada. Aproveitando a sorte, coloquei em jogo meu desejo decidido de me apresentar e de participar mais ativamente. Quando mesmo depois de 8 horas sentada em frente ao PC dando aulas, você se sente animada para assumir um compromisso é porque o desejo está bem decidido! Dito isso, passo apresentar minha trajetória como profissional do esporte e psicóloga do esporte.

Comecei minha vida como atleta aos 13 anos, descoberta por um professor de educação física chamado Wilson Camilier, que tinha uma “escolinha” de voleibol no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), aqui em Belo Horizonte, (uma escola estadual que na minha época era só para meninas). O IEMG tinha uma equipe que participava de campeonatos escolares e as meninas que se destacavam eram encaminhadas para o Olympico Club, pela proximidade que existe entre os dois lugares.

Bom, aqui vou fazer uma digressão teórica que interessa à categoria: o esporte é um fenômeno que funciona como uma “caixa de ressonância” dos sintomas sociais. As subjetividades constituídas pelas condições materiais de seu tempo histórico, tem em seu DNA a forma como as pulsões humanas são reguladas pelas regras do jogo simbólico veiculado no discurso hegemônico. Tomando o esporte como Freud me ensinou a respeito do destino das pulsões, quero demonstrar como o jogo coloca em cena o trabalho do sujeito para regular a pulsão agressiva de domínio que ele nomeia como sendo “pulsão de morte”.

Importante lembrar a vocês que o sujeito do qual me refiro é o do inconsciente, que tem que se haver com seus recursos simbólicos para jogar com as regras da linguagem. De acordo com Freud, são 4 os destinos da agressividade: Você pode dirigi-la ao outro (sadismo); ela pode retornar em direção ao seu próprio eu (masoquismo); pode transformar-se em seu oposto (especularidade); e, por último, pode sublimar-se.

Freud nos ajuda a entender que no interior de qualquer jogo, o sujeito precisa dispor de recursos para operar com as regras vindas do outro. Embora, elas estejam postas igualmente para todos, cada um experimenta de maneira singular a demanda e, assim, descobre a partir de sua ação, se consegue atendê-las ou não. O fato é que se as regras são universais, só obtém a recompensa do prazer o sujeito capaz de, submetendo-se às regras do jogo, possa operá-las a seu favor.

Embora o sujeito não saiba por qual motivo não foi capaz de atender à demanda do jogo, ele vai experimentar a frustração de sua insuficiência quando fracassar. Diante dessa situação, ele pode dirigir a agressividade para seu próprio eu, assumindo a culpa pelo desprazer que sente. No caso de a defesa do Eu ser a de fugir do desprazer, o sujeito pode afastar-se do jogo/esporte, buscando se envolver com outra atividade da cultura. Um outro destino da pulsão é quando o sujeito, que não desfruta de prazer no jogo, por não conseguir atender à demanda implícita, dirige sua agressividade ao outro/adversário que, supostamente tem o que lhe faltou e por isso obtém o prazer buscado. Nessa situação o sujeito se rivaliza com o outro, elegendo-o como culpado por sua frustração, invejando-o, expondo-se a situações de violência e confronto.

Mas, o sujeito pode também eleger o outro (que supostamente tem o que lhe falta) como seu ideal de Eu, como uma referência a seguir. Nesse caso, ao invés de odiá-lo, pode transformá-lo em alguém que admira, tomando-o como um oponente digno de se enfrentar de igual para igual. Esse destino dado pelo sujeito à pulsão agressiva é o da sublimação, ou seja, usar da força dessa pulsão para amar o esporte e dedicar-se intelectual e profissionalmente a ele com todo o coração. Eu passei como sujeito por todos os destinos da pulsão. Desde menina o movimento corporal sempre me deu muito prazer. Gostava de me colocar à prova e quando o resultado obtido me frustrava eu sempre pensava que podia tê-lo evitado se tivesse me dedicado mais. Com isso adquiri uma enorme confiança na minha capacidade e força, afastando a dimensão de impossibilidade para a de uma impotência temporária.

Hoje, depois de 30 anos de análise, já há muito que entendi o motivo pelo qual o esporte me capturou com tanta intensidade, pois eu era alguém muito talhada para a competição e para o esforço que o trabalho exigia. Através do esporte obtive reconhecimento entre os pares na escola e na adolescência

encontrei o meu nome: Paula de Paula. O voleibol se tornou para mim um grande *sinthoma* e não foi à toa que escolhi fazer o vestibular para Educação Física, pois estava destinada a ser uma profissional do esporte.

Dou um salto nas conquistas que fiz como atleta, para falar da força que me moveu em busca de ser reconhecida como técnica de voleibol. Embora eu tenha trabalhado como professora de Educação Física no colégio Pitágoras de 1977 a 1990, (ano que terminei o curso de Psicologia), eu respirava voleibol por todos os poros. Vou dividir minha vida em três tempos para mostrar como enfrentei as dificuldades para ser reconhecida, tanto como profissional do esporte, quanto como psicóloga do esporte.

A princípio, como atleta, fui tomada pelo amor ao esporte e descobri que os fundamentos do voleibol tinham uma Psicologia própria, que me orientou ao longo da vida como atleta, mas depois também como técnica de equipes de mulheres. Eu as preparava psicologicamente para serem boas atletas, mas antes de tudo, para serem grandes mulheres. Nossa sintonia era tão grande que, quando estavam em quadra, jogavam por elas, mas também por mim. Elas me diziam que era importante a gente ganhar e por isso iam dar o melhor de si, porque queriam que minha competência fosse reconhecida. Tudo isso era lindo e eu espero que alguma delas esteja me escutando aqui hoje.

Vou dar o exemplo de como o saque e o bloqueio são os fundamentos do voleibol que mais foram importantes para me realizar como atleta e, também, como uma mulher que sempre quis ter uma carreira profissional no esporte. Espero que entendam o que está em jogo na psicologia desses dois fundamentos que me inspiraram e ainda me inspiram até hoje. O saque é o fundamento que inicia o jogo e o sucesso nessa ação independe da altura da atleta, coisa boa para mim que tenho apenas 1,67m. Eu sabia que era preciso estar concentrada não só para se decidir taticamente onde e como colocá-lo, mas para ser capaz de tecnicamente realizá-lo com precisão. Embora as capacidades físicas e habilidades psicomotoras sejam importantes, o que define o resultado final é a coragem que você precisa ter para dar um saque que coloque a equipe adversária em condições desvantajosas para realizar um bom ataque. O momento do saque é uma hora boa para medir o espírito da atleta, ou seja, conhecer a maneira como ela se comporta.

Como técnica, eu tinha o costume de desafiar as atletas a executar o saque “por cima”, da linha de fundo da quadra de olhos fechados. Eu mesma dava o exemplo de como fazê-lo, e as atletas ficavam interessadas em me vencer, ao mesmo tempo que impressionadas com a minha habilidade e concentração. A brincadeira não era só para que elas me admirassem, mas servia para que entendessem o quanto é preciso repetir uma técnica, uma combinação de ataque ou as coberturas de bloqueio na defesa, para que tudo esteja automatizado. Assim, na pressão do jogo, sobrará um espaço para um pensamento novo e para uma decisão tática inteligente. Por causa dessa “brincadeira”, minhas atletas entendiam quando eu lhes dizia que queria que as jogadas funcionassem como se elas estivessem de olhos fechados.

O outro fundamento, que me é muito caro, é o bloqueio. Até o juvenil eu jogava no ataque e com 1,67 nem sempre usaria a força para vencer o bloqueio, pois, até mesmo as atacantes altas não o fazem. Em determinadas situações, usar de astúcia para tirar proveito do bloqueio a seu favor é o mais inteligente. Diferente da situação do saque, a dinâmica do bloqueio implica uma análise da correlação de forças, porque é inevitável que em algumas situações a bola vai voltar no pé da atacante e é o que a gente chama de “tomar um toco”. Eu aprendi como atleta e estendi o aprendizado para toda minha vida profissional, que nessas horas, não adianta se ressentir, é preciso levantar a cabeça e se preparar para a próxima jogada.

Curiosamente eu escutei de um amigo, no início da organização desse evento que as psicólogas tinham sido bloqueadas por quase dez anos pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Confesso que eu sei exatamente sobre o que ele dizia, já que eu mesma sofri desse bloqueio... Espero com minha conferência, explicar de que bloqueio ele se referia e para isso passo então a apresentar os bloqueios que vivi como uma mulher, tanto como uma profissional do esporte, quanto como psicóloga do esporte. Assim passo imediatamente para o segundo ponto que prometi abordar sobre os “bloqueios” vividos.

O primeiro grande bloqueio aconteceu quando eu era uma técnica tricampeã de seleções em 1986, torneio de âmbito nacional promovido pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). Mesmo tendo a certificação internacional de nível três (que na época era o nível mais alto) e depois de provar minha competência técnica com as vitórias obtidas, eu vi meu auxiliar técnico chegar à comissão da

seleção brasileira, ao passo que eu nunca fui convocada para qualquer função.

Não pensem que isso me fez recuar, pelo contrário, eu enviei uma carta ao Nuzman (que na ocasião era presidente da CBV) pedindo para que me fosse dada a oportunidade de pelo menos compor a comissão técnica da seleção brasileira. Depois soube em conversa pessoal, com o presidente da Federação Mineira de Voleibol, que eu não teria esse lugar dentro da CBV, pois o quadro de profissionais já estava organizado para um ciclo de 10 anos. Foi nesse ano que decidi fazer Psicologia, pois minha condição de transitoriedade no cargo de técnica da seleção mineira ficou evidente. Em 1987, quando eu desci pela primeira vez ao terceiro lugar do pódio, fui substituída por um técnico no ano seguinte.

Esse é um tipo de bloqueio fulminante, como se eu tivesse tomado “um toco” e a bola voltado no meu pé! Ao iniciar o curso de Psicologia, eu já estava me preparando para uma próxima jogada, esperando o momento em que a seleção brasileira fosse incluir uma profissional da Psicologia em sua comissão técnica. Aqui deixo fora a análise do fenômeno “Teto de vidro”, utilizado para demonstrar as barreiras que sofrem as mulheres no âmbito das carreiras, porque o tema está para além do meu objetivo agora.

A escolha pela Psicologia não foi aleatória, primeiro porque eu já era conhecida como alguém que dava muita importância à preparação psicológica de minhas equipes e segundo pela crença de que me qualificando melhor, romperia lá na frente o bloqueio que sofri, já que a Psicologia sempre foi uma profissão feminina. Estava fazendo dessa forma uma aposta de que conseguiria fugir do bloqueio e ascender profissionalmente, mesmo sendo uma mulher.

Mas, durante o curso de Psicologia eu descobri o quanto a Psicologia do Esporte que eu conhecia e praticava (enquanto profissional do esporte) deixava de fora de seus estudos e intervenções, os aspectos inconscientes da subjetividade do atleta e a análise das coordenadas simbólicas que a constituíam historicamente. Além disso, meu feminismo se acirrou, quando analisando os fundamentos do capitalismo, descobri que era ilusão crer que para driblar as dificuldades e fugir dos bloqueios em nossa sociedade, basta que as pessoas se esforcem muito, porque tudo é uma questão de mérito.

Eu me formei em 1990, década em que o Brasil estava (após 20 anos de

ditadura), em plena reabertura democrática. Eu iniciei minha militância no movimento “Cuidar da Profissão” que se levantou naquela época em defesa de uma psicologia com compromisso social. Meu engajamento com esse movimento foi tão orgânico que se mantém até os dias de hoje. Quando me graduei havia pouquíssimas psicólogas do esporte formadas em Psicologia em todo o Brasil. Mas a raridade da minha condição (profissional do esporte e psicóloga) não me garantiu reconhecimento e contratação. É bom dizer que aqui em Minas era necessário ter a aprovação do grupo do Laboratório de Psicologia (LAPES) da EEFPTO/UFMG, que pela tradição de seu trabalho de pesquisa, sempre manteve hegemonia na área.

Um ponto me colocava fora da aprovação desse grupo, era a minha crítica à orientação internacional que dividia a PE entre uma psicologia educacional e uma psicologia clínica. A psicologia educacional se dedicava à pesquisa de técnicas psicológicas e o ensino de sua aplicação, aspectos fundamentais para o sucesso dos atletas e equipes e era hegemonicamente praticada pelos profissionais do esporte. Por outro lado, a psicologia clínica do esporte era praticada por psicólogas(os) e visava elaboração de psicodiagnósticos (com uso ou não de testes), técnicas de treinamento mental, aconselhamento e acompanhamento dos atletas. Como a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte (SOBRAPE) estava orientada pela Sociedade Internacional e pela Associação de Psicologia Americana (APA), que em 1986, tinha aprovado a Psicologia do Esporte e do Exercício como sua 47ª especialidade, mantendo a mesma divisão de funções entre Psicólogas e Profissionais do Esporte, a correlação de forças me era muito desfavorável.

Embora eu entendesse os motivos dessa divisão, eu via aparecer com ela um problema ontológico quase insolúvel, que se resumia em definir o lugar de onde se estava falando, ou seja; de uma Psicologia **do** Esporte ou de uma Psicologia **no** Esporte. O psicólogo do esporte alemão Alexander Thomas (1978), quando tocava nessa questão, dizia que a Psicologia enquanto “ciência-mãe” tinha a missão de assumir a maternidade de sua “filha-bastarda” a Psicologia do Esporte. Ora, quando analisamos o campo de forças que constituía o lugar da mãe e da filha no Esporte, vimos que a relação das duas repetia o mal-estar clássico da relação mãe-filha e que no caso da PE era evidente que a filha desejava prescindir da mãe.

A Psicologia do Esporte alçou o olimpo de sua importância quando foi considerada uma das Ciências do Esporte e aludiu a promessa de contribuir para forjar um “super-homem”. Se não fosse pela inseparável fusão entre “performance-ansiedade”, provocada pela extrema exigência e pressão pelo desempenho atlético, talvez o Esporte tivesse prescindido da Psicologia. Para mim, a divisão colocava evidente o fracasso da “ciência-mãe” fazer a “filha-bastarda” aceitar suas críticas, vendo-a pender para um campo no qual o corpo e suas habilidades físicas e coordenativas integrarem como mercadorias o complexo sistema de forças produtivas no modo de produção capitalista. Essa crítica azedava a relação com a filha que deixava passar, sem nenhuma reflexão crítica, a dupla que parece inseparável “dinheiro-desempenho”, configurando-se como estruturante uma radical seleção “darwinista” dos corpos e subjetividades mais adequadas e vista como “naturais”.

Além disso, minha discordância com o lugar reservado às psicólogas no Esporte vinha de uma crítica à concepção de clínica que ali aparecia, completamente herdeira da medicina tradicional. Eu, que estava impregnada do conceito de “clínica ampliada” vindo da Política da Saúde Mental, entendia o porquê de sermos deixadas de fora e convocadas ao trabalho apenas enquanto “bombeiras”, ou seja, quando as coisas e ou pessoas não iam bem. Na verdade, foi por causa dos altos custos cobrados, tanto financeiros quanto humanos (quando atletas promissores fracassavam em suas empreitadas), que as psicólogas eram vistas como necessárias.

Hoje, eu entendo que a defesa de uma PE fora dessa orientação tenha me feito sofrer meu segundo bloqueio profissional, desta vez como psicóloga do Esporte e foi aí que pude entender o bloqueio ao qual meu amigo se referia, quando disse que as psicólogas demoraram 10 anos para serem aceitas pelo COB.

Minha situação de bloqueio era tão desoladora que, em 1991, deixei de ser professora de Educação Física e comecei do zero, trabalhando como psicóloga no Hospital Galba Velloso (HGV). Primeiro fui contratada pela Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), mas depois em 1993 (como concursada), assumi o cargo de psicóloga já militante da Luta Antimanicomial. Em 1994, fiz o curso de especialização em clínica na Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG) e já estava fazendo minha formação em Psicanálise. A

partir de minha análise pessoal, sou capaz de aceitar sem sofrimento que as coisas não acontecem, nem quando e nem como a gente quer.

Mas é preciso considerar que mesmo quando a gente recalca um desejo, ele retorna mais à frente e isso é percebido em minha história durante a década de 1990 a 2000. Mesmo trabalhando na política de saúde mental recebi vários convites de dirigentes e treinadores para preparação psicológica de seleções mineiras e brasileiras de outras modalidades para além do voleibol. Mesmo conquistando campeonatos sul-americanos como PE, os compromissos eram esporádicos e nunca resultaram nem em ganhos financeiros e nem em contratação por nenhum clube.

Em 1990, recebi um convite para organizar e dirigir uma equipe no Olympico Club quando já estava longe dessa função há 3 anos. Minha passagem pelo clube foi coisa rápida, mas suficiente para eu encontrar o meu amor, meu marido e companheiro Alexandre Arantes. Como homem do esporte e treinador de basquete estava naquele tempo na seleção estudantil e, em 1992, ele me envolveu com a preparação psicológica das equipes nos Jogos Escolares Brasileiros. O trabalho não tinha nada novo para mim, mas me abriu a possibilidade de participar como psicóloga da consultoria da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Minas Gerais, em 1995 (na gestão de Eduardo Azeredo), que estava responsável pela reforma do ensino fundamental e médio da Educação Física.

A Psicanálise havia tomado o lugar de meu desejo por reconhecimento, de maneira que não me ressentia mais das barreiras que sofri ao longo do caminho e continuava com a formação e com a análise pessoal, pois a correlação de forças deixava evidente que não havia chances de vencer como PE. Decidi fazer disciplinas isoladas do mestrado em filosofia na FAFICH/UFMG junto a Walter Evangelista para iniciar uma carreira acadêmica. Quando estava com o projeto de pesquisa pronto, Walter me disse, em 1999, que estava indo para um pós-doc e só voltaria 2 anos depois e eu vi naquele momento meus planos desmoronarem. Por causa da consultoria que havia participado e da capacitação de professores de Educação Física que estavam envolvidos em todo o estado de Minas Gerais, eu havia me aproximado do diretor da EEFFTO/UFMG na ocasião, o prof. dr. Pablo Juan Greco. Ele era responsável pelo Centro de Estudos de Cognição e Ação (CECA), dedicado às pesquisas de inteligência tática nos jogos esportivos.

Ao citá-lo, aproveito a oportunidade para lhe agradecer a generosidade de me aceitar em 1999, como uma orientanda de mestrado, dando-me a condição que havia perdido na Filosofia com Walter Evangelista.

Em 2000, antes de terminar o mestrado, fiz concurso na prefeitura municipal de Belo Horizonte, para analista de políticas públicas na secretaria municipal de esporte e lazer (SMEL/PB). Me interessava trabalhar como PE na formulação e implantação de políticas de esporte e lazer, já que não tinha ninguém em Belo Horizonte fazendo isso. Tive a experiência por quase 3 anos pensando e implementando políticas a partir da Psicologia Social do Esporte. Desafiada em pensar o esporte enquanto direito constitucional, escrevi e implantei um projeto em parceria com o “Programa Miguilim”, executado pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), em 2001, e o sustentei até minha ida definitiva para a SMAS.

Depois da obtenção do título de mestre em 2001, iniciei minha carreira acadêmica, dando aulas de Psicologia do Esporte e de voleibol no curso de Educação Física do UNI/BH. Mas, também, aí sofri um bloqueio por uma demissão, mas que foi rapidamente superado quando, em 2002, fui aprovada na seleção para professora na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (FAPSI/PUCMG). Na FAPSI, encontrei meus verdadeiros pares e para minha surpresa foi também nesse ano, de 2002, que fui contratada para elaborar e implantar um projeto de PE para a base do Clube Atlético Mineiro (CAM). O convite foi muito interessante porque estava baseado em dois preconceitos machistas. O primeiro era de que eu era mais indicada por ter sido atleta e técnica e o segundo porque era uma mulher casada e madura e não me envolveria com os atletas do clube. Vocês devem saber o fundamento dos dois preconceitos e eu não tenho tempo para discorrer sobre isso agora. Não deixei de apontar o equívoco a quem me contratava, mas agradei assim mesmo a oportunidade, que já me parecia impossível. Dois anos após, o gerente que havia me contratado saiu e eu pensei que estaria fora também. Entretanto, isso não aconteceu e eu atravessei como PE no CAM por 4 gerências na base e 3 presidências do clube.

Eu esperava que, na década de 2000, eu encontrasse condições como professora da FAPSI de aproveitar a experiência como PE em um clube grande como o CAM, para produzir pesquisas e implementar cursos de formação na

área. Confesso que não tinha a menor ideia de como isso seria difícil dentro da Psicologia. Eu dei cursos de extensão e nunca deixei de propor mesas e minicursos em Jornadas da Psicologia na PUCMG. Tenho dado incontáveis entrevistas sobre o assunto para alunas do curso, mas não consegui nem emplacar uma especialização, já que não tinha força política para tal. Continuo tentando...

Devido ao meu envolvimento, desde 1996, com a comissão de Saúde Mental do Conselho Regional de Psicologia (CRP) de MG, fiquei sabendo que o CRP de SP tinha instituído uma comissão de PE, seguido do CR's do Paraná e do Rio Grande do Sul. Estive nesses lugares participando das conversas, dos encontros e logo me dei conta de que havia encontrado psicólogas que pensavam a PE tal como eu aprendi a pensá-la sozinha durante minha graduação.

Eu vislumbrei com alegria que seria possível me fortalecer profissionalmente e comecei a me preparar para uma próxima jogada buscando finalmente vencer o bloqueio de não ser reconhecida como PE em MG, por pensar “fora da caixinha”. Seguindo os passos do CRP de SP, eu decidi concorrer ao X Plenário do CRP/04, para incluir pela primeira vez na campanha, o compromisso com a instituição de uma comissão de Psicologia do Esporte (PE) em Minas Gerais.

Mas foi nessa primeira década da virada do século que o bloqueio que eu sofri foi mais ferrenho, pois o X Plenário começou sua gestão no início de 2001, logo depois da promulgação em dezembro de 2000 da Resolução 014/00, que incluiu a PE como uma de suas especialidades. É preciso explicar que o movimento “Cuidar da Profissão” se mobilizou, regional e nacionalmente, para ganhar as eleições para o Sistema Conselhos com o mote de uma “psicologia com compromisso social”. O objetivo era o de estender a contribuição da psicologia para fora dos consultórios particulares, dando credibilidade e conferindo legitimidade aos profissionais para o trabalho nas políticas públicas.

A aprovação da Resolução 014/00 na Assembleia de Políticas Administrativas e Financeiras (APAF) em dezembro de 2000, foi consequência das articulações políticas desse movimento da categoria, e não uma decisão solitária de um grupo de psicólogas do esporte que aproveitou a oportunidade para aprovar o que lhe interessava. Repito, o movimento visava construir referências ético-políticas para o trabalho das(os) psicólogas (os) nas políticas públicas, porque estávamos

para além do esporte de rendimento, interessadas nas políticas públicas, considerando também o Esporte enquanto lazer e direito constitucional.

Entretanto, o conflito que eu própria vivia pessoalmente em MG foi deflagrado em nível nacional entre as categorias dos profissionais da Educação Física (EF) e da PE. Na minha cabeça não havia confusão e nem motivo para disputas de narrativa, porque eu sabia e concordava que a Psicologia como uma “Ciência do Esporte” já estava consolidada como campo majoritário de pesquisa e de interesse dos profissionais do esporte, mas isso não se confundia com o fazer da PE enquanto uma especialidade da Psicologia.

Se atualmente parece óbvio a Psicologia do Esporte ser uma Ciência e, também, uma especialidade profissional da Psicologia, naquela década a coisa não estava tão óbvia assim. Até para muitas psicólogas que trabalhavam no Esporte esta diferença da Psicologia enquanto Ciência e Profissão não estava evidente. Foi por isso que como presidente da primeira comissão de PE no CRP04 (depois de muitas reuniões quinzenais e do compromisso de interiorização da PE), decidimos, em 2002, que era importante realizar um Seminário de Psicologia do Esporte. O principal objetivo era o de pactuar boas relações entre nossa categoria e a dos profissionais do esporte. O 1º Seminário colocou, na mesa de abertura, a presidente do Conselho de Psicologia da 4ª Região (CRP04), na ocasião a Sra. Marta Elizabete de Souza, e o presidente do Conselho de Educação Física (CREF), Sr. Claudio Boschi, e contou com a participação de Dietmar Salmusk e de todos que trabalhavam na área. Em 2004, o 2º Seminário foi realizado junto com o 2º Seminário do UNI-BH e o VI Simpósio Mineiro da Sociedade Mineira de PE (SOMIPE), sessão da Sociedade Brasileira de PE (SOBRAPE).

Por mais que eu buscasse interlocução, as relações continuavam difíceis e em 2004, participando da diretoria da SOMIPE, presenciei a sua dissolução, por absoluta falta de coesão interna. Naquele momento a correlação de forças entre o bloqueio que sofria e minhas condições de superá-lo eram tão desiguais que a bola voltou de novo no meu pé!

Embora eu esperasse progredir em minha carreira como PE (por estar no CAM), não foi isso que aconteceu. E se aparentemente a correlação de forças estivesse favorável às psicólogas, eu pessoalmente vivia um bloqueio até no CAM, pois ali estavam pessoas com as quais eu convivi de perto no mestrado e estavam bem ressentidas comigo.

Resolvi me dedicar à carreira acadêmica e parti para um doutorado em Psicologia Social na PUCSP, buscando dar um rumo mais seguro à minha vida. Eu consegui organizar o funcionamento da PE na base do CAM e sei que deixei lá um legado. Mas as condições financeiras me fizeram investir no doutorado e, logo depois de terminado, recebi um convite para assumir, em 2012, o regime de tempo integral na FAPSI/PUCMG. Não foi sem sofrimento que me vi obrigada a aceitar o cargo, buscando me estabilizar financeiramente. Pude deixar meu lugar na base do CAM para uma psicóloga que tinha sido uma de minhas estagiárias na base, dentre as muitas que passaram pelas minhas mãos nos quase 10 anos que trabalhei lá.

O mais difícil em sofrer esse bloqueio foi escutar a acusação de colegas da Educação Física de que a Resolução 014/00 foi um golpe corporativista da categoria profissional, já que nós psicólogas não entendíamos nada de esportes. O argumento dos profissionais do esporte de que a Psicologia não tinha a tradição de produzir conhecimentos sobre o esporte parecia legitimar essa acusação que nos faziam. Mas, o problema mesmo estava no fato de que a resolução tornava a PE um exercício profissional exclusivo de quem era formado em Psicologia e isso contrariava a orientação internacional, retirando a possibilidade dos profissionais do esporte se intitularem psicólogos educacionais do esporte no Brasil.

Esse marco legal fez com que no Brasil, a divisão - “psicologia clínica” e “psicologia educacional do esporte” - ficasse obsoleta, dando à categoria a possibilidade de ampliar sua participação em todo o período de preparação das equipes e de atletas, sem serem destinadas apenas a atender especialmente indivíduos problemáticos ou talentosos demais.

Eu resolvi não me candidatar novamente para outra gestão no CRP04, mas a vida institucional da comissão de PE continuou no XI Plenário sob a coordenação de Vera Cardoso, que também trabalhou muito e sofreu um bocado. Em 2007, fui selecionada para assumir a disciplina Psicologia aplicada à Educação Física e Esporte no curso de Educação Física da PUCMG e estou lá até hoje, sendo muito bem avaliada pelos alunos e colegas.

Quando, em 2011, eu fui novamente convocada pelo movimento Cuidar da Profissão para concorrer às eleições, eu já estava envolvida academicamente com a Psicologia e Políticas Públicas, que é uma das disciplinas que ministro há

20 anos na FAPSI/PUCMG. Foi nesse ano que defendi minha tese de doutorado na Psicologia Social da PUCSP, em um núcleo que conjuga teoria psicanalítica e marxismo, onde defendi a tese de que o “desejo do analista é um dos nomes do amor”: um amor mais digno que a solidariedade social.

Nessa gestão eu assumi a coordenação do CREPOP e não me ocupei com a PE, pois confesso que estava cansada demais para continuar o jogo de driblar bloqueios. Eu já sabia da ABRAPESP e da mobilização de outros CR's em torno da PE e podia deixar as coisas correrem bem sem a minha participação. Aqui, em Minas Gerais, as pessoas da área tinham me isolado de tal maneira que não faziam questão de mim. Por outro lado, minha tristeza de não conseguir implantar a PE nos cursos de Psicologia da PUCMG foi curada em minha análise e eu decidi, sem ressentimentos, ser feliz mesmo assim.

Ainda como conselheira, em 2013, participei de reuniões de um incipiente GT Nacional de PE e vi no final do ano a Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (APAF) aprová-lo oficialmente. Esse GT aproveitaria os grandes eventos esportivos que aconteceriam no Brasil (a copa da FIFA, em 2014, e as olimpíadas, em 2016), para fortalecer essa especialidade da Psicologia junto às instituições esportivas e junto à categoria profissional. Depois disso, Elizabeth Lacerda representou o CRP04 no GT Nacional e, em 2017, Yghor Gomes apareceu dando continuidade ao trabalho. Ele inaugurou uma série nova de Encontros Mineiros de PE (EMPE's) e é por isso que eu tenho a oportunidade de estar aqui.

O resultado dos trabalhos desse GT Nacional finalmente apareceu com as publicações, em 2018, da revista **Diálogos do CFP** e da cartilha do CREPOP, **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) em Políticas Públicas de Esporte**, ambas *on-line*.

Mas, como a vida dá muitas voltas e em um novo golpe de sorte, recebi o presente de ler a dissertação de mestrado de Emmi Myotin, e o convite de participar de sua banca em 2018. Inspirada em sua garra e sua força estou seguindo seus passos junto aos de Sérgio Cirino, que assumiu no CNPQ a coordenação do Grupo de Psicologia Social do Esporte (GEPSE). Depois desse encontro com Emmi, meu desejo pela PE se restaurou e eu estou apostando em uma nova década de trabalho, já que minha vida dá saltos de 10 em 10 anos. Pois então que venham os próximos 10 que eu estou animada!

PSICOLOGIA DO ESPORTE BASEADA EM EVIDÊNCIAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Talita Rocha Santos



1. PSICOLOGIA BASEADA EM EVIDÊNCIAS: CONCEITOS E MITOS

No cenário atual de pandemia da Covid-19, o tema “Práticas baseadas em Evidências” tem sido discutido em diversos cenários. Polêmicas relacionadas ao uso de práticas sem validade científica foi trazida em cena. O negacionismo científico e uso de métodos pseudocientíficos têm trazido consequências catastróficas em alguns países, ao mesmo tempo em que modelos cientificamente comprovados têm gerado bons desfechos em outros. No campo da saúde estamos vivendo um momento em que a ciência é colocada à prova a todo o momento, tornando fundamental a variação de métodos para comprovar a eficácia de determinada prática.

O desafio da Covid-19, enfrentado pela humanidade nos leva à reflexão da importância da prática médica baseada em evidências. Além de escancarar práticas sem validade científica que ainda acontecem na prática médica. A opinião pública, de maneira geral, tem cobrado práticas médicas baseadas em evidências em relação a Covid-19 e se estendeu para outros cenários da prática médica. No entanto, muitas vezes, há incoerência entre o repúdio da prática médica não baseada em evidências e a aceitação de práticas não baseadas em evidências em outras áreas da saúde, como por exemplo, a Psicologia.

A Psicologia Baseada em Evidências (PBE), nasceu na psicologia clínica, através da força tarefa da APA (*American Psychological Association*), em 2006, que teve como objetivo validar as práticas psicológicas para o tratamento em psicoterapia (Melnik *et al.*, 2014). A PBE integra a melhor evidência de pesquisa disponível, somado as variáveis relacionadas às diferenças individuais dos pacientes, aspectos fundamentais para tomadas de decisões em nível clínico e na orientação de políticas públicas na saúde mental (Leonardi; Meyer, 2015).

Apesar de importante para o cuidado com o paciente, para a ética profissional e respeitabilidade da Psicologia como Ciência e Profissão, a PBE encontra resistência por parte de muitos profissionais. Algumas dessas resistências estão na percepção equivocada sobre o que é PBE (Melnik *et al.*, 2014). Por isso, considera-se fundamental a discussão de alguns pontos em relação à prática psicológica baseada em evidência de forma geral para discutirmos a prática da Psicologia do Esporte baseada em evidência.

Parte da resistência está na crença de que, por se tratar do estudo do ser humano, a PBE torna-se inviável porque a busca por evidência poderia reduzir toda a complexidade humana. Essa crença é alimentada pela ideia de que a tentativa de mensurar variáveis psicológicas humanas poderia reduzir a subjetividade humana. O fato de cada sujeito ser único não anula o fato que algumas variáveis podem ser generalizáveis, orientando para a tomada de decisão profissional (Moore, 2007).

Ademais, todas as práticas em saúde apresentarão diferentes níveis de eficácias. Um exemplo disso é quando falamos que determinado medicamento tem 85% de eficácia, dizemos que ele não conseguiu atingir eficácia para 15% das pessoas. Sendo assim, justamente nesse ponto que a ciência avança, na investigação das variáveis que compõem essa população de 15%. Se transpusermos o raciocínio para a prática da psicologia conseguimos compreender os mecanismos de ação responsáveis pela melhora, ou não, de determinado caso. Quanto mais estudos e mais variáveis inseridas para a compreensão de determinado fenômeno, mais acurada, responsável e ética se torna a nossa prática.

Outra compreensão equivocada da PBE, é a ideia que apenas métodos quantitativos apresentam níveis de evidência e validade, tanto no método científico quanto na avaliação dos casos. No entanto, há diversas metodologias de pesquisa que possibilitam a investigação de determinada prática. Melnik e colaboradores (2014) sugerem a constante busca por evolução de métodos de investigação científicos, que podem ampliar a investigação no estudo das ciências que têm o ser humano, em suas infinitas subjetividades, como sujeito de pesquisa.

Compreende-se que apesar dos métodos científicos que temos hoje serem limitados na busca da compreensão humana, e os estudos não apresentarem eficácia total (caso que provavelmente não ocorrerá), não significa que devemos nos voltar para heurísticas em relação à prática da psicologia (Leonardi; Meyer, 2015).

Abandonar a ciência e valorizar a tradição ou experiências profissionais subjetivas apresentam um risco para o avanço científico da Psicologia. Além de dar espaço para o avanço de pseudociências em nossa área. Essa colocação

não significa que a experiência profissional e até mesmo a subjetividade do profissional não sejam fatores que se relacionam com a sua prática, e muitas vezes com a eficácia de sua intervenção. No entanto, considera-se necessário incluí-las na investigação científica e não as aceitar apenas como heurísticas de práticas profissionais embasadas por um discurso de autoridade.

2. PSICOLOGIA DO ESPORTE: DESAFIOS DO TREINO DE HABILIDADES PSICOLÓGICAS BASEADO EM EVIDÊNCIAS

No que se refere à Psicologia do Esporte outros desafios entram em cena, por ser uma área de estudo relativamente recente, quando comparada à psicologia clínica, e por ser um campo de trabalho interdisciplinar (Moran; Toner, 2017). Moore (2007) considera que a Psicologia do Esporte voltada para o alto rendimento e treino de habilidades psicológicas apresenta menos resistência a PBE, do que alguns campos de conhecimento da psicologia clínica. Apesar disso, há outros desafios que comprometem a prática psicológica baseada em evidências (PPBE).

Dentre os desafios apontados pelo autor, o discurso de autoridade e apego a práticas devido à tradição estão entre as principais ameaças a PPBE na Psicologia do Esporte. Em sua revisão da literatura, Moore (2007) aponta que os resultados em relação aos métodos tradicionais do treino de habilidades psicológicas (THP) são incongruentes. Essa inconsistência pode ser explicada por problemas metodológicos dos estudos (principalmente em relação ao tamanho da amostra), suposições sobre a homogeneidade dos atletas (sem considerar variáveis de controle em relação às diferenças individuais da amostra), dificuldade em mensurar desempenho psicológico (controlando efeito de outras variáveis) e medidas inadequadas para avaliar o desempenho esportivo.

Outro ponto que merece a devida atenção está relacionado à compreensão dos mecanismos de ação responsáveis pelos resultados que demonstram eficácias favoráveis. Compreender os mecanismos de ação responsáveis torna-se fundamental quando tratamos de verificar a eficácia de determinado método de intervenção. Dessa forma não basta compreender se funciona ou não, mas o “porque funciona?”, “sob que circunstâncias?”. Distinguir os mecanismos de ação e seu arcabouço de variáveis permite ao profissional tomar decisões mais eficazes. No entanto, para compreendermos os mecanismos de ação, entende-

se como essencial partirmos de modelos teóricos atualizados e consistentes com os avanços da psicologia como ciência e profissão.

Por fim, compreende-se que algum entrave da PPBE na Psicologia do Esporte consiste na cisão entre Psicologia e Psicologia do Esporte como áreas, campos de atuação e ciências distintas. Principalmente no que concerne à ideia tradicional e obsoleta que rendimento esportivo e bem-estar psicológico incluem necessariamente processos distintos. Isso não significa que o esporte não consista em um contexto próprio, fazendo parte de um fenômeno sociocultural e histórico, que apresenta suas especificidades. No entanto, há um tabu que a Psicologia do Esporte é uma ciência que deve caminhar de maneira separada da psicologia, por possuir um contexto específico. Esse tabu dificulta a PPBE, principalmente no que tange aos modelos psicológicos e técnicas baseadas em evidências utilizadas no contexto para população geral. Moore (2007) afirma que poucos estudos verificam a relação entre saúde mental e bem-estar no desempenho esportivo. Sendo assim, explorar essa relação pode ser um caminho importante para superar esse tabu.

3. PERSPECTIVAS FUTURAS: O PAPEL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PARA CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA

Compreende-se que a Psicologia do Esporte, é uma ciência relativamente jovem quando comparada à história da psicologia (Vieira *et al.*, 2013). Até o momento discutiu-se a prática da Psicologia do Esporte baseada em evidências no que se refere ao Treino de Habilidades Psicológicas (THP). No entanto, vale ressaltar as diversas fontes de intervenções e áreas de atuação da Psicologia do Esporte. Com isso, elucida-se também as diferentes possibilidades de investigações científicas e em diferentes metodologias para promover as práticas psicológicas baseadas em evidências, nas suas diversas frentes de atuação.

Promover a PPBE na Psicologia do Esporte perpassa conectar pesquisa e prática profissional. O nosso contexto historicamente tende a dividir os profissionais que atuam na pesquisa dos profissionais que atuam na prática, diferente dos modelos adotados por alguns países, em que a prática é conectada à produção do conhecimento. Paralelamente a isso, a pesquisa necessita ir a

campo para compreender as lacunas do conhecimento. Dessa forma, um caminho para incentivar a PPBE está em ampliar o acesso dos alunos aos futuros campos de trabalho, ampliando campos de estágio.

Além desses pontos, considera-se fundamental o fomento do pensamento crítico e investigação científica na formação profissional, principalmente nos cursos de graduação. O pensamento crítico auxilia na quebra de discursos de autoridade e tabus que muitas vezes controlam a tomada de decisão na prática profissional. Ademais, o pensamento crítico é a mola propulsora para novas investigações e produções de conhecimento.

Em suma, entende-se que enxergar lacunas, obstáculos e pontos para o desenvolvimento da Psicologia do Esporte não significa desmerecimento de tudo que é e foi produzido. No nosso contexto há grupos de pesquisa e profissionais que exercem (e exerceram) trabalhos de excelência, com compromisso ético, excelentes resultados e grande contribuição para a Psicologia do Esporte a nível mundial. No entanto, não questionar nossa área de atuação e possibilidades de aperfeiçoamento, entendendo que a Psicologia do Esporte já é uma área consolidada, pode nos colocar em uma posição dogmática e perigosa, em uma direção oposta ao fluxo da ciência. Entende-se que questionamentos e incômodos são essenciais para a evolução de qualquer área do conhecimento.

REFERÊNCIAS

LEONARDI, J. L.; MEYER, S. B. Evidence-Based Practice in psychology and the history of the search for empirical proof on the efficacy of psychotherapies. **Psicologia: Ciência e profissão**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 1.139, 2015.

MELNIK, T.; SOUZA, W. F.; CARVALHO, M. R. A importância da prática da psicologia baseada em evidências: Aspectos conceituais, níveis de evidência, mitos e resistências. **Revista Costarricense de Psicología**, San Jose, v. 33, n. 2, p. 79-92, 2014.

MOORE, Z. E. Critical thinking and the evidence-based practice of sport psychology. **Journal of Clinical Sport Psychology**, USA, v. 1, n. 1, p. 9-22, 2007.

MORAN, A.; TONER, J. **A critical introduction to sport psychology**: A critical introduction. Londres: Taylor & Francis, 2017.

VIEIRA, L. F.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, J. L. L. O estado da arte da pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. **Revista de psicología del deporte**, Barcelona, v. 22, n. 2, p. 501-507, 2013.

OS CAMPOS DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA DO ESPORTE NO PONTAL DO TRIÂNGULO: EXPERIÊNCIAS COM OS ESTÁGIOS PROFISSIONALIZANTES

Telma Sara Q. Matos



Peço licença para começar a escrita desse texto com algumas informações relacionadas às minhas experiências profissionais, em especial a minha paixão pela Psicologia do Esporte. Sou Doutora em Psicologia, no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP - Ribeirão Preto. Possuo Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Sou graduada em Bacharelado e Formação em Psicologia (UNITRI) e, também, graduada em Licenciatura Plena em Educação Física (UFU). Nos meus estudos, a Psicologia e a Educação Física sempre estiveram presentes como áreas correlatas e afins. Hoje, também possuo Pós-graduação em Neuropsicologia. Sou membro da ABRAPESP (Associação Brasileira de Psicologia do Esporte). Fui Psicóloga do Esporte do Centro de Treinamento de Atletismo Caixa SESI, Uberlândia - MG, entre os anos de 2012 e 2015, (ciclo Olímpico de 2016), trabalhando em conjunto com uma equipe multidisciplinar com atletas das modalidades de corrida (meio fundo e velocidade prolongada), arremesso de disco, martelo e peso. Atualmente sou docente do curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Ituiutaba. Nessa Universidade, participei ativamente da criação e implantação das disciplinas de Psicologia do Esporte como parte obrigatória no Plano Pedagógico dos Cursos de Psicologia e Educação Física. Atualmente supervisiono estágio profissionalizante em Psicologia do Esporte, assim como oriento projetos de extensão e pesquisas nessa respectiva área.

Compreendo a Psicologia do Esporte (PE), como uma disciplina que compõe as Ciências do Esporte, sendo que o Psicólogo do Esporte faz parte de equipe multidisciplinar que acompanha os atletas e/ou esportistas em toda a conjuntura em que o movimento humano se faz presente.

A nossa região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba possui algumas equipes esportivas que contam com a participação de Psicólogos do Esporte. O momento da pandemia de Covid19, foi e está sendo desafiador para nós, professores orientadores e supervisores de estágios em Psicologia.

O Estágio em Psicologia do Esporte, do curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba, tem como objetivo proporcionar aos estudantes de Psicologia conhecimentos teóricos da Psicologia do Esporte, para que eles exerçam na prática esses domínios científicos. Nesse sentido é relevante que esses estudantes de Psicologia conheçam, dominem e apliquem

conhecimentos relacionados à: Introdução à Psicologia do Esporte; Variáveis influentes no desempenho esportivo da iniciação ao alto rendimento; Análise dos aspectos epistemológicos, filosóficos e históricos da Psicologia do Esporte, bem como os aspectos científicos, sociais e ideológicos da produção de conhecimento em Psicologia do Esporte; Análise crítica compreendendo e se posicionando frente às diferentes abordagens teóricas em Psicologia do Esporte; Fronteiras do conhecimento em Psicologia do Esporte - inovação e desenvolvimento de tecnologias em Psicologia do Esporte bem como o desenvolvimento científico e social a partir do esporte.

As atividades desses estágios acontecem em Clubes e Agremiações Esportivas da cidade de Ituiutaba/MG, os quais, em virtude das questões epidemiológicas sanitárias, estão com suas atividades suspensas. Outra característica desse estágio, o qual sempre funcionou muito bem em todos os locais onde fora ofertado anteriormente na cidade, é que todas as atividades práticas acontecem em grupo, com atletas crianças, adolescentes e adultos, os quais, devido a uma questão circunstancial a qual todos vivenciamos, não podem e nem estão permitidos de realizarem suas atividades desportivas.

De acordo com as recomendações do Conselho Federal de Psicologia sobre os estágios acontecerem de forma remota, em relação às práticas psicoeducativas na área da Psicologia do Esporte, temos em nota (p. 34): “No campo do esporte, atividades psicoeducativas e dinâmicas de grupo com atletas, estudantes, assistidos e equipe multi e interdisciplinar.”

No entanto, no contexto da cidade Ituiutaba/MG, os clubes e agremiações desportivas encontraram-se fechados, não tendo previsão para o retorno das atividades. Os atletas e desportistas não estavam treinando *in loco*. Outra situação relatada pelos(as) técnicos(as) das equipes onde os estágios aconteciam, foi o fato de não podermos solicitar aos atletas e esportistas que participassem de grupos *on-line*, pois muitos não possuem condições ou recursos tecnológicos, como acesso à *Internet*, para esse fim.

Em discussões e reflexões fomentadas pelo grupo de psicólogos da ABRAPESP (Associação Brasileira de Psicologia do Esporte), nós, supervisores e professores responsáveis pela disciplina e estágios em Psicologia do Esporte, devemos lançar mão de critérios condizentes com a formação do futuro

Psicólogo que irá atuar nesse campo. As estratégias de intervenção obedecem a um rigor pautado na cientificidade da Psicologia, como Ciência e Profissão. Nós, dentro da realidade descrita anteriormente, reiteramos que a conjectura remota não contempla as especificidades do Estágio em Psicologia do Esporte.

Estágios Profissionalizantes, no curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Ituiutaba, fazem parte do Núcleo de Aprofundamento do processo de formação do aluno. Esse núcleo, descrito no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), se organiza por duas ênfases curriculares. Estas ênfases definem-se como um conjunto delimitado e articulado de competências específicas que configuram oportunidades de concentração e consolidação de estudos e estágios, em dois domínios da Psicologia: ênfase A – Processos Clínicos e ênfase B – Processos Psicossociais e de Saúde. O estágio profissionalizante em Psicologia do Esporte faz parte da ênfase B do PPC. Possui como ementa o “Planejamento, execução e avaliação de intervenções em Psicologia Clínica ou Processos Psicossociais e da Saúde. Ênfase no exercício profissional e nos aspectos práticos e éticos envolvidos nesta atuação”.

Essa proposta de intervenção de estágio profissionalizante elege uma abordagem e objetos inovadores, a fim de se infiltrar nos meandros das circularidades teórico-práticas que engendram o fazer de diferentes profissionais amparados nos saberes do universo da Psicologia do Esporte.

A presente proposta apresenta uma via alternativa para contribuir com o conhecimento prático e teórico em Psicologia do Esporte, evitando a esterilidade que pode afetar o não conhecimento das estratégias de intervenção peculiares dessa área. Por um lado, trata-se de escapar às vulgatas públicas que são demasiadamente afastadas daquilo que a Psicologia do Esporte já produziu e faz, restando muitas vezes um terreno fantasioso e mistificador acerca daquilo que a especialidade poderia fazer pelo desempenho e dignidade dos atletas e ou esportistas. Por outro lado, trata-se de um esforço científico para escapar às controvérsias do meio especializado que, embora recorram de lado a lado a argumentos relevantes, como a fundamentação teórica e os resultados de pesquisas tecnicamente amparadas em constructos mensuráveis, não deixam de ser suspeitas de servir a interesses corporativos ou de paradigmas psicológicos (Matos, 2020).

Os estagiários de Psicologia Esportiva irão estudar os comportamentos humanos que influenciam ou são influenciados pela participação e desempenho em qualquer atividade em que o movimento humano esteja inserido. Para isso, é relevante que o aluno amplie seu olhar sobre o praticante de atividade física, esportista ou atleta, analisando-o como ser humano na sua unicidade. Os estagiários deverão compreender que a função e o papel da Psicologia do Esporte passam fundamentalmente pelo debate do que é o fenômeno esportivo e como esse tem sido edificado e entendido no imaginário esportivo contemporâneo. Isso porque o esporte na atualidade, em seu processo de construção, sofreu influência das transições socioculturais dos diferentes momentos históricos pelo qual passou, compreendendo ao longo do século XX uma série de características da sociedade contemporânea (Rubio; Camilo, 2019).

Nossa proposta de estágio em Psicologia do Esporte também possui a intenção de ampliar e fomentar as discussões sobre Psicologia do Esporte na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, visto que o cerne das grandes atuações do Psicólogo do Esporte em nível de Brasil, ainda se encontra circunscrita no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Dar voz aos Psicólogos do Esporte de nossa região, assim como ouvir os atletas sobre sua experiência com a Psicologia do Esporte regional, pode favorecer uma nova percepção de outras modalidades que ainda não aderiram ao trabalho do Psicólogo do Esporte. Perceber a importância desse profissional na equipe depende da ampliação de estudos que contemplem as práticas, assim como também os resultados de suas intervenções junto aos atletas e toda a equipe.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Práticas e estágios remotos em contexto da pandemia da Covid-19**: Recomendações do Conselho Federal de Psicologia e Associação Brasileira de Ensino de Psicologia, Brasília, 2020.

CONDE, E. **Psicologia do Esporte e do Exercício**: Modelos teóricos, pesquisa e intervenção. São Paulo: Pasavento, 2020.

MATOS, T. S. Q. **Formação de professores**: Diálogos entre a Educação Física e a Psicologia. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Minas Gerais, 2015.

MATOS, T. S. Q. **Os processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e Coaches**: Um estudo fenomenológico. 2020. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

MOURA, Diogo Lino *et al.* Pandemia Covid-19 e Impacto no Desporto. **Rev. Medicina Desportiva**, Portugal (*on-line*), v. 11, n. 3, p. 26-33, 2020. Disponível em: http://rihuc.huc.min-saude.pt/bitstream/10400.4/2293/1/Pandemia_dossier.pdf. Acesso em: 02 fev. 2025.

RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do Esporte**: Teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

RUBIO, K.; CAMILO, J. A. O. C. **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo: Képos, 2019.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

A FORMAÇÃO NA PSICOLOGIA DO ESPORTE NA GRADUAÇÃO: OS (DES)CAMINHOS PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO

Emmi Myotin



INTRODUÇÃO

Este texto foi apresentado no III Encontro Mineiro de Psicologia do Esporte (PE), organizado pela Comissão de Orientação de Psicologia do Esporte, do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais - CRP/MG, realizado no período de 22 a 24 de abril de 2021, na modalidade *on-line* e gratuita. Gostaria de agradecer o Conselho pelo convite para dar minha contribuição no evento, que foi um sucesso, considerando os 1.500 inscritos numa especialidade da Psicologia pouco visível até então. Considero este evento um marco importante para a PE em Minas Gerais.

Minha apresentação se caracteriza mais como em relato de experiência do que um artigo científico, faço algumas reflexões, coloco provocações, muitas ainda sem respostas ou soluções. Inicialmente, farei uma exposição do histórico da minha experiência na área da Psicologia do Esporte (PE) e os desafios e dificuldades que encontrei, aponto algumas oportunidades de atuação que considero profícuas no mercado de trabalho atual e finalizo apresentando as perspectivas para o fortalecimento e consolidação da área.

1. HISTÓRICO DA MINHA EXPERIÊNCIA NA ÁREA DA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA DO ESPORTE (PE)

Falar do histórico da experiência implica incluir os meandros de minha própria formação que direcionaram as opções profissionais que me credenciaram para atuar na área. Eu tenho dupla formação: graduação em Educação Física (EFI) na USP e Psicologia (PSI) na UFMG. Em 1976, iniciei minha carreira como professora universitária no curso de graduação em EFI. Durante esse período, avancei nos conhecimentos da área quando consegui meu título de mestre em Ciência do Movimento, na Universidade Federal de Santa Maria (1980-1983) e doutorado em Psicologia Social, na Universidade de Loughborough - Inglaterra (1989-1996). Na UFV, atuava como docente das disciplinas Psicologia do Esporte e da Educação Física, Crescimento e Desenvolvimento Humano relacionado ao esporte e atividades físicas, Sociologia do Esporte e Ginástica Artística (GA). Foram as atividades de ensino, pesquisa e extensão, vinculadas à disciplina GA, que me possibilitaram aplicar os conhecimentos de iniciação esportiva,

treinamento esportivo e PE. Em 2009, eu me aposentei da docência na UFV e iniciei minha graduação em PSI, na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, que concluí em 2014. Essa decisão em cursar PSI foi ocasionada pela Resolução nº CFP 014/00 (Conselho Federal de Psicologia, 2000) que instituiu a PE como uma especialidade da PSI, impedindo, assim, que profissionais de EFI atuassem na área. Em 2016, iniciei o curso de mestrado (2016-2018) em PSI, também na UFMG, para desenvolver uma pesquisa sobre a situação da Psicologia do Esporte em Minas Gerais, que foi estendida para todo o Brasil no meu curso de pós-doutorado (2019-2021). Durante o meu mestrado e pós-doutorado tive a oportunidade de introduzir e lecionar a Psicologia do Esporte numa disciplina de graduação (60 horas) por quatro semestres. Esse texto vai abordar, a seguir, os desafios e dificuldades que eu encontrei nessa experiência.

2. DESAFIOS PERCEBIDOS NA ÁREA E ESTRATÉGICAS USADAS PARA SUPERAÇÃO DOS MESMOS

Um dos principais desafios foi despertar o interesse dos estudantes pela PE. Como não existia até então a disciplina no curso, poucos conheciam e viam a PE como uma possível área de atuação existente no mercado de trabalho. Então, planejamos organizar ações que viabilizassem a criação de demandas pela disciplina. Como estratégia, planejamos um projeto de extensão sobre o assunto, com ampla divulgação nos corredores da faculdade e nas mídias eletrônicas, que denominamos de “Almoço com a Psicologia do Esporte”. O projeto consistiu em dez palestras que ocorreram ao longo de 2019, dois eventos por mês, abertas ao público em geral, mas destinadas principalmente aos estudantes da UFMG. Foram realizadas entre 11:30 e 12:30 horas, daí o nome do evento, um horário alternativo fora do quadro de horário das aulas curriculares, para ampliar a participação dos estudantes interessados. Para cada palestra foi convidado um(a) psicólogo(a) do esporte, que atuava em clube esportivo de Belo Horizonte, para apresentar o trabalho desenvolvido no clube.

Mas, minha experiência e reflexão me apontavam que esta falta de conhecimento e/ou interesse remetesse a períodos anteriores ao curso de PSI, talvez na infância ou adolescência, quando as pessoas começam a se interessar e gostar de brincar de atividades que envolvam habilidades corporais, um

caminho que se abre à prática posterior de esporte. Assim, entender o histórico do envolvimento das pessoas com o esporte pode ser uma forma de explicar aquele desinteresse, que é um fator importante, pois a partir de suas respostas é que vamos implementar ações para superá-la. Pierre Bourdieu (1930 - 2002), filósofo e sociólogo francês, publicou “Como é possível ser desportista?”, um texto em que analisou como as pessoas começam a se interessar pelo esporte (Bourdieu, 2003). O autor explica que cada pessoa apreende o *habitus* – que são as relações sociais, normas, valores e crenças da sociedade ou do grupo em que vive – por um processo de socialização através de práticas individuais e coletivas em que o esporte pode ou não ser incluído. Se o esporte não estiver incluído nesse *habitus* dos estudantes, quais ações seriam viáveis durante o curso de graduação? Bourdieu nos coloca um desafio ainda maior ao introduzir no assunto a questão de gênero, afirmando que às mulheres são oferecidas poucas oportunidades de práticas, tanto individual como coletiva, para adquirir os valores do esporte. Considerando que, na Psicologia, cerca de 85% dos profissionais são mulheres (CFP, 2021), os prognósticos não são favoráveis para uma grande aceitação da PE como profissão alternativa das mulheres, mas pesquisas são necessárias para confirmar esse prognóstico.

Outro aspecto que se constituiu um desafio foi propor uma PE que considerasse o ser humano como praticante de esportes e atividades físicas em toda sua complexidade e não apenas uma máquina biotecnológica, mas um ser biopsicossocial, atuando num ambiente cultural e político específico. Isto significava ir além da PE tradicional, amplamente divulgada, que centralizava a discussão numa PE voltada à *performance*, ao rendimento e à vitória. A PE tradicional, voltada para o treinamento esportivo, em linhas gerais, propõe uma análise do esporte buscando um perfil ideal de atleta, incluindo as demandas psicológicas da modalidade, faz uma avaliação psicológica (e personalidade) do atleta ou da equipe e, a partir do resultado desta avaliação, é planejada uma intervenção psicológica/treinamento mental que otimize o perfil encontrado para potencializar a sua *performance*. Assim, foram criadas inúmeras técnicas para melhorar a *performance*, como relaxamento, controle do estresse, visualização, autotalk, estabelecimento de metas, *biofeedback*, melhorar autoestima, entre outros. Para superar esse viés, incluímos no programa da disciplina o estudo de importantes aspectos, raramente presentes na PE tradicional, tais como:

respeito às diferenças; a inclusão no esporte; a luta contra o preconceito e discriminação de origem social, raça, gênero e sexualidade, de pessoas com necessidade especiais (esporte paralímpico); a discussão de mecanismos para proteger os atletas dos abusos físico, moral e sexual; a superação da lesão esportiva; a questão do esportista como profissional de uma carreira a ser construída e suas relações sociais envolvendo a mídia, o técnico e comissão técnica, o empresário/patrocinador, com o clube, a família e pares; a discussão da violência no esporte, com ênfase no *fair play* e ética de conduta, tanto do esportista como o torcedor/espectador; a organização do esporte brasileiro apontando as principais instituições que regem a prática do esporte e sua profissionalização no Brasil etc. Enfim, estudar todo o contexto e as pessoas envolvidas no mundo do esporte, implicando nisso abarcar não só os aspectos psicológicos, mas também os sociais, culturais e políticos que determinam a forma como o esporte se configura atualmente. Podemos falar de uma Psicologia Social do Esporte (PSE), voltando às suas origens no século XIX. E falar de uma PSE implica numa intervenção do psicólogo que considera o atleta/praticante de atividades físicas um sujeito, tornando-o capaz de compreender o seu mundo, atuar sobre ele, transformando-o, quando necessário. Enfim, é importante, como psicólogos(as) do esporte, constantemente nos perguntarmos: “Que tipo de atleta ou praticante de atividades físicas nós formamos com a PE que ofertamos?” A resposta a essa pergunta podemos encontrar acompanhando o que tem acontecido com as relações humanas nas quadras, nos campos, nas piscinas e fora desses ambientes estritamente esportivos, pois quando falamos em Psicologia estamos tratando do EU e o OUTRO no contexto de uma vida em toda a sua amplitude, não somente no mundo esportivo.

3. OPORTUNIDADES PERCEBIDAS NA ÁREA

As oportunidades de atuação na área que eu vislumbro como mais profícuas são os projetos sociais esportivos, com pessoas com necessidades especiais - PNE, em especial no esporte paralímpico, e um crescimento da necessidade de uma Psicologia do Exercício, numa atuação com pessoas que necessitam da prática de esporte como lazer ou para a saúde. Por essa razão, é importante pensar em ampliar as características do público para além do atleta

profissional, abrangendo crianças, jovens, adultos, idosos de diferentes gêneros, raças e sexualidades, com e sem necessidades especiais. Nesses casos, buscar abranger no conteúdo curricular conhecimentos necessários para atuação nesses segmentos.

4. PERSPECTIVAS PARA O FORTALECIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA FORMAÇÃO EM PE

Falar em perspectivas é prever um futuro (im)possível para uma PE no Brasil. Eu me posiciono com certo ceticismo, porque, quando tomo conhecimento dos acontecimentos do mundo esportivo atual, tais como os inúmeros casos de preconceito e discriminação de raça, gênero e sexualidade, violência dentro e fora do campo esportivo, seja do atleta, técnico ou torcedor, descaso no cuidado dos jovens atletas que foram confiados pelos pais aos clubes e equipes nacionais, casos de abusos físicos, morais e sexuais, cometidos por técnicos, empresários e pessoas da comissão técnica etc., sempre vem a pergunta que não quer calar: “O/A psicólogo/a do esporte tinha conhecimento dos fatos e tomou alguma providência? Eu vislumbro o lampejo de uma PE que vai fazer diferença nesse mundo esportivo atual se pensarmos numa PE que vai além da PE tradicional, como defendi anteriormente, sem descartá-la. Para isto, considero fundamental uma virada histórica na forma como entendemos e praticamos a PE e no atleta que formamos, o principal personagem do mundo esportivo. Na PE tradicional, o atleta é visto e age como uma pessoa que possui uma determinada personalidade que é medida e avaliada em sua adequação para a modalidade que pratica, não um sujeito que é responsável por suas ações e pelo mundo em seu entorno. O atleta só vai apreender essa lógica de pensamento e analisar o mundo esportivo em seu entorno com uma abordagem de intervenção que desvende a sua identidade, que traga respostas para as perguntas: “Quem sou eu?” / “Quem é o Outro em minha vida?”.

Em resumo, minhas perspectivas para o fortalecimento e consolidação da formação para a PE são buscar uma transformação do cenário esportivo e do processo de formação do atleta e do psicólogo do esporte, refletir sobre a concepção de sujeito que adotamos e buscar uma atuação para além do diagnóstico. Adotamos essa filosofia de trabalho no GEPSE – Grupo de Estudos

em Psicologia Social do Esporte, do Departamento de Psicologia da UFMG, coordenado por mim e pelo Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser desportista? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, p. 181-204, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP n. 014/00**. Institui o título profissional de especialista em Psicologia do Esporte e seu respectivo registro nos Conselhos Regionais. Brasília, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Conselho Federal de Psicologia em números**. Brasília, 2021. Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

A FORMAÇÃO EM PE A PARTIR DA RESOLUÇÃO DO CFP-014/00: A EXPERIÊNCIA MINEIRA

Paula de Paula



INTRODUÇÃO

A organização do III Encontro Mineiro de Psicologia do Esporte (PE), propôs aos palestrantes um roteiro que partisse da experiência da pessoa, para depois refletir sobre a formação de futuros profissionais e daqueles interessados em atuar na PE, especialmente abordando a realidade mineira. Portanto, esse texto apresenta os desafios que a autora viveu como PE e que ainda persiste, considerando que nem sempre a disciplina de PE aparece nos currículos de cursos de graduação em Psicologia, bem como não se oferece estágios em todos os campos da PE.

1. HISTÓRICO DA EXPERIÊNCIA DO AUTOR NA ÁREA ESPECÍFICA

A história da PE, enquanto uma das especialidades da Psicologia, atravessa a minha vida profissional. Atleta de voleibol desde os idos de 1970, me graduei por amor ao esporte em Educação Física (EEFFT/UFGM) em 1976. Minha maior conquista como atleta foi a medalha de ouro no campeonato brasileiro de clubes pelo Mackenzie Esporte Clube (MEC) em 1975 e no brasileiro universitário de 1976. Fui professora de educação física no antigo Colégio Pitágoras de 1977 até 1990 e, em 1980, eu assumi a coordenação do voleibol feminino no Olímpico Club. Pelos resultados obtidos como coordenadora e técnica fui convocada a dirigir a seleção feminina de voleibol infanto-juvenil, em 1984, no campeonato brasileiro promovido pela Confederação Brasileira (CBV). Nessa função, eu cheguei ao tricampeonato brasileiro em 1986, sendo substituída em 1988, logo após ocupar o terceiro lugar no pódio em 1987.

Apesar da competência comprovada pelos resultados conquistados e da certificação de nível três do voleibol internacional (que na época era o nível mais alto), não consegui driblar os bloqueios institucionais e nunca cheguei como profissional a nenhuma seleção brasileira. Aqui deixo fora a análise do fenômeno “Teto de Vidro”, utilizado para demonstrar as barreiras que sofrem as mulheres no âmbito do trabalho, porque o tema está para além do escopo deste texto. Esse bloqueio institucional me impulsionou a ir cursar Psicologia, primeiro porque eu já era conhecida como alguém que dava muita importância à preparação psicológica das equipes e segundo pela crença de que me

qualificando melhor, romperia o bloqueio na ascensão profissional.

Logo no início do curso de Psicologia (1986), descobri o quanto a Psicologia do Esporte, que eu conhecia e praticava (enquanto profissional do esporte), deixava de fora de seus estudos e intervenções os aspectos inconscientes da subjetividade do atleta. Tomei ciência dos recursos teóricos e práticos que a profissional da Psicologia tem para tratar dos inúmeros sintomas produzidos dentro e fora da preparação de equipes e atletas. Quando eu me formei, em 1990, havia pouquíssimos psicólogos do esporte formados em Psicologia em Minas Gerais. Nem todos conseguiam se estabelecer, porque para isso era necessário ser reconhecido e legitimado pelo grupo do Laboratório de Psicologia (LAPES) da EEFPTO/UFMG, que pela tradição de seu trabalho de pesquisa mantinha uma hegemonia na área.

Para chegar ao ponto central do texto, é preciso destacar o fato de que naquela época, a PE brasileira era orientada pela Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte (SOBRAPE), fundada em 1979, que por sua vez estava alinhada à International Society of Sport Psychology (ISSP) e à Sociedade Norte-Americana para a Psicologia do Esporte e Psicologia da Atividade Física (NASPSPA). Por essa orientação, a PE se dividia em duas especialidades: a Psicologia educacional e a Psicologia Clínica do Esporte. A primeira voltada para o ensino e desenvolvimento de pesquisa de técnicas psicológicas, era hegemonicamente praticada no Brasil por profissionais do esporte dedicados à pesquisa em Psicologia e sua aplicação. A segunda, voltada para a intervenção clínica, visando a elaboração de psicodiagnósticos, técnicas de treinamento mental, aconselhamento e acompanhamento dos atletas, sendo praticada por psicólogos (as). Essa divisão era tão clássica que, em 1986, quando a Associação de Psicologia Americana (APA) instaurou a Psicologia do Esporte e do Exercício como 47ª especialidade, a função distinta entre Psicólogas e Profissionais do Esporte se manteve.

Preciso dizer que o fato de eu não concordar com essa divisão me fez sentir na pele o quanto seria difícil mudar esse cenário. Minha situação era desoladora e, em 1990, abandonei a carreira de profissional do esporte e, em 1991, comecei a trabalhar no Hospital Galba Veloso, contratada pela Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG). Em 1993, já militante da Luta Antimanicomial, assumi o cargo de psicóloga aprovada no concurso público da

FHEMIG e, em 1994, fiz o curso de especialização em clínica na Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG). Durante a década de 1990 a 2000, ao mesmo tempo que trabalhava com a saúde mental, participei como psicóloga do esporte em várias seleções mineiras e brasileiras e ganhei vários títulos em diversas modalidades.

Em 2000, minha vida deu novamente um giro e por motivos que escapam apresentar no presente texto, consegui ingressar no mestrado em treinamento esportivo da EEFETO/UFMG, no laboratório que se dedicava ao estudo da inteligência tática nos jogos esportivos, coordenado pelo Prof. Dr. Pablo Juan Greco, a quem nunca cansei de agradecer a generosidade. É preciso dizer que com todo meu currículo e experiência em PE, eu não conseguia ser contratada como psicóloga do esporte em lugar nenhum e continuava meu trabalho no HGV. Já tendo desistido de me estabelecer como PE, decidi fazer concurso na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte para analista de políticas públicas na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL/PB) e trabalhei lá por 3 anos. Mas, depois da obtenção do título de mestre, iniciei minha carreira acadêmica em 2001, dando aulas de Psicologia do Esporte no curso de Educação Física do UNI/BH. Em 2002, fui aprovada na seleção para professora na Faculdade de Psicologia da PUMG e, também nesse ano, fui contratada para elaborar e implantar um projeto de PE para a base do Clube Atlético Mineiro.

Na década de 1990, o Brasil estava (após 20 anos de ditadura) em plena reabertura democrática e eu iniciei minha militância em um movimento de profissionais da categoria que se levantou em defesa de uma Psicologia com compromisso social. Meu engajamento com esse movimento foi tão orgânico que se mantém até os dias de hoje. A história desse capítulo é longa e não cabe no escopo desse trabalho, mas é preciso destacar que esse movimento profissional provocou uma mudança na Psicologia brasileira em dois aspectos. O primeiro foi a ampliação vitoriosa da presença das(os) psicólogas(os) em todas as políticas públicas, abrindo outras possibilidades de atuação para além das historicamente institucionalizadas nas universidades (a clínica, a escola e a organizacional). Esse desafio exigiu por um lado que a Psicologia brasileira criticasse as bases de um sujeito transcendental, propondo pensá-lo como um efeito das coordenadas simbólicas de seu tempo histórico. Por outro lado, exigiu que fossem criadas referências técnicas de atuação em todas as políticas

públicas, teorizando a interface da Psicologia com as outras profissões.

O esforço de mobilização que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) fez para dar credibilidade social à Psicologia e conferir aos profissionais a legitimidade de seu fazer nas políticas públicas, acabou resultando na aprovação da Resolução 014/00. Essa resolução institui as primeiras nove especialidades no Brasil e, embora ela tenha sido fruto desse movimento da categoria, que repito, visava construir referências ético-políticas para o trabalho dos(as) psicólogos(as) nas políticas públicas, um conflito foi deflagrado entre as categorias dos profissionais da Educação Física (EF) e os PE.

Não é difícil admitir que eu estava no centro desse conflito, porque mesmo considerando a Psicologia como uma “Ciência do Esporte”, ou seja, um importante campo de pesquisa para os profissionais do esporte que necessitam desses conhecimentos para melhorar o desempenho de atletas e equipes, eu via a PE como uma especialidade da Psicologia, produzindo conhecimentos a partir de outro paradigma epistemológico. Explico-me: Nós, que somos especialistas em PE, estamos interessados em pensar e dar tratamento a todas as formas de sofrimento advindas do campo do esporte, problematizando o pragmatismo de uma PE que só se interessa pelas demandas do esporte no alto rendimento.

A PE, enquanto especialidade da Psicologia, cria outras referências ético-políticas para o trabalho das psicólogas até no esporte de rendimento. Diferente, mas não menos importante, das produções dos profissionais do esporte, nós profissionais da Psicologia consideramos o esporte como uma “caixa de ressonância” da lógica do modo de produção capitalista. Como esse sistema foi estabelecido a partir do patriarcado, do racismo e do sexismo heteronormativo, nos interessamos em produzir conhecimentos sobre os sintomas sociais e os sofrimentos individuais advindos dessas condições estruturais. Nós nos interessamos também pelo esporte como um Direito Constitucional e como uma das expressões do lazer. Nós encontramos esse direito ao esporte no art. 227 da Constituição Federal de 1988.

Não foi fácil sofrer a acusação de que a Resolução 014/00 do CFP foi um golpe corporativista da categoria de psicólogos. Se um dia eu pensei que fazer Psicologia me possibilitaria crescer profissionalmente dentro do esporte, estava de novo em frente ao desafio de construir condições para que a categoria de

Psicólogas fosse capaz de sustentar esse lugar. O argumento dos profissionais do esporte, de que a Psicologia não tinha a tradição de produzir conhecimentos sobre o esporte, parecia legitimar a acusação que nos faziam, mas o problema mesmo estava no fato de que a Resolução tornava a PE um exercício profissional exclusivo de quem era formado em Psicologia. Esse marco legal fez com que, no Brasil, a divisão “Psicologia Clínica” e “Psicologia Educacional do Esporte” ficasse obsoleta, dando à categoria a possibilidade de ampliar sua participação em todo o período de preparação das equipes e de atletas individuais. Esse ato político deixaria para trás duas situações incomodas: a prática de sermos chamadas(os) apenas enquanto “bombeiras”, ou seja, quando as coisas não iam bem, ou vermos palestrantes motivacionais serem vistos como substitutos dos profissionais da Psicologia.

2. ESTRATÉGIAS USADAS PARA SUPERAÇÃO DOS DESAFIOS ENCONTRADOS AO LONGO DO CAMINHO

Para sustentar o desafio posto pela resolução era preciso trabalhar em três frentes. Uma ligada à política corporativa no nível do CRP04; a outra na implantação de disciplinas de PE na graduação em Psicologia; e a terceira com a criação de campos de estágio para que futuros pudessem estar preparados para o desafio de fortalecer a especialidade. Ainda bem que em 2000, eu havia criado as condições para enfrentar essa luta. No próximo item apresentarei essas ações.

3. RELATO DAS OPORTUNIDADES PERCEBIDAS NA ÁREA ESPECÍFICA

A primeira ação aparece em 1998, dentro do movimento “Pra Cuidar da Profissão”, quando tomei conhecimento de que o Conselho Regional de Psicologia (CRP) de São Paulo, tinha instituído uma comissão de PE e os CR’s do Paraná e do Rio Grande do Sul, também haviam feito o mesmo. Logo me dei conta de que em Minas isso precisava acontecer. Concorri ao X Plenário do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP/04), na chapa do movimento e incluímos pela primeira vez na campanha o compromisso com a

instituição de uma comissão de Psicologia do Esporte (PE) em Minas Gerais.

Em 2001, assumi como conselheira dessa comissão, que se reunia quinzenalmente, com o compromisso de interiorizar-se. Em 2002, buscando estreitar as relações entre as duas categorias profissionais, realizamos o 1º Seminário de Psicologia do Esporte em um dos auditórios da PUC-MG. Na mesa de abertura falaram os presidentes do Conselho de Psicologia da 4ª Região (CRP04) e o presidente do Conselho de Educação Física (CREF). Em 2004, realizamos o 2º Seminário, junto com o 2º seminário do UNI-BH e o VI Simpósio Mineiro da Sociedade Mineira de PE (SOMIPE), sessão da Sociedade Brasileira de PE (SOBRAPE).

Mas as relações continuavam difíceis e, em 2004, depois de encerrar minha gestão no CRP, participei da diretoria da SOMIPE que se dissolveu por absoluta falta de coesão interna. A comissão de PE continuou funcionando no XI Plenário sob a coordenação de Vera Cardoso e, em 2011, eu estive novamente como conselheira até 2013. A Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (APAF) decidiu naquele ano instituir um Grupo de Trabalho Nacional para a PE acompanhar os grandes eventos esportivos que aconteceriam no Brasil (a copa da FIFA em 2014 e as olimpíadas em 2016). Nessa gestão Elizabeth Lacerda representou o CRP04 no GT Nacional. O resultado dos trabalhos dessa comissão aparece com a primeira publicação da revista **Diálogos do CFP**, inteiramente destinada à essa temática em dezembro de 2018 e o CREPOP lançou a cartilha **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) em Políticas Públicas de Esporte**. A partir de 2017, o conselheiro Yghor Queiroz Gomes assumiu a comissão em sua primeira gestão e realizou os dois encontros mineiros de PE. Por isso estamos realizando agora o terceiro encontro e publicando os trabalhos que serão apresentados em um livro.

A segunda ação foi a implantação do projeto de PE na base do CAM, porque além de poder dar o testemunho de uma “clínica ampliada” ao Esporte eu consegui aprovar duas vagas de estágio com a justificativa de estender o serviço de Psicologia a todas as categorias. Nós tomamos o Esporte/Futebol como uma empresa, dividindo as ações da PE (de maneira sistêmica) em 4 níveis e as estagiárias sempre tiveram oportunidade de atuar em todos. São eles: 1 - Demanda da gerência; 2 - Demanda do departamento de saúde (médicos, fisioterapeutas, nutricionistas), da Pedagogia e do Serviço Social; 3 - Demanda

da comissão técnica (treinador, preparadores físico, de goleiros, auxiliares e todos os outros profissionais); 4 - Atendimento das equipes e de atletas em particular.

Nessa última ação, nós priorizamos o acompanhamento da equipe e só atendemos individualmente se a demanda fosse espontânea do atleta ou se ele tivesse sido encaminhado por alguém do clube que considerava importante nosso atendimento. Sensibilizar a todos do clube para o entendimento de que a PE dispõe de um conhecimento específico, mas que trabalha interdisciplinarmente e faz parte da comissão técnica para contribuir organicamente com a preparação geral do atleta.

4. PERSPECTIVAS PARA O FORTALECIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA

A primeira ação deve ser a de diminuir a escassez de faculdades de Psicologia que oferecem a disciplina de PE e estágios dessa especialidade na graduação. Confesso que isso não é tão simples assim, pois de acordo com as Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Psicologia, os cursos têm currículo generalista e essa disciplina só cabe se o curso tiver uma ênfase que permita a inclusão. Enquanto isso não se concretizou, venho desde 2002 promovendo cursos de extensão, grupos de estudos, minicursos e mesas de PE nas jornadas de práticas em Psicologia, além de orientar monografias na área. No curso de Educação Física da PUCMG, desde a primeira turma em 2007, eu tenho ministrado a disciplina “Psicologia aplicada ao Esporte e ao exercício”. Em 2018, a unidade do Coração Eucarístico ofereceu um estágio de PE em parceria com o Complexo Esportivo da PUCMG. Em 2021, começamos a oferecer a disciplina PE, no curso da unidade São Gabriel que aparece como disciplina obrigatória na ênfase de gestão. No mesmo ano, o estágio na área em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer da prefeitura de Belo Horizonte (SMEL/PBH) e com a extensão do curso de Educação Física da PUCG. Estamos nos fortalecendo para oferecer, o quanto mais rápido, um curso de especialização em PE, pelo Instituto de Educação Continuada (IEC/PUCMG)

REFERÊNCIAS

GOMES, Euza Maria de Paiva. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: Desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Quartet / FAPERJ, 2008.

HUR, Domenico Uhng. Políticas da Psicologia: Histórias e práticas das associações profissionais (CRP e SPESP) de São Paulo, entre a ditadura e a redemocratização do país. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012000100004. Acesso em: 17 abr. 2021.

ROMARIZM, Sandra Bellas; VOTRE, Sebastião Josué; MOURÃO, Ludmila. Representações de gênero no voleibol brasileiro: A imagem do teto de vidro. **Movimento Revista de Educação Física**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20773/000697385.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RELATÓRIO DA MESA PSICOLOGIA DO ESPORTE E SUAS PERSPECTIVAS NA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Pedro Henrique de Oliveira Santos



INTRODUÇÃO

Este relatório se dá a partir da mesa “Psicologia do Esporte e suas Perspectivas na graduação e pós-graduação”, que ocorreu durante o 3º Encontro Mineiro de Psicologia do Esporte (EMPE): da formação à profissionalização. O tema discutido é de grande importância para uma melhor qualificação profissional e formação dos futuros profissionais de Psicologia do Esporte, com muito a ser desenvolvido, para um melhor atendimento das demandas dos campos de atuação. Mesa essa composta por Sérgio Dias Cirino, como mediador, e os participantes convidados Emmi Myotin, Franco Noce e Paula de Paula, ambos psicólogos do esporte.

Na apresentação da mesa, Sérgio Cirino ressalta a discussão sobre o cenário da formação e profissionalização das psicólogas e psicólogos, compartilhando os compromissos éticos, políticos, com o bem-estar físico, mental e social de todas as pessoas envolvidas com as práticas esportivas. Ele destaca, também, a participação dos profissionais de Psicologia do Esporte que trabalham nos campos das políticas públicas do esporte e lazer. Poucos profissionais da área da Psicologia têm o conhecimento e o entendimento de que o profissional da área da Psicologia do Esporte desenvolve trabalhos em campos de políticas públicas.

Os convidados em suas apresentações trazem alguns pontos em comum onde todos os três têm dupla formação nos cursos de Educação Física (como primeira formação) e Psicologia (em um segundo momento), são profissionais da área de graduação na região de Belo Horizonte - MG. Essas características chamam a atenção e levanta alguns questionamentos, como por exemplo um profissional de psicologia necessita dessa dupla formação para oferecer um trabalho de qualidade? O aluno da graduação em Psicologia tem acesso à Psicologia do Esporte fora das regiões onde o campo está mais consolidado?

Em sua fala, Emmi Myotin descreve como foram seus percursos e processos de formação. Onde ela apresentou alguns autores, como Pierre Bourdieu, que chamou muita a atenção dos participantes que assistiam as discussões. Na fala de Franco Noce, ele descreveu um pouco de como foram seus caminhos, percursos de formação e apresentou também suas práticas dentro da Psicologia do Esporte. O que nos chamou a atenção foi a apresentação de instituições de Psicologia do Esporte que trabalham com formação.

Paula de Paula, passou brevemente também pelos seus percursos, caminhos e pelas práticas na Psicologia do Esporte, mas também levantou pontos muito importantes para a formação dos profissionais de Psicologia para atuarem no esporte, não só no alto rendimento, mas também pensando nas questões éticas, políticas e sociais.

Enquanto os convidados faziam suas falas, havia uma movimentação no *chat* por parte dos ouvintes que se mostravam muito interessados nos temas discutidos, até porque para muitos era o primeiro contato mais direto com a Psicologia do Esporte.

Sendo assim, a discussão do tema “Psicologia do Esporte e suas Perspectivas na graduação e pós-graduação” se torna importante para muitos estudantes de Psicologia na questão do acesso. Muitos dos alunos de psicologia por não terem as disciplinas de Psicologia do Esporte na graduação, puderam escutar dos convidados sobre autores que iluminam a área e temáticas que estudam. A mesa apresentou as instituições onde se pode estudar a Psicologia do Esporte, viabilizando aos participantes ouvintes novos horizontes.

A mesa deixou claro que o desafio da formação em Psicologia do Esporte começa ainda na graduação de Psicologia, já que não são muitos cursos que oferecem a disciplina em Minas Gerais, tal como a pesquisa que Wellington Alvarenga apresentou na mesa sobre “Psicologia do Esporte nos cursos de graduação em Minas Gerais: que Psicologia é essa?”

Vale a pena conferir a pesquisa porque é um fato de que apenas em algumas faculdades de Psicologia há grupos de estudos em Psicologia do Esporte e há escassez de corpo docente capacitado a lecionar a disciplina. A disciplina é obrigatória nos cursos de Educação Física e muitas vezes os alunos de psicologia a buscam ali para terem contato com o conteúdo da área.

Em Minas Gerais, só se encontram possibilidades de pós-graduação no nível de mestrado e doutorado vinculado ao treinamento esportivo dentro de laboratórios de cursos de Educação Física. Carecemos de cursos de pós em nível de especialização em Psicologia do Esporte em Minas Gerais, embora existam muitos disponíveis no mercado. Um grande desafio para Minas é o de implantar cursos de especialização em Psicologia do Esporte pelas faculdades de Psicologia, visando a qualificação dos profissionais que se interessem por trabalhar na área.

Pensando nessas dificuldades, apresentadas pelos convidados e profissionais da Psicologia do Esporte já consolidados nesse campo, me faço valer do meu lugar de fala e trago um relato pessoal sobre as dificuldades e oportunidades de alguém que está começando a formação como profissional em Psicologia do Esporte. Sou psicólogo formado pela Universidade Federal de Goiás regional Catalão (UFG), atual Universidade Federal de Catalão (UFCat). A cidade de Catalão se localiza na região sudeste goiano, região que não tem muitas instituições esportivas. A grande maioria das instituições são sazonais e ligadas aos governos municipais, o que apresenta uma baixa profissionalização e capacitação para áreas afins ao esporte.

A UFG/UFCat não oferece a disciplina de Psicologia do Esporte nos cursos de Psicologia e Educação Física. Então, além de não ter contato com disciplinas dentro do curso, também não foi possível ter contato com profissionais em Psicologia do Esporte por todo o período da minha graduação. Estudava Psicologia do Esporte de maneira autônoma, muitas teorias e textos que discutiam vários assuntos relacionados à Psicologia do Esporte. Por não ter onde tirar algumas dúvidas e conhecimento dentro do campo, enfrentei várias dificuldades durante os estudos nesse período.

Visando superar essa situação, comecei a pesquisar quem eram os psicólogos do esporte e a segui-los nas redes sociais. Pesquisava seus Currículos Lattes para descobrir os autores que estudaram, produções publicadas e os assuntos atuais dentro da área. Mesmo assim, tenho enfrentado dificuldades para entrar no campo, pois me formei no início do ano de 2020, e junto com a formatura veio a pandemia do Covid-19, o que inicialmente foi uma grande dificuldade dada às formas de combate e enfrentamento ao vírus, possibilitou por outro lado várias oportunidades. As instituições tiveram que se adaptar e muita coisa começou a ser telepresencial e *on-line*. Isso foi um facilitador já que moro em uma cidade remota desses polos de cursos e eventos. As reuniões *on-line* me possibilitaram ter contato com vários profissionais de Psicologia do Esporte. Atualmente faço um curso de formação em Psicologia do Esporte, participo de um grupo de estudos e da comissão de orientação em Psicologia do Esporte do CRPMG. Ainda assim, enfrento dificuldades no que se diz respeito à prática em Psicologia do Esporte, mas a grande maioria dos profissionais da Psicologia do Esporte são muito receptivos e prestativos com as pessoas que

estão começando e isso ajuda muito a formação. Para isso, se faz necessário que os cursos de graduação de Psicologia invistam em profissionais qualificados para lecionar as disciplinas de Psicologia do Esporte, da mesma forma é necessário que aluno entenda seu papel no processo de formação e a necessidade de uma formação continuada para oferecer o melhor atendimento às demandas do campo de atuação.

A PSICOLOGIA DO ESPORTE SOB A PANDEMIA DO COVID 19: OS IMPACTOS E POSSIBILIDADES

Juliana Santana Prado



INTRODUÇÃO

O projeto Viva o Esporte, de Betim - Minas Gerais, atua com comprometimento em uma política pública de esporte e lazer, visando à inclusão, acessibilidade e garantia de direitos. A equipe é composta por profissionais da Educação Física, fisioterapeutas, assistentes sociais e psicólogos do esporte, que trabalham de forma articulada.

O projeto trabalha com a rede pública e realiza o acolhimento dos alunos, identificando demandas, fazendo encaminhamentos e trabalhando de forma geral na inclusão. É um projeto abrangente, por atender todas as idades (a partir dos 6 anos até a terceira idade), e por termos o AFA, que é a Atividade Física Adaptada, sendo uma modalidade que atua enquanto um processo inclusivo de pessoas com alguma deficiência, seja ela física, intelectual, visual ou auditiva, ou transtornos globais de neurodesenvolvimento. O projeto visa o atendimento geral da população do município nas várias modalidades esportivas, sendo amplo, onde muitas pessoas que estão em uma situação de vulnerabilidade social veem aquele local como um meio de uma possibilidade de crescimento para si mesmo, e de fazerem o uso de suas habilidades. Há muitos atletas que começaram no projeto desde crianças e fizeram sua carreira ali, participando de competições internacionais, inclusive alunos do AFA.

O projeto também teve que adaptar o seu funcionamento considerando a pandemia do Covid 19. Logo no início, quando tudo parou, ainda não se havia pensado em uma forma de adaptação do projeto na modalidade *on-line*. Depois de um ano de pandemia foi observado impactos profundos em cada usuário do serviço do esporte.

No AFA, ou então até o atendimento para os idosos, muitos dos alunos tinham como rotina o momento de se prepararem para ir para a aula, fazê-la, e voltarem para casa. Durante a pandemia, isso não foi possível, e muitos deles não possuíam outras atividades além do esporte, talvez alguns fizessem parte de algum centro de convivência, porém estes também estavam fechados. A maioria desses alunos, em específico, precisavam de um acompanhante para fazer a atividade, o que também não foi possível por causa da pandemia. Muitos não tinham intimidade com telefone ou com computador e acabaram desistindo.

E o impacto subjetivo disso pode ser uma causa de piora no quadro diagnóstico e emocional do aluno.

Não só os alunos que necessitavam de um acompanhamento profissional mais de perto, mas quem era praticante de atividades físicas em geral, sentiram o impacto do isolamento. O trabalho remoto e a disposição das redes sociais durante a maior parte do tempo, sem a correria do cotidiano, favoreceu a acomodação do corpo e a preguiça, quanto menos o corpo se movimenta mais ele entende que não precisa liberar certos neurotransmissores durante o dia, essa falta de estímulo pode até mesmo atrasar o desenvolvimento psicomotor de uma criança, por exemplo, o que também proporciona o sentimento de estagnação, desânimo, preguiça, ansiedade, estresse e episódios depressivos.

Os trabalhos remotos deram possibilidade para os atletas. Aqueles que não desistiram do seu esporte exercitaram-se em casa, tiveram uma melhora emocional ocupando o próprio tempo, adquiriram uma intimidade maior com o celular, com o computador, de forma a desenvolverem a própria autonomia com esses recursos digitais. E até mesmo uma intimidade maior com os técnicos, que acompanharam de perto a rotina e o treino dos alunos, antes o contato com o técnico era mais didático, agora precisou entender a realidade desse aluno, o que abriu espaço para uma aproximação. E todos nós sabemos, o quanto o contato com o outro é fundamental nesse momento, mesmo que através de telas. Além disso, a atividade física enquanto rotina, mesmo que em casa, ajuda a reduzir a ansiedade, tornando-se um recurso diante desse cenário de incertezas e inseguranças.

Quando estamos falando dos atletas de alto rendimento, o cenário também é diferente. Um atleta de alto rendimento se prepara o ano inteiro para competições. Ele desenvolve uma rotina em torno daquilo ali, uns trabalham com isso, outros não, uns ainda estão na escola e o dia é cheio. Então, o atleta é obrigado a parar e voltar para casa.

Além do impacto técnico, o do corpo, o atleta se viu diante de uma circunstância de incertezas. O que, por si só, já é angustiante e proporciona ansiedade. O ambiente esportivo é descontraído e saudável, o atleta não tinha mais acesso a isso e, apesar de saberem a importância que é se organizarem em volta de uma rotina, enfrentavam a dificuldade de se organizarem dentro de

uma, porém alguns atletas não tiveram acesso à uma estrutura necessária para treinarem, o que gerou um sentimento de estagnação e insegurança, que foi potencializado pela imprevisibilidade do retorno às atividades normais, treinos e competições.

Muitos atletas de alto rendimento voltaram aos treinos presenciais e competições mesmo durante a quarentena, porém havia o “dificultador” que impediu que elas ocorressem de forma normal, o cuidado de não pegar a doença, e alguns atletas acabaram pegando, o que culminou no sentimento de insegurança e incerteza sobre o que o vírus pode causar no corpo, sobre os planos de competição que mais uma vez foram interrompidos, contar com esse “dificultador” é algo que todos os atletas, que estavam treinando presencialmente durante a pandemia, precisaram incluir enquanto possibilidade. Ter paciência com essas freadas e mudanças de planos, que são bruscas.

Agora, sabemos que a jornada múltipla de um atleta, gera um estresse físico e mental, já que ele precisa organizar rotina e treinos com a vida pessoal, social e rotina de casa, logo o isolamento social pode ser uma possibilidade positiva para quem precisa de um tempo de descanso e para focar em si mesmo e em outras partes da vida desse atleta que estão pendentes. Um projeto que está em segundo plano, um olhar mais atento para si mesmo sem interferências da rotina, e planos para o futuro, suas dificuldades emocionais e suas particularidades, já que, em um momento difícil da vida do atleta, são essas dificuldades que estão por trás e, talvez, elas não sejam tão claras, já que não há tempo para pensar sobre elas. O isolamento social proporciona mais momentos individuais, de autorreflexão e autocrítica, e isso pode ser muito interessante para o desenvolvimento emocional de um atleta de alto rendimento e praticantes de atividade física no geral.

Para passarmos por esse momento, incluir os treinos e a atividade física remota na rotina, como forma de prevenção e tratamento de doenças, assim como para uma vida com mais disposição é fundamental. Mas, também, a autorreflexão, para o trabalho de treino das nossas habilidades psicológicas passa a ser crucial. Nossa atenção, concentração, atenção, foco, nossas emoções, paciência, tudo isso passa a ser imprescindível para um melhor desempenho. Quem apostou na saúde mental e treinamento nas próprias habilidades psicológicas, em tempos de pandemia, passou por essa fase de maneira mais

tranquila, de acordo com as próprias necessidades.

A Psicologia do Esporte se fez necessária nesse momento para o acolhimento do sofrimento dos praticantes de atividades físicas. O trabalho em grupo, talvez de uma equipe, ou atendimentos individuais remotos, são formas de levantarmos demandas e de pensarmos até em um projeto terapêutico para aquele sujeito ou para aquele grupo discutir temas que o grupo deseje, ou auxiliar o atleta em elaboração de metas para si mesmo, identificar limitações, validar a fragilidade desses atletas em um momento em que a autocobrança acaba não ajudando, já que as situações não estão sob controle dos mesmos. Os tempos são outros, então as cobranças não precisam ser as mesmas, o treinamento de habilidades psicológicas, elaborações de autoavaliação para esses atletas, o que proporciona uma autorreflexão, incentivar o autocuidado, trabalhar a motivação deixando claro que apesar da demora da pandemia, isso é algo temporário, tudo isso faz parte das possibilidades que um psicólogo do esporte tem, em trabalhar de forma remota com atletas em tempos de pandemia, para que quando eles voltem às rotinas normais, o psicológico esteja alinhado com o corpo.

REFERÊNCIA

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ. **Psicologia do Esporte no contexto da Covid-19**. Curitiba: CRP, agosto de 2020. (Livro eletrônico.)

POLÍTICA PÚBLICA DE ESPORTE E LAZER PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E O SUBCAMPO ‘PSICOLOGIA DO ESPORTE’

Marcelo de Melo Mendes

Dayane Aparecida Ferreira de Assis



INTRODUÇÃO

O interesse pela temática específica relacionada às políticas públicas de esporte e lazer para pessoas com deficiência, surgiu durante o processo de formação pessoal, acadêmica e profissional do primeiro autor deste capítulo. Em 1990, iniciou a graduação em licenciatura plena no curso de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, durante a qual indagações sobre concepções de formação do sujeito, desenvolvimento psicológico, cognitivo e motor e atendimento a alunos com dificuldades de aprendizagem o levaram a buscar, no ano de 1992, o curso de graduação em Psicologia no Centro Universitário Newton Paiva.

Nestas graduações, algumas disciplinas marcaram profundamente sua trajetória profissional, dentre as quais a “Psicologia Social I e II”; “Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aprendizagem”; “Lazer, Ludicidade e Educação Física”; “Educação Física para Pessoas Portadoras de Deficiência”; “Psicologia do Excepcional”; e “Psicologia do Esporte”. Tais disciplinas, por pretenderem uma formação crítica, reflexiva e mesmo desafiadora, instigam reflexões e questionamentos sobre o papel da Psicologia no contexto das diversidades, a importância das políticas públicas e sociais e o esporte e lazer enquanto um fenômeno integrante de uma cultura e agente transformador (Marcellino, 2008).

No entanto, naquele momento, no início da década de 1990, quase não havia, nestas graduações, disciplinas relacionadas às políticas públicas (Starepravo, 2014; Starepravo; Souza; Marchi Júnior, 2011). Esta temática, inclusive com estudos relacionados à análise de políticas públicas, surge com ênfase no Brasil, a partir da **Constituição Federal de 1988**, a conhecida “Constituição Cidadã”, nos movimentos sociais e de governos com proposições mais sociais, principalmente no governo do Partido dos Trabalhadores (Caravage; Oliver, 2018; Caravage; Almeida, 2012).

Neste sentido, nos últimos anos, apesar de estudos brasileiros sobre políticas públicas de esporte e lazer ainda serem incipientes, algumas pesquisas publicadas vêm procurando suprir estas lacunas, com propostas metodológicas de análise das políticas de esporte e lazer, com aproveitamento de referenciais das ciências políticas e sociais (Starepravo; Souza; Marchi Júnior, 2011). Segundo

Starepravo (2014, p. 34):

A política pública muitas vezes é apenas a parte mais visível de todo um processo desenvolvido num espaço social específico, que comporta disputas, relações, alianças, decisões estratégicas e, também, não planejadas. Em suma, escrever sobre políticas públicas de esporte e lazer requer mapear o espaço social onde estas são produzidas, avançar no entendimento das relações entre os agentes, até finalmente compreender quais as políticas que foram efetivadas, aquelas que foram preteridas, as que obtiveram êxito e aquelas que não passaram de propostas.

Corroborando com Starepravo, Souza (2006, p. 26) vai dizer que políticas públicas seriam:

O campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real.

(...) políticas públicas, após desenhadas e formuladas, desdobram-se em planos, programas, projetos, bases de dados ou sistema de informação e pesquisas. Quando posta em ação, são implementadas, ficando daí submetidas a sistemas de acompanhamento e avaliação.

Em relação à prática profissional do primeiro autor deste capítulo, o mesmo começa a adentrar no movimento da política pública de esporte e lazer para pessoas com deficiência no ano de 2000, trabalhando na Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, ao atender a um convite para fomentar a prática do judô

para pessoas com deficiência visual no Programa Superar. Trabalhando na Secretaria Municipal de Esportes e Lazer desde 1994, inicialmente resistiu em aceitar o desafio de trabalhar com pessoas com deficiência visual, pois, embora tivesse cursado a disciplina “Atividade Física para Portadores de Deficiência” e “Psicologia do Excepcional” na graduação, não se sentia preparado para tal.

No entanto, com estímulos dos profissionais do Programa Superar, que atuavam com este público, acabou aceitando, contando sempre com o apoio e o auxílio desses colegas.

Esta experiência com alunos com deficiência o instigou a fazer um mestrado em Educação e o levou também a lecionar a disciplina “Atividade Física para Pessoas com Deficiência”, “Psicologia do Esporte” e “Psicologia da Pessoa com Deficiência” nos cursos de Educação Física e Psicologia de uma instituição de Ensino Superior da rede particular de Belo Horizonte, durante aproximadamente 12 anos. Além disto, no ano de 2011, recebeu o convite para gerenciar o Programa Superar.

As políticas públicas de cunho social, destinadas às pessoas com deficiência, se inserem hoje em um contexto mundial de conquistas legislativas que garantiram uma série de direitos a essa parcela da população, principalmente nas instâncias da saúde, educação, lazer, esporte, moradia e trabalho. No caso do Brasil, tem como marco a Constituição Federal de 1988 e outros decretos e diretrizes de leis que surgiram a partir de recomendações de importantes conferências internacionais. Dentre as Conferências Internacionais temos a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), de 2006, que foi desenvolvida e aprovada pela Organização das Nações Unidas e ratificada pelo Brasil em 2007. Na CDPD, no Artigo 30 que dispõe da “participação da vida cultural e em recreação, lazer e esporte”, enfatizando a importância da participação das pessoas com deficiência na formulação de políticas públicas em todas as temáticas, inclusive no esporte (Brasil, 2007).

No que tange à política pública de Esporte e Lazer do município de Belo Horizonte, destinada à pessoa com deficiência, esta consiste no Programa Superar. Este programa, desde o ano de 1994, é responsável por planejar, coordenar, executar e avaliar as ações e atividades de lazer e esportivas para as pessoas diferentes e com condições peculiares permanentes (Mendes *et al.*, 2018).

Enquanto política pública, no contexto atual, o Programa Superar apresenta duas ações sustentadoras, sendo a primeira ação, a execução propriamente dita, que se constitui no fomento do lazer e do esporte e a segunda ação que trata da formação e capacitação de pessoas para atuarem com pessoas (atletas) com deficiência (Mendes *et al.*, 2020). Esta segunda ação, no intuito de atender o paradigma da inclusão, tem como premissa a participação de pessoas com deficiência e pessoas típicas num ambiente comum. Esta última ação sustentadora tem como propósito promover e difundir conhecimentos acadêmicos referentes ao lazer e esporte, destinados às pessoas (atletas) com deficiência, e sensibilizar estudantes de ensino fundamental, médio e superior no sentido de formar e despertar a sociedade para as possibilidades e potencialidades das pessoas (atletas) com deficiência.

Atualmente o Programa Superar atua em um Centro de Referência Esportiva para Pessoas com Deficiência e em 7 núcleos. No ano de 2019, foram atendidas 851 pessoas com deficiência, em 16 atividades físicas e modalidades paralímpicas, sendo 513 do sexo masculino e 314 do sexo feminino. Em relação ao tipo de deficiência, o público atendido foi de 45,8% de deficientes intelectuais, 31,6% de deficientes múltiplos (mais de um tipo de deficiência), 7,5% de deficientes físicos, 6,3% de autistas e 5,1% de deficientes visuais. Além disso, o Programa Superar tem como princípios o respeito às diferenças; a garantia de direitos; a maximização do potencial; a ênfase na inclusão; e a formação e capacitação.

A partir da explanação da experiência profissional do autor, com lacunas de estudos acadêmicos relacionados às políticas públicas e necessidade de mais profissionais do campo da Psicologia e do subcampo Psicologia do Esporte, no contexto do esporte para pessoas (atletas) com deficiência, apresenta-se os desafios percebidos na área.

1. DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

No âmbito das políticas públicas de Esporte e Lazer para Pessoas com Deficiência, existem alguns desafios no que tange ao subcampo Psicologia do Esporte. O principal desafio, pensando no ciclo político que constitui em cinco momentos sucessivos, interligados e dinâmicos, denominados como “identificação de problemas”, “conformação da agenda”, “formulação”, “implementação” e “avaliação da política” (Souza, 2006; Frey, 2000), percebe-se a ausência deste subcampo já na identificação de problemas e conformação da agenda.

No caso específico do Programa Superar, responsável pela política de esportes e lazer, na prática, não possui um trabalho interdisciplinar. O seu quadro técnico é composto por profissionais de Educação Física e um médico. Sabe-se da importância do psicólogo e do psicólogo com conhecimento em Psicologia do Esporte, no entanto, na própria Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, não tem este tipo de serviço intersetorial nesta especificidade de políticas públicas de esportes e lazer para pessoas com deficiência. Neste contexto, a contratação de um psicólogo pelo poder público, com um respaldo de um quadro de funcionário na Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, não entra enquanto identificação de um problema e na agenda política.

Uma questão que se percebe, quando estagiários de psicologia fazem estágio no Programa, é a dificuldade de relacionar esporte e a condição da deficiência, ainda com um olhar clínico dos futuros profissionais e não um olhar social. Neste sentido, outro desafio consiste na formação do psicólogo para atuar com a Psicologia Esportiva além da necessidade de conhecimento e convivência com o público da pessoa com deficiência. Tardif (2002) não considera como formação apenas os cursos práticos, mas o cotidiano da vida social, as relações entre os profissionais, as reflexões das práticas e o convívio com o próprio público enquanto elementos formativos do saber docente e discente. Larrosa Bondia (2002) enriquece esse debate, afirmando que o sujeito da formação é o sujeito da experiência e não da aprendizagem. O autor enfatiza que os saberes da experiência são o que fazem o que somos e não o que sabemos.

A falta de investimento do poder público e a formação dos profissionais vêm sendo os principais desafios neste contexto. As estratégias para minimizar estes dois principais desafios pelo Programa Superar consistem no suporte técnico às entidades e participação em leis de incentivos. O Programa Superar dá o suporte técnico e de infraestrutura, no momento, a cinco entidades que atuam diretamente com modalidades paralímpicas. Estas entidades têm participado de editais referentes a leis de incentivos e, em muitos casos, insere no escopo do trabalho a contratação de Psicólogos. Em relação à formação, o Programa Superar oportuniza a abertura de campo de estágio supervisionado para as universidades e visitas técnicas, bem como disponibiliza o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Dentro deste contexto surgem algumas possibilidades.

2. OPORTUNIDADES PERCEBIDAS NA ÁREA

Especificamente em relação ao Programa Superar, atua diretamente com 5 entidades, que consistem na Sociedade de Surdos, Minas Quad, Associação Mineira do Paradesporto (AMP), Associação Paradesportiva e Esportiva de Belo Horizonte (APEBH) e Associação dos Deficientes Visuais de Belo Horizonte (ADEVIBEL).

Todas as entidades têm o suporte técnico do Programa Superar, utilizam a infraestrutura e participam em eventos oficiais de suas respectivas Confederações e do Comitê Paralímpico Brasileiro. Além disso, têm a possibilidade de se submeterem a projetos de leis de incentivos para adquirir recursos financeiros. Algumas entidades, como Minas Quad e AMP, já tiveram em seu quadro de comissão técnica a participação de Psicólogos do Esporte.

Além das entidades, no fomento direto do Programa Superar, já tivemos atuação de psicólogos neste contexto. Tivemos o Programa Superar enquanto campo de estágio de Psicologia para Universidades, com atendimento a grupos de famílias, disponibilização para a residência multidisciplinar do hospital Odilon Behrens e trabalhos acadêmicos relacionados à política pública, psicologia, psicologia do esporte, lazer, paradesporto, dentre outros.

Este subcampo de atuação oportuniza aos profissionais da Psicologia, principalmente no contexto da Psicologia do Esporte, um atendimento

diversificado, com uma demanda de conhecimento novo e possibilidade de se fazer diferente. Além disso, através da minha prática, percebe-se que os resultados das intervenções, no âmbito da Psicologia do Esporte, vêm como muita ênfase.

3. PERSPECTIVAS PARA O FORTALECIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA PE NA ÁREA DE ATUAÇÃO

Acreditamos que o subcampo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer para Pessoas com Deficiência e a Psicologia do Esporte, apresenta lacunas em relação à formação profissional para este contexto, investimentos do poder público, trabalhos interdisciplinares e profissionais da Psicologia do Esporte engajados no movimento paralímpico.

Consiste numa área que ainda podemos considerar jovem, em função do histórico recente das conquistas de direitos sociais das pessoas com deficiência tanto na Constituição Federal do Brasil de 1988, Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência de 2006 e Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência de 2016 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), com a possibilidade de crescimento da área e com grande demanda de pesquisas científicas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. **Constituição Federal**. Brasília, 1988.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência**. Brasília, 2007.

BRASIL. Lei nº 13146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 2015.

CARAVAGE, Andresa; OLIVER, Fátima Corrêa. Políticas Públicas de Esporte e Lazer para Pessoas com deficiência. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 987-1.000, 2018.

CARVALHO, L.; ALMEIDA, P. Direitos humanos e pessoas com deficiência: da exclusão à inclusão, da proteção à promoção. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, Brasília, n.12, 2012.

FREY, Klaus. Políticas Públicas: Um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, Paraná, n. 21, p. 211-259, 2000.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, 2002.

MARCELINO, N. C. **Políticas públicas de lazer**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

MENDES, M. M.; COSTA, T. R.; OLIVEIRA, J. R.V.; LÔBO, I. L. B. Gestão de uma política pública municipal de Esportes Paralímpicos: Programa Superar. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte - VI Congresso Paradesportivo Internacional (Suplemento)**, São Paulo, v. 24, n. 6, nov./dez., 2018.

MENDES, M. M. et al. Superar/Marconi: Implementação de um projeto de esporte e lazer escolar às pessoas com deficiência em Belo Horizonte. XIV Encontro Internacional Científico OTIUM, Congresso Ibero-Americano de Estudo de Lazer, Ócio e Recreação, **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/EEFFTO, p. 1.007-1.016, 2020.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em dezembro de 2006**. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/onu.php>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SOUZA, C. Políticas Públicas: Uma revisão de literatura. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, 2006.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. Caracterizando o subcampo político/burocrático do esporte e lazer no Brasil. In: MEZZADRI, Fernando Marinho (Org.). **Políticas públicas e esporte**. Várzea Paulista: Fontoura, p. 33-48, 2014.

STAREPRAVO, Fernando Augusto; SOUZA, Juliano de; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: Uma Proposta Teórico-Metodológica de Análise. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 233-251, jul./set. de 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RELATORIA DA MESA: “PSICOLOGIA DO ESPORTE E POLÍTICAS PÚBLICAS”

Gabriela Zardini Atayde



INTRODUÇÃO

Esse texto tem como objetivo relatar as apresentações da terceira mesa do 3º Encontro Mineiro de Psicologia do Esporte – Psicologia do Esporte e Políticas Públicas. A primeira palestrante a falar foi a psicóloga Adriana Pereira, especialista em Psicologia do Esporte, mestre em Educação Especial e doutora em Psicologia Social. É professora adjunta da PUC-Goiás e líder do Grupo de Estudos em Gênero, Esporte e Mídia da mesma instituição. Atua dentro da Psicologia Social do Esporte com pesquisa, ensino, consultoria e intervenção. Adriana contou que se envolveu com a Psicologia do Esporte por ter sido enxadrista antes de entrar na faculdade, o que abriu muitas portas, mas enfatizou que manter o seu lugar dentro da Psicologia do Esporte é uma luta constante. Também participou da criação da cartilha do CREPOP-CRP, construindo diretrizes e apresentando a prática da PE.

Juliana Santana Prado, segunda palestrante da mesa, é psicóloga do esporte no Projeto Viva o Esporte, da Prefeitura Municipal de Betim, atuando com comprometimento em uma política pública de esporte e lazer, visando à inclusão, acessibilidade e a garantia de direitos. Em sua equipe, também conta com profissionais de Educação Física, fisioterapeutas, e assistentes sociais, além dos psicólogos. O trabalho visa incluir crianças e adolescentes em diversas modalidades.

Nosso último palestrante foi Marcelo de Melo Mendes, formado em Psicologia e Educação Física, mestre em Educação e atualmente doutorando em Estudos do Lazer. Atua na área de Políticas Públicas desde 1994, quando se tornou o primeiro Analista de Políticas Públicas. Depois, começou a atuar com atletas com deficiência visual, e desde 2003, atua no Projeto Superar, onde é gerente de Paradesporto da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura de Belo Horizonte e técnico de judô, esporte no qual é faixa preta, 5º dan. O encontro foi mediado pela Profa. Dra. Paula de Paula, graduada e doutora em Psicologia, professora de Educação Física.

Em relação aos desafios percebidos na área, os três palestrantes perpassam, através de perspectivas diferentes, pelas dificuldades e desafios da prática da Psicologia do Esporte. Adriana Pereira, por exemplo, citou que falta saber melhor sobre os direitos da maioria e sobre política – sair um pouco do campo

prático óbvio de atletas e rendimento esportivo; com as políticas públicas e o esporte, trabalhamos com o recorte do esporte, que é um direito previsto pela Constituição Federal. A Psicóloga ainda cita que a concepção do esporte é ampla, mas que há lugar para o psicólogo, uma vez que envolve pessoas e isso é o campo da Psi. Foi isso que tentou passar na cartilha do CREPOP-CRP: o esporte como um direito humano.

Juliana Prado, nos trouxe uma perspectiva mais voltada para a situação atual do Covid-19. Ela contou que quando se instaurou a quarentena e o isolamento, não pensaram de imediato em uma adaptação do Projeto Viva o Esporte para o modo remoto, por acreditarem ser algo corriqueiro. Hoje, já percebem que deveriam ter pensado desde o início, pois o pouco tempo parado teve impacto significativo na rotina dos alunos – muitos não possuem outras atividades de lazer e de vida além do esporte e da escola. A pandemia, porém, também fez com que muitos desistissem do programa ou por não terem acesso à internet ou por não terem ajuda de uma outra pessoa para realizar as atividades. Esse afastamento do programa acabou trazendo um impacto direto na saúde mental dos jovens, gerando um sentimento de “Sem o esporte, o que vou fazer?”. Além disso, a palestrante também citou que o trabalho remoto favoreceu a preguiça e a falta de movimentação do corpo.

Em relação às oportunidades percebidas na área, Juliana ressaltou que assim que perceberam que precisavam se adaptar a forma remota, tentaram fazê-lo da melhor forma possível. Notaram que o trabalho à distância fez com que os vínculos com os técnicos se estreitassem, tornando a relação mais íntima pelo contato acontecer de forma mais direta. Além de trazer a atividade física como uma alternativa para melhorar os sintomas do sedentarismo e a ansiedade. Ela ainda pontuou que apostar na saúde mental em tempos de pandemia é extremamente necessário, pois a psicologia pode e deve ajudar as pessoas a passarem por essa fase; A Psicologia do Esporte está aí para acolher os sofrimentos dos atletas, alinhando seu psicológico para quando voltarmos à rotina “normal”.

Em relação às perspectivas para o fortalecimento e consolidação da PE na área de atuação, Marcelo Melo pontuou, assim como Adriana Pereira, a importância do esporte e do lazer como direitos imprescindíveis. Adriana reforçou a necessidade de buscar uma Psicologia do Esporte brasileira, ou seja,

adaptada à realidade do país, de forma a se “desprender” dos postulados que se baseiam em realidades internacionais. Marcelo já voltou sua apresentação à necessidade e a importância da atuação do psicólogo com pessoas com deficiência: dentre as práticas possíveis, citou o respeito às diferenças, a garantia de direitos, maximização do potencial das pessoas, ênfase na inclusão e a formação e capacitação de atletas.

RELATORIA DA MESA: “PSICOLOGIA DO ESPORTE: UMA VISÃO DE ATLETAS E TREINADORES”

Franco Noce

Celina Isabela de Souza



INTRODUÇÃO

A Psicologia do Esporte, pode ser definida como um saber que busca averiguar as razões e os impactos dos fenômenos emocionais que o indivíduo exibe antes, durante e após a execução da atividade física, seja ela de cunho lúdico ou competitivo. Analisa, também, a forma como fenômenos mentais afetam o desempenho dos atletas e sugere possibilidades a assistência a estas solicitações.

A mesa “Psicologia do Esporte: Uma visão de atletas e treinadores” foi dirigida pelo coordenador Franco Noce, e composta por dois treinadores Camilla Orlando treinadora do futebol feminino e Ricardo Picinin treinador de vôlei e os atletas Bruno Soares, do tênis e Daniele Hypólito da ginástica artística.

Mesmo com modalidades esportivas que se diferem, os quatro se encontram em um mesmo ponto de congruência: a importância da saúde mental e do psicólogo no contexto esportivo em que estão inseridos.

As glórias e os milhões alcançados por poucos ajudam a mascarar e silenciar o sofrimento de muitos. O esporte de alto rendimento parece ser uma reprodução ainda mais intensa dos valores sociais vigentes. Isto é, se somos uma sociedade acometida pelo estresse, pela competitividade desmedida, pela velocidade exacerbada e efemeridade das coisas; assolada pelo preconceito e pela fantasia da perfeição; pela falta de permissão para falarmos sobre nossas “derrotas” e cuidarmos de nossas próprias fraquezas, para nos mostrarmos vulneráveis, errantes, mas sobretudo humanos, no mundo esportivo de alto rendimento, esses (des)valores se fazem presentes com maior rigor e severidade, gerando fatores estressores capazes de provocar sofrimentos humanos intensos.

A relevância da prática esportiva à promoção da saúde em uma sociedade é inquestionável. O esporte contribui pela saúde física e mental das pessoas e é uma ferramenta capaz de trabalhar valências como disciplina, respeito, autocontrole e resiliência, além de ajudar na inserção social e no aumento da expectativa de vida. É ainda instrumento importante no combate aos comportamentos nocivos para si e para os outros, como envolvimento com a criminalidade. Contudo, há uma diferença significativa entre a prática esportiva comum, amadora, e o esporte de alto rendimento, profissional.

O debate sobre adoecimento mental no esporte de alto rendimento, mesmo

ainda incipiente e considerado tabu, vem ganhando espaço, proporcionalmente ao crescimento denúncias de assédios, abusos sexuais, relatos de dramas pessoais vivenciados por atletas e ex-atletas e agora, mais do que nunca, sobre os impactos da Covid-19.

Na visão dos dois treinadores, um ponto em comum é a vivência na psicoterapia que, além de se autoconhecerem, puderam ter uma compreensão que perpassa o campo e a quadra. Com o início da pandemia, Camilla relata que sua equipe se deparou com as angústias e incertezas do momento presente, e que através de suas vivências psicoterapêuticas pôde contribuir de forma mais assertiva no acolhimento das atletas, e assim compreendê-las de um ponto de vista amplo, que abrangesse o lado técnico, tático e emocional.

Para os atletas, o cenário é quase o mesmo. A começar por Bruno que traz que a Psicologia do Esporte é fundamental para ele, pois ela coloca à prova todos os sentimentos e sensações do ser humano. Desde criança, o tenista sempre obteve sucesso dentro do esporte, aos cinco anos ele iniciou a prática do tênis e consequentemente as competições também, e foi durante esse período que ele se deu conta que junto com as vitórias vinham as pressões e expectativas dos treinadores, familiares e patrocinadores. E nessa vertente, a psicologia pôde ajudá-lo tanto com a *performance*, como também a lidar com a pressão do mundo esportivo. Na visão de Daniele, a primeira experiência com um profissional de Psicologia do Esporte foi, de certo modo, desafiadora. A ginasta declara ter tido “um pé atrás” com a área pelas vivências anteriores, o que a fez fechar as portas por um tempo para a PE. O tempo foi passando, a cobrança e *glamour* no esporte foram aumentando e Hypólito foi se permitindo mais. Para ela, o psicólogo exerce hoje uma das profissões precisas, ainda mais agora nesse momento de pandemia, onde muitas pessoas sofrem com ansiedade, medos, e a psicologia vai trabalhar exatamente esse lado emocional, já que tem sido muito difícil cumprir os compromissos desportivos, pois gera uma expectativa nos atletas a respeito da carreira.

1. OPORTUNIDADES PERCEBIDAS NA ÁREA

Verifica-se que existe um campo de atuação a ser lapidado para os psicólogos do esporte, porém, ainda se mantém estigmatizado decorrente de profissionais

que estiveram no passado. Entretanto, as associações, grupos de estudos e comissões pelo país vêm dando visibilidade ao trabalho atual e abarcante que a PE tem se tornado. Com a busca por melhores desempenhos, reconhecimento da importância da saúde mental, cada vez mais atletas e clubes têm se dedicado a buscar por um profissional da Psicologia do Esporte. O caminho ainda é longo, com muitos percalços, mas é visível o início de uma valorização, principalmente por parte dos treinadores, que são peças-chave para a entrada dos psicólogos de forma efetiva.

2. PERSPECTIVAS PARA O FORTALECIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA PE NA ÁREA DE ATUAÇÃO

Percebe-se que o processo do exercício profissional das mais diversas áreas; tanto de psicólogos e treinadores como dos próprios atletas, decorre pela carência de incentivo cultural e financeiro pela profissionalização dos esportes. Desse modo, psicólogos, treinadores, atletas, qualquer sujeito que dedique sua profissão/atuação no campo esportivo, transcorrem por uma larga caminhada em busca pelo reconhecimento, e muitos pelo alcance da própria possibilidade de exercerem integralmente o trabalho nessa área, visto que no Brasil apenas esporte de grandes ligas, em sua maioria, oferecem o sustento salarial através do esporte. As dificuldades de atuação da Psicologia do Esporte se entrelaçam com os próprios percalços do esporte na atualidade no país.

Diante disso, é notória a abertura em que a maioria dos treinadores e atletas estão dando para a Psicologia, o que há um tempo tinha um maior nível de complexidade. Mas para que haja uma maior inserção dos profissionais dentro das comissões técnicas e uma consolidação de fato é necessária uma formação abrangente e multidisciplinar.

REFERÊNCIA

SMOLL, F. **Introduction to Coaching**: Communication at parents. Ottawa: Coaching Association of Canada, 1986.

RELATORIA DA MESA: “A ATUAÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A) DO ESPORTE NO CONTEXTO COMPETITIVO DE BASE”

Michele Barbosa



INTRODUÇÃO

A psicologia nas categorias de base trabalha com sonhos e possibilidades, em um ambiente bastante dinâmico e verdadeiro, dando ao profissional maiores oportunidades de intervenção. A Psicologia do Esporte é uma ferramenta de formação humana e de valores, e quanto antes se entrar em contato com esses valores, desde pequeno, melhor.

O ambiente na iniciação esportiva se apresenta como oportunidade de socialização para as crianças e jovens, contudo exige deles esforços que muitas vezes são semelhantes a importantes situações da vida. Desse modo, abre-se a discussão a respeito dos benefícios e custos da prática esportiva competitiva de crianças e jovens, assim como o desenvolvimento de suas personalidades, as metas desse jovem atleta, a influência da escola e a tríade: pais, atletas e treinadores.

É interessante que a atuação do psicólogo do esporte esteja pautada em três objetivos principais, o primeiro deles é atingir o bem-estar psicofisiológico social da pessoa com quem se está trabalhando, ajudando-o a compreender o que é esse bem-estar e como atingi-lo. Segundo, é buscar atingir o crescimento e desenvolvimento pessoal, ou seja, ajudar o atleta em seu processo de autoavaliação, na construção de metas, análise de carreira e habilidades (onde está, onde quer chegar, o que se tem e o que falta de habilidade para atingir as metas, e o que o aproxima e o afasta de seu objetivo). Por fim, em terceiro, está a otimização do desempenho esportivo.

Visando esses objetivos, é importante auxiliar o atleta em um planejamento de carreira, contribuindo para que consiga manter ou aprimorar as habilidades que o aproxima de suas metas e eliminar aquelas que o afastam. Quando o atleta está se sentindo bem, sabe aonde quer chegar, sabe o que ajuda e atrapalha sua *performance* e, além disso, trabalha para conseguir aprimorar o que o ajuda e eliminar o que o atrapalha, a melhora no desempenho esportivo se torna uma consequência desse trabalho.

No entanto, é importante para o psicólogo da base saber que, ao mesmo tempo que se espera daquela criança, que ela produza e demonstre resultados, é necessário ajudá-la a formar-se enquanto cidadã e que no esporte competitivo

nem sempre o perder ou ganhar é tudo. Permitindo que o atleta se desenvolva de forma mais genuína e completa, indo para o profissional de maneira segura.

O trabalho da Psicologia na formação e iniciação esportiva se apresenta como muito importante e mais determinante, do que no alto rendimento, pois é possível atingir e modificar mais a realidade desses jovens. Os atletas na iniciação enfrentam inúmeros conflitos (pessoais, com técnico, pais e clube), assim o apoio e auxílio do psicólogo nessa fase facilita o início do jovem no esporte, construindo desde o começo ferramentas para lidar com as adversidades presentes no contexto e diminuem a probabilidade de esgotamentos, como *Burnout*, já na iniciação.

A ausência de uma boa formação e um bom trabalho psicológico, realizado na base, se torna perceptível no profissional, com atletas que possuem dificuldades de se posicionar e enfrentar os desafios do meio competitivo, sem planejamento e desenvolvimento pessoal, o que acaba por prejudicar a carreira e o esporte, não tendo uma visão crítica e social da realidade.

O trabalho realizado na base deve ser de construção, de formação e educação de pessoas/atletas para o futuro. Nessa categoria, a busca pelo resultado faz parte do trabalho, mas não deve ser o foco da atuação. A Psicologia, principalmente na base, tem o contexto de formação não só para o rendimento, mas para a formação do cidadão da sociedade e do esporte, da visão social. Se não houve uma formação, não se pode cobrar um comportamento que não foi ensinado, fazendo do rendimento uma consequência da formação. Quando o foco se encontra apenas no rendimento, há a possibilidade de não ter um rendimento duradouro, porque não teve formação que sustentasse tal rendimento.

O psicólogo deve entender que o jovem, mesmo que não venha a participar do alto rendimento, vai ser atleta pela vida inteira, no sentido de abraçar esse perfil construído nessa fase da vida. Por isso, é importante ajudar e preparar o atleta no planejamento, principalmente, na formação de sua personalidade, o atleta é apoiado em uma pessoa. Desse modo, o prepara para sua vida após a fase competitiva de atleta.

Assim, é necessário que o psicólogo entenda também qual o seu papel dentro das categorias de base, compreendendo este papel, enquanto um

mediador, para ajudar na construção de carreira de atleta e de cidadão. Visando o melhor trabalho a ser realizado, contribuindo para a implementação de uma cultura e mentalidade que entenda esse papel de formação do esporte e da educação. Com atuações que agreguem para os atletas, para as famílias, aos treinadores, que faça a diferença na base, possibilitando que o jovem cresça e se desenvolva enquanto pessoa e, também, atleta.

Contudo, para uma boa atuação nesse ambiente é necessário que o profissional tenha conhecimento sobre a área, entendendo as especificidades do trabalho com atletas. Assim, o(a) psicólogo(a) contribui não apenas para a formação desses atletas, mas também, para que reconheçam o valor da Psicologia no contexto esportivo. Para ser capaz de tanto, um dos desafios encontrados por esses profissionais, é a dificuldade de formação na área.

Várias faculdades não possuem a disciplina de Psicologia do Esporte na graduação em Psicologia, sendo assim formam profissionais sem conhecimentos específicos, dificultando o reconhecimento da área entre os próprios profissionais da psicologia. A falta dessa disciplina na grade curricular ou como optativa, se torna um empecilho para aqueles estudantes que já possuem interesse na área, pois dificulta sua preparação para a prática, exigindo que eles busquem formação para além da faculdade, o que demonstra ser, na maioria das vezes, insuficiente.

Contudo, a Psicologia do Esporte apresenta boas perspectivas para o futuro, pois o reconhecimento da área cresce bastante e há cada vez mais estudantes interessados. Todavia, ainda é importante dedicar-se para que haja profissionais capacitados e que a área esteja presente nas graduações.

Esse movimento deve ocorrer dentro do ambiente esportivo, através da participação das reuniões da comissão técnica mostrando a importância da multidisciplinariedade entre os profissionais. Assim a contribuição que a Psicologia pode trazer para o bem-estar do atleta e seu desempenho vai ficando cada vez mais evidente. Dentro das universidades, os estudantes podem demonstrar interesse pela disciplina de Psicologia do Esporte, organizar grupos de estudo e contar com a abertura de espaço por parte dos professores para que essa especialidade da Psicologia exista dentro da universidade. Os professores que já atuam na área devem proporcionar possibilidades de estágios e aprendizagem, contribuindo para a formação de estudantes mais capacitados.

O RACISMO DENTRO E FORA DAS QUATRO LINHAS: COMO A PSICOLOGIA DO ESPORTE ENFRENTA O RACISMO?

Ewerton Donis de Melo



1. HISTÓRICO DA EXPERIÊNCIA DO AUTOR NA ÁREA ESPECÍFICA

Como ex-atleta de futebol de base, graduando em Psicologia, presidente do Centro Acadêmico de Psicologia Camilla Rosato, fui voluntário do projeto de extensão “Psicologia do Esporte como recurso terapêutico de transformação social nas lutas”. Para qualquer tentativa de compreender o racismo no atual contexto social, é necessário lançar o olhar para a constituição desta sociedade, ou seja, é impossível fazer uma análise estrutural sem levar em consideração o cruel período escravocrata que perdurou por mais de 380 anos em nosso país.

Neste sentido, é inevitável que quase 400 anos de escravidão de aproximadamente 500 anos de história, causaria grandes diferenças em diversos espaços da sociedade atual. O ato de ir contra uma estrutura socialmente e historicamente construída sempre se esbarra em resistências que, ao mesmo tempo que nega sua existência, também alimenta a falsa noção de democracia racial em diversos espaços, sendo o esporte um destes espaços.

Diante de um país historicamente desigual, o futebol se apresenta como uma possibilidade de ascensão social e econômica para muitos jovens que depositam grande parte de sua infância e adolescência ao sonho de atingirem o profissionalismo. Ainda assim, cabe ressaltar que, no Brasil, segundo dados emitidos pela Confederação Brasileira de Futebol em 2016, apenas 17,60% dos jogadores de futebol profissional recebem mais do que um salário-mínimo, sendo esta realidade diluída pela exposição midiática de uma pequena porcentagem dos jogadores profissionais de futebol. A supervalorização e os salários astronômicos de jogadores de futebol nos levam a uma falsa sensação de igualdade racial dentro do esporte quando encontramos atletas negros em várias equipes da elite do futebol mundial. Ao passo em que observamos jogadores negros que conseguiram atingir tal patamar, também percebemos os ataques racistas que os mesmos sofrem no Brasil e, principalmente, na Europa, nos fazendo refletir sobre a presença do racismo em diferentes espaços. Casos como o de Thayson em 2019, na Ucrânia, Aranha em 2014, em Porto Alegre, Daniel Alves em 2014, na Espanha, Balotelli em 2019, na Itália, dentre outros jogadores conhecidos mundialmente, são exemplos que o racismo transcende à classe e *status* social.

Ainda assim, cabe analisar o futebol como um todo e não apenas dentro

das quatro linhas, considerando que a comissão técnica, bem como a parte administrativa e gestora de um clube/empresa são elementos fundamentais para que o mesmo se mantenha. Ao realizarmos este movimento, é notória a desigualdade racial dentro dos setores direcionados à gestão como comissão técnica, presidência e diretorias. No ano de 2020, por exemplo, dentre os quarenta clubes que participaram da primeira e segunda divisão do campeonato brasileiro, apenas a Associação Atlética Ponte Preta era presidida por uma pessoa negra, enquanto três dos vinte clubes, que disputaram a primeira divisão, foram treinados por negros, sendo eles o Esporte Clube Bahia, comandado pelo treinado Roger Machado; o Sport Clube do Recife, que contava com o técnico Jair Ventura; e, a Associação Esportiva Palmeiras, treinada por Vanderlei Luxemburgo.

Tais dados nos permitem relacionar o atual cenário do futebol brasileiro com a obra **O que é Racismo Estrutural** de Silvio Almeida (2019). Para o autor, o racismo pode ser concebido de diferentes maneiras, como individualista, institucional e estrutural. O conceito de racismo institucional foi um importante avanço para o debate racial, trazendo uma perspectiva da operacionalização do racismo além de comportamentos individuais e lançando um olhar para instituições que funcionam a partir de uma dinâmica que, mesmo indiretamente, estabelecem privilégios e desvantagens baseado em diferenças raciais (Almeida, 2019).

A presente situação fica mais evidente a partir do momento em que temos uma grande migração de ex-jogadores para cargos de gestão de clubes e, mesmo tendo um grande número de jogadores e ex-jogadores negros, não se percebe a presença dos mesmos em números expressivos em cargos de gestão. Segundo a cartilha **Referência técnica de psicólogas(os) diante das relações raciais**, do Conselho Federal de Psicologia (2017, p. 48): “A prática de racismo institucional pode ser considerada a principal responsável pelas violações de direitos dos grupos raciais subalternizados”. Entretanto, algumas questões não são de responsabilidade direta e exclusiva da PE, tornando-se necessário um trabalho conjunto e multidisciplinar para abordar o racismo em suas diferentes operacionalizações, fato que não anula as responsabilidades sociais da categoria.

Trazer o debate racial para qualquer área se torna pertinente, tendo em vista que o racismo acontece em todos os ambientes e em diferentes aspectos.

O movimento do discurso de democracia racial e da inexistência do racismo também reforça a deslegitimação do sofrimento por parte da população negra pelo fato de que, se algo não existe, logo não pode fazer sofrer ou faz com que o racismo seja considerado como algo que somente vítima enxerga. Tal posicionamento não condiz com o código de ética do profissional de Psicologia, o qual em seu segundo item dos princípios fundamentais afirma que:

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p. 7).

Seguindo tais diretrizes, o negacionismo atrelado ao mito da democracia racial é uma maneira negligente de se colocar frente ao racismo que, historicamente, opera na estrutura social e nas instituições causando mortes, violação de direitos e o aumento de desigualdades no tecido social.

Partindo de uma visão individual, também devemos levar em consideração como o racismo atinge a saúde mental da população negra em geral e como cada sujeito estrutura o sofrimento advindo do racismo. Partindo do ponto de vista da PE, se torna essencial buscar compreender como o racismo opera dentro de uma instituição e como atinge diretamente o atleta negro, analisando as consequências para sua vida pessoal e profissional. Tal posicionamento vai em direção ao rompimento de uma visão errônea e polarizada que aloca as estratégias de enfrentamento ao racismo apenas para as áreas social e clínica, resultando em uma aparente impossibilidade, por parte da Psicologia do Esporte, em lidar com sofrimentos provenientes do racismo, pois dentro de uma visão tradicional é alegada como não sendo uma tarefa da área.

Neste sentido, a Psicologia do Esporte está diretamente implicada neste processo, tanto através de práticas ou teorias que sustentem um processo de formação de identidades negras, quanto ao enfrentamento de estereótipos racistas que a mesma reforçou durante o período de inserção da classe no Brasil (Tralci e Santos, 2020).

Pensar em possíveis intervenções frente ao caso nos faz buscar autores que contribuíram para o debate das relações raciais. Frantz Fanon foi um destes

autores que se debruçou diante dos processos de colonização e de relações raciais. Em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), Fanon traz o conceito de *Zona-do-não-ser*, uma zona que não representa nada do que é considerado positivo no tecido social, e na qual o indivíduo negro está inserido. Tal fato pode ser exemplificado a partir dos padrões sociais que vão desde a beleza até em aspectos religiosos, fazendo com que a utilização de uma “máscara branca” seja o caminho para se esquivar de uma opressão racial. Esta máscara seria uma analogia ao esforço que o indivíduo negro faz para tentar se tornar “algo” dentro destes padrões e, de maneira inautêntica, tenta adotar aspectos que se aproximam de um padrão branco. Um exemplo que pode materializar tal explicação é o alisamento do cabelo crespo que, historicamente, é taxado de “ruim” e/ou inapropriado, fazendo-nos atentar em como o racismo atinge diretamente a autoimagem do sujeito.

O pediatra e psicanalista Donald Winnicott, traz em sua teoria os conceitos de *verdadeiro-self* e *falso-self* e sua relação direta com a relação do sujeito com o ambiente. Nesta teoria, segundo Svartman (2000), o sujeito necessita de um *ambiente suficientemente bom*, ou seja, um ambiente que atenda às necessidades do indivíduo, mas que também falhe para que, diante destas falhas, o sujeito possa ter atos criativos e autênticos, fortalecendo o *verdadeiro-self*, ou seja, a forma autêntica do sujeito. Em contrapartida, a partir de intrusões, privações e catástrofes dentro deste ambiente potencializam o surgimento do *falso-self*, caracterizado como uma forma inautêntica do ser, fazendo com que o sujeito se transforme em uma extensão do ambiente, ou seja, o que o ambiente deseja que ele seja. Aqui, consideramos o racismo como uma intrusão a este ambiente e, fazendo uma relação entre os dois autores, a utilização de máscaras brancas seria um direcionamento do *falso-self*.

Partindo de uma perspectiva social e ainda tomando como base os conceitos de *Zona-do-não-ser*, *Falso-self* e *Verdadeiro-self*, a PE pode contribuir diretamente com esta problemática, levando a consideração que a utilização de “máscaras brancas” é uma forma inautêntica que o sujeito utiliza com a função de *ser*. O trabalho grupal em esportes que utilizam da coletividade pode ser caracterizado como uma possibilidade de intervenção diante das opressões raciais que perpassam e atingem a saúde mental desta população. Seguindo tais conceitos, promover um ambiente que permita o sujeito ser sua versão mais

autêntica possível é um caminho potencial que pode atender tais demandas.

A partir do crescente número de autores(as) negros(as) e de produções bibliográficas, diversas áreas do saber e de atuação, incluindo a Psicologia do Esporte, passaram a ser permeadas por este debate. Neste sentido, a Psicologia está diretamente implicada neste processo, tanto através de práticas ou teorias que sustentem um processo de formação de identidades negras, quanto ao enfrentamento de estereótipos racistas que a mesma reforçou durante o período de inserção da classe no Brasil (Tralci e Santos, 2020).

Seguindo este parâmetro e, também, considerando o conceito de interseccionalidade, é impossível separar o sujeito do atleta e das condições sociais em que o mesmo está inserido, ou seja, mesmo encarando a Psicologia do Esporte voltada para o alto rendimento de atletas, também deve-se levar em consideração como o racismo opera na existência destes atletas, tendo em vista que a saúde mental está diretamente relacionada ao alto rendimento esportivo. A partir do momento em que se direciona olhar para uma problemática historicamente negada e que atravessa diversos atletas e outros profissionais que compõem uma equipe esportiva, também se dá a oportunidade da verbalização de sofrimentos oriundos da opressão racial. Sofrimentos estes que interferem diretamente no rendimento dos atletas e nos seus processos de socialização e de criação de vínculo, fatores essenciais para a constituição humana e para a realização de trabalhos em equipe.

Neste sentido, seja dentro de uma perspectiva relacionada ao alto rendimento ou de cunho social, tomar como base teorias e práticas que elucidam a ocorrência do racismo na saúde mental do atleta se torna necessário para o enfrentamento do racismo dentro do contexto esportivo, tendo em vista que o racismo está presente em suas diferente facetas dentro do esporte: individual, institucional, estrutural etc.; se fazendo necessário um olhar de toda a classe sobre as iniquidades raciais que perpassam este ambiente.

Tomando como base a importância e potência que o esporte coletivo tem para a constituição do sujeito e de suas relações sociais, a presença da PE dentro do futebol e de outros esportes é uma excelente oportunidade de enfrentamento aos danos e consequências que a opressão racial traz para a comunidade negra. Entretanto, tal fato necessita de diversos movimentos que

vão desde a implementação de disciplinas e ementas, que incluem o debate racial na formação profissional dentro das universidades, quanto ao movimento de associações de Psicologia do Esporte em trazer à tona a importância social e profissional de racializar a Psicologia dentro da área.

Portanto, ressaltando a responsabilidade social do profissional de Psicologia em qualquer área de atuação, traçar estratégias baseadas em teorias e práticas para o enfrentamento do racismo também é um movimento político e, conseqüentemente, nos remete ao fato de que a Psicologia é política em todos os espaços que ocupa.

ANEXO A – Letra da música *Necessidades Pretas* (Sant MC, 2018)

Tenho de enfrentar meus medos, yeah
Encontrar o caminho do meio
Aprender pra errar menos
E ainda me manter o mesmo

Escapar dos julgamentos
Preciso estar mais focado
Apertar outro baseado e
Lidar com os meus sentimentos

Sobre esses vazios em boates cheias
E essa busca rasa por aceitação
Sobre essas carências
E quantas travestem em revolução

Admita ou não, pensei proteção
Era maquiagem, olha como agem
Ódio e ficção, polarização
Covarde ou vilão, e o que vocês são?

Eu era bem mais humilde
Dava atenção pra minha mãe
Hoje o dinheiro deu forças
Por mais que eu ainda apanhe

Da vida, da polícia, na dúvida
Da culpa que a minha pele carrega
Sobre falar de hortas
Em terras que apenas a morte rega

Querem ter razão e imunidade
Ser a salvação sem ver unidade
Falo sobre perdão, continuidade
E esperança pra quem só quer mesmo vingança

Preciso que um rapper me mencione
Farei com que ovacionem-me, gritem meu nome
E depois me cobrem de necessidades
Que nenhum deles já precisou

E se precisou
Soube a dor que a impotência lhe causou
Preciso que parem de me comparar
Como um igual desses cara, pois juro, eu não sou
Sério, eu não sou

Puxa o fundamento em qualquer favela
Ou depois do show, contrata o show
Ouça meu disco, visão de onde vim
Antes de ir pra onde vou
Mas pra onde vou?

Preciso achar equilíbrio
Autoestima e confiança
Trabalhar minha consciência
E não deixar pesar a balança, não

Eu sou um preto rico
Casa, joias, roupas
Tênis, paranoias, groupies
Projeções furadas, escolhas frustradas
Martírios, neuroses, milhares de miras, não! (Não, não)

Preciso encontrar algo que me faça respirar
O que viva por dentro
Uma resposta, uma luz que possa me guiar
Pro caminho certo (certo)

Pro caminho certo, que me leve a acreditar
E creditar pra me curar
No caminho certo
Só preciso meditar e me editar

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte/MG: Letramento, 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Brasileira de Futebol. **Raio-X do futebol:** Salário dos jogadores. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores>. Acesso em: 2 jun. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo.** Brasília, ago. de 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações raciais:** Referências técnicas para atuação de psicólogos/os. Brasília, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

SVARTMAN, Betty. Winnicott: Conceitos que abrem novos caminhos. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 117-125, 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 jun. 2021.

TRALCI, Marcio Antonio; SANTOS, Alessandro de Oliveira. Esporte, Psicologia e Racismo: É possível uma Psicologia do Esporte antirracista? **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, n. spe., 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Q3j6ZRhnqM8pHTLWkkf9CGK/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2021.

SANTMC. **Necessidades pretas.** Brasil: Independente, 2018. Streaming. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GwffNRMZ6TY&list=RDGwffNRMZ6TY&start_radio=1. Acesso em: 20 jan. 2025.

RELATORIA DA MESA: “DIVERSIDADE, GÊNERO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESPORTE”

Paula de Paula

Camila Fátima Vieira de Souza



1. JUSTIFICATIVA DA MESA

O trabalho da(o) psicóloga(o), não deve ser dissociado de uma prática social e política, que possibilite o exercício da cidadania a todas, todos e todes, sem discriminação. As(os) Psicólogas(os) do Esporte (PE's) sabem que o conceito de raça, os comportamentos esperados para determinado gênero, qual orientação sexual é considerada normal, são construções sociais que estão sendo amplamente debatidas e precisam ser motivo de reflexão constante no fazer psicológico dentro e fora da prática esportiva. Nem o avanço da ciência e da tecnologia médica tem evitado a discriminação social e a segregação da comunidade LGBTQIA+ excluindo-a das práticas esportivas hegemônicas. A questão dos transgêneros não é científica e nem médica e sim de preconceito moral.

São muitas as questões que gostaríamos de abordar porque a prática do esporte, enquanto alto rendimento, diversão, lazer e manifestação do corpo, precisa estar disposta a acolher a diversidade dos corpos e subjetividades e não é isso que vemos acontecer. Assim, o mito de que o esporte é um ambiente democrático, onde todos são os responsáveis pelo próprio sucesso, não se sustenta na prática. Cenas de preconceito são constantes, violências ocorrem e, dentre todos os compromissos da Psicologia, o compromisso ético-político com a diversidade e diferença é o que mais fortalece o ânimo de luta das(os) PE's.

Em relação às questões de gênero e sexualidade (contemplados pela Resolução do CFP n. 01/99 e de 01/2019), e em relação à questão racial (posta na Resolução CFP n. 18/2002), encontramos com clareza como deve ser a conduta da(o) psicóloga(o), frente a estes cenários tão desafiantes: devemos lutar contra todas as formas de discriminação, opressão e preconceito, combater qualquer tipo de silenciamento e comportamentos de ódio. Para continuar velando pela eliminação da transfobia e o racismo, o psicólogo não deverá ser conivente, nem omisso, perante o crime de racismo que, por muitas vezes, aparece de forma velada em meio à comunidade esportiva. Portanto, deve-se incentivar o movimento antirracista, a fim de eliminar qualquer tipo de segregação que poderia ocorrer dentro da equipe.

CONVIDADA: Nicole Rose Assis da Silva

Começou a jogar futebol aos 12 anos, chegando a participar de um campeonato mineiro masculino (não ficou claro de qual categoria). Aos 21 anos, parou de jogar futebol profissionalmente, depois de enfrentar uma lesão no joelho e decidiu se assumir como mulher trans. Perdeu carreira, amigos, emprego e quase todos os familiares, e revela ter sofrido bastante por se sentir muito sozinha. Passou a se dedicar ao tênis, esporte que já havia praticado na adolescência e começou sendo assistente de quadra (catando bolinhas). Mas como se dedicava muitas horas ao treinamento que fazia sozinha, chegou à segunda classe do tênis mineiro. Aceitou o convite para ser professora no clube e chegou a dar aulas para cerca de 150 alunos. Passou a ser requisitada em outros clubes, o que lhe permitiu fazer uma rede de contatos muito boa. Em 2014, viu Rafael Nadal fazendo propaganda do *Poker* e se interessou em aprender. No mesmo ano, ela rompeu o ligamento do punho direito e teve que parar de dar aulas de tênis. Foi aí que se dedicou a jogar *Poker on-line* e se transformou em uma jogadora profissional. Desde então, ganha a vida jogando e dando aulas de *Poker on-line*, sem nem mesmo nunca ter pegado em cartas. O *Poker* é um esporte da mente, um esporte cerebral é dá mais chances a pessoas LGBTQIA+. Hoje, ela trabalha de maneira segura em seu escritório, o que não é comum para a comunidade e por isso se sente privilegiada. Ela tem ganhado a vida jogando e formando jogadores profissionais, além de oferecer cursos de *Poker on-line* para jogadores recreativos. Depois de 12 anos, voltou a jogar futebol no Bharrbixas Esporte Clube, e isso foi maravilhoso, pois encontrou ali a liberdade para fazer o que gosta depois de tanto tempo longe das quadras. Hoje, ela é casada com a Bárbara, mãe da Dominique, que produz HQ's e tem uma agência de *marketing*. Estava (na ocasião do evento), lançando uma campanha de arrecadação no Catarse para publicar sua última história que é autobiográfica, pois é de uma heroína transgênica.

CONVIDADO: Rodrigo Gosling

Sempre amou o esporte e incentivado pela cultura da família jogou

futebol, mas sofria muito com o preconceito e se afastou das quadras. Um ano depois, conheceu o Bharbixas Futebol Clube, que foi fundado em 2017, como uma iniciativa legítima e alegre que tornava as quatro linhas desse esporte muito mais inclusivas. O Bharbixas Esporte Clube é o primeiro campeão da LiGay, mas hoje, é um clube poliesportivo LGBTQIA+ de Minas Gerais, porque tem se expandido para outras modalidades como o voleibol, por exemplo. Como atleta do Bharbixas, ele se lembra de duas ocasiões emblemáticas. A primeira LiGay no Mineirão quando se sagrou campeão em 2017, e a segunda aos 30 anos, quando foi o goleiro que menos sofreu gols no campeonato.

Rodrigo fala da satisfação de compor a mesa, porque vê a Psicologia como uma aliada na luta pelo direito ao Esporte, ajudando quem sofreu violências no esporte a superar o histórico de rejeição. Além do mais, o esporte é excelente para a saúde física, mental e, também, porque dá às pessoas a possibilidade de ampliar suas redes sociais.

A cidadania da população LGBTQIA+ é constantemente vilipendiada e isso pode ser sentido nos resultados das pesquisas que mostram maiores níveis de depressão, tentativas de suicídio e realização desse em comparação as outras pessoas.

Hoje, Rodrigo é consultor na empresa de inteligência Qdois, uma empresa que utiliza a inteligência de dados e todos os seus recursos para ajudar pessoas e empresas a tomar decisões melhores em seus negócios e se diz realizado de trabalhar ali. Ele comenta sobre os preconceitos e a violência da cultura com o público LGBTQIA+, a partir de vídeos, reportagens e depoimentos de que sofreu desde criança, adolescente e a exclusão das aulas de Educação Física nas escolas. Ele observa que nada costuma ser feito para mudar essa realidade e comentou sobre o depoimento de Diego Hypólito, de quando encerrou a carreira como ginasta olímpico. Só então pôde assumir sua orientação homossexual, porque temia, inclusive, perder o patrocínio.

A equipe do Bharbixas, conduzida pela treinadora Fabiola Araujo, foi incentivada a encarar os jogos e campeonatos como verdadeiros atletas e visando a competir com foco na vitória. Essa perspectiva acabou provocando a exclusão de muita gente que estava participando, de maneira que a lógica do esporte de rendimento trouxe o que Rodrigo disse ser uma “carga tóxica”, que o

afastou do clube. Ele lembra que, no Rio em 2016, houve um recorde de atletas desse público. Dos 15.000 atletas apenas 50 eram LGBTQIA+ e, por isso, não há representatividade da população. Observa também, que os próprios gays são preconceituosos. Ele espera que as PE's possam contribuir com esse trabalho de jogar limpo e desenvolver o respeito pelas outras pessoas.

CONVIDADO: **Ewerton Donis de Melo**

Graduando em Psicologia, é presidente do Centro Acadêmico de Psicologia Camilla Rosato da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Foi atleta de futebol de base e voluntário do projeto de extensão Psicologia do Esporte como recurso terapêutico de transformação social nas lutas.

Ele fala sobre o racismo estrutural e instrucional e o quanto isso traz de sofrimento para a população negra, observando que as tentativas de suicídio é 45% maior quando comparadas às tentativas de brancos.

Ele fala também, de como o racismo influencia na saúde mental dos atletas negros que, embora muitas vezes sejam vistos como mercadorias bem caras, não estão isentos de sofrer ataques racistas. A ascensão econômica não livra os negros de racismo que, de acordo com Fanon, usam máscaras brancas como mecanismo de defesa inconsciente para esquivarem-se da consciência da opressão. Ele chama atenção de que não há como combater o racismo no esporte sem políticas públicas que diminuam a desigualdade de acesso aos bens, pois eles precisam de um bom ambiente para se sentirem valorizados sem ter que usar “máscaras brancas”.

DEBATE DAS QUESTÕES DO *CHAT*

TRIMIDORE, pergunta:

Qual a opinião de vocês sobre o posicionamento da mídia em relação a esse tema?

RODRIGO, responde:

A mídia não ajuda em nada a não ser pôr “fogo nas pessoas” que estão violentando a gente. A CBF, e nenhum clube faz nada para evitar o racismo e a LGBTQIA+fobia e, quando se posicionam é para o lado do opressor.

NICOLE, responde:

A mídia tem papel importante, mas não tem dado nenhuma atenção, mas já foi pior. Tudo depende da força da militância e se lembra de que tem uma torcida LGBTQIA+ no Bahia, que ficou tão conhecida que está incentivando outras a se organizarem. Se a mídia percebe que a gente é um produto que vende, ela vai investir.

JOÃO JR, pergunta dirigida a Rodrigo:

Você acha que é necessário em primeiro momento a criação de categorias exclusivas para LGBTQIA+ para dar mais oportunidades as pessoas indo contra essa cultura homofóbica?

PAULA DE PAULA, pergunta:

Vocês acham que se deve criar uma nova categoria de gênero para o esporte ou é o esporte, tal como está organizado, que precisa evoluir para incluir os transgêneros?

RODRIGO, responde:

Eu acredito ser importante essa criação do esporte LGBTQIA+ para que as pessoas sejam capazes de se desenvolverem no esporte, como as outras tiveram. Os times precisam se haver com níveis diferentes de aprendizado. Por isso, o esporte não está preparado para receber essas pessoas e cita o caso da Tifanny Abreu. Primeiro acho que tem que separar sim, para criar um ambiente seguro e depois trabalhar os ambientes para serem capazes de receber essas pessoas.

NICOLE, responde:

O mundo não está preparado para inclusão e no Brasil, está ainda pior. Mas esperar que esse tempo chegue, para depois incluir pode não acontecer nunca. Na Espanha e na Austrália, temos trans no futebol feminino e uma tenista na Argentina, que está puxando o movimento na Champions LiGay. Quando o espetáculo começar a vender, muita gente vai comprar para ir ver e sabemos que as pioneiras sempre sofrem mais, mas é importante que isso caminhe junto.

LOURDES SILVA, pergunta:

Como a PE está lidando com os preconceitos de racismo no esporte, episódios que têm sido tão presentes hoje?

CAMILA SOUZA, responde:

A PE tem tomado consciência da importância de sua responsabilidade social. Existem grupos de estudos de psicólogos negros que estão produzindo uma Psicologia mais crítica e a PE.

JULIANA FALCÃO, pergunta:

Quando se fala de Fórmula 1, lembro de Lewis Hamilton. Como você vê a influência dele dentro e fora das pistas? Não se veste como um atleta de Fórmula 1, utilizando roupas como ele e só ele sofre esses comentários.

JOÃO JR, pergunta:

Qual a importância de manifestações antirracistas e anti-homofóbicas durante as premiações e comemorações? Tem momento correto para manifestação?

RODRIGO, responde:

Não se tem lugar para se levantar essas defesas, mas às vezes, isso pode custar caro à pessoa. Cada um deve se posicionar em relação aos preconceitos da forma que der conta. Importante lembrar que não é porque uma pessoa seja preta ou LGBT que ela irá militar ou estar de acordo com os princípios dos movimentos sociais.

EVERTON, responde:

Neymar, por exemplo, precisa saber que seu posicionamento tem muito peso, mas nem sempre os atletas têm consciência de raça ou classe por se identificarem tal como nos ensina Fanon, com os valores dominantes que são da burguesia. Gerson, e outros como o Marinho, levaram essa militância dentro de campo e isso é importante porque o acadêmico tem pouco acesso a essas pessoas.

PAULA RAQUEL, pergunta:

A Dandara fala que tem algo da fisiologia da Tiffany que lhe dá vantagem, já que ela pode crescer como homem. O que vocês pensam sobre disso?

RODRIGO, responde:

Existem regras das confederações internacionais para a participação de mulheres trans no esporte, mas não é uma questão médica que está em jogo, e sim, de preconceito do que é ser mulher. Acontece que temos uma menina trans de 11 anos,

a Maria Joaquina, que não tem nenhuma vantagem física porque nem entrou na puberdade e está excluída do esporte. Os pais não sabem como fazer para lhe dar o direito de competir no feminino.

PAULA DE PAULA, pergunta dirigida a Everton:

Everton, o que você acha de se usar no Brasil, a política de cotas tal como a Regra Rooney, adotada pela NFL (liga de futebol americano dos Estados Unidos) que, desde 2003, obriga os clubes a entrevistar representantes de minorias étnicas para os cargos de técnico e gerente esportivo?

EVERTON, responde:

Uma medida semelhante geraria impacto porque profissionais negros não são aventados aos cargos de comando, contrariando a tão propalada lógica da meritocracia. No Brasil, só temos o Roger Machado no Bahia. Embora haja um imediatismo para bons resultados nos clubes, o que afeta todos os treinadores, os negros sofrem ainda mais tolerância pelas derrotas. Além disso, são muitas vezes, julgados moralmente por comportamentos que são normalizados quando os treinadores são brancos. É preciso que se tenha um plano de trabalho que seja mais duradouro e dê ao treinador tranquilidade para trabalhar com sua equipe. É preciso desconstruir todos os preconceitos, inclusive aqueles que possam parecer uma qualidade, como por exemplo a crença de que mulheres negras são mais fortes que as brancas e aguentam mais pressão e dor, pois tudo isso é uma forma de opressão.

2. CONTRIBUIÇÃO DA RELATORIA SOBRE AS ATLETAS TRANS

A Confederação Internacional de Voleibol definiu que Tiffany Abreu, só poderia competir no esporte de rendimento depois de um ano de tratamento hormonal para manter a concentração de testosterona por litro de sangue em 10 nanomols, tendo que testar mensalmente durante a competição para provar estar dentro dessa concentração. Tiffany, cumpriu com a regra e mesmo tendo estatísticas de jogo que provam ser uma atleta como outra qualquer de sua estatura, ainda sofre discriminação, inclusive de outras mulheres.

A legitimação de mulheres pela quantidade de testosterona no sangue começa a ficar muito complicada porque existem mulheres como o caso da sul-africana Caster Semenya, que dona de quatro medalhas em Mundiais, está proibida de competir por conta da alta produção natural de testosterona. Semenya já argumentou diversas vezes que o seu caso é diferente do que acontece com atletas transgêneros, já que nasceu e vive como mulher, mas, mesmo assim, a Federação Internacional de Atletismo, em 2019, estabeleceu que as mulheres (independentemente de ser trans) não podem passar de uma concentração de 0.5 nanomols. Ela acusa a Federação de discriminação, pois é curioso que a maioria das atletas de elite, apresenta níveis de 0,12 a 1,79 nanomols por litro de sangue, enquanto entre os homens, a presença normal é de entre 7,7 e 29,4 nanomols. O que isso comprova é que a questão não é médica e sim do uso do poder das Federações para definir o que é uma mulher.

3. CONTRIBUIÇÃO DA RELATORIA SOBRE A QUESTÃO DO RACISMO

Para além da política de cotas, o fomento à diversidade tem de acompanhar medidas que potencializam a democratização dos clubes, o desenvolvimento de práticas antirracistas dentro das instituições esportivas e a abertura de espaço para a capacitação de grupos minoritários. Um exemplo de desigualdade de oportunidades é visto no valor do curso de formação de treinadores da CBF, que demanda um investimento de aproximadamente R\$ 50.000 reais. Ora, sendo um requisito para exercer a profissão, é preciso se pensar em concessão de bolsas a alunos negros, pobres e mulheres, (afinal, elas estão em minoria

até mesmo entre treinadores do futebol feminino). Essas medidas podem ser o pontapé do sistema de cotas à brasileira, seguida de uma revisão institucional da própria CBF, que não tem nenhum negro ou mulher em sua diretoria.

REFERÊNCIAS

PAULA, Paula de; SILVA, Fabio. Os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n. spe., v. 40, p. 1-12, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1414-989320200005&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 21 mar. 2021.

PEREIRA, Julio Paulo; SILVA, Laerte Tassio Oliveira; COLEN, Marcelo. Quero representar: Manual antirracismo no Esporte. **Primeira Pele. Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 21 mar. 2021.

PRIMEIRA PELE. Iniciativa pretende discutir racismo entre atletas. **Observatório da discriminação Racial no Futebol**. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/primeira-pele-atletas-lancam-projeto-contra-o-racismo/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PRIMEIRA PELE. Atletas lançam projeto contra o racismo. **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/primeira-pele-atletas-lancam-projeto-contra-o-racismo/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução do CFP nº 01/99. **Estabelece Normas de atuação dos psicólogos em relação à questão da orientação sexual**. Brasília, 22 de março de 1999. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/resolucao-01-99/o-que-e/#:~:text=H%C3%A1%2018%20anos%2C%20o%20Conselho,constituem%20doen%C3%A7a%2C%20dist%C3%BArbio%20ou%20pervers%C3%A3o>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução nº 1, de 29 de janeiro de 2018. **Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis.** Brasília, 1 jan. 2018. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjpcglclefindmkaj/https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/resolucao_cfp_01_2018.pdf. Acesso em: 22 mar. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para atuação de psicólogos antirracistas.** Brasília, 2017. Disponível em: http://crepop.pol.org.br/5938_relacoes-raciais-referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-2017. Acesso em: 22 mar. 2021.

PINTO, Maurício Rodrigues. As mulheres que fazem a Champions Ligay. **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 11, 2019.

EL PAÍS BRASIL. O futebol é um espelho do racismo na sociedade brasileira. 1 fev. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/01/deportes/1517507665_087170.html. Acesso em: 22 mar. 2021.

GLBO ESPORTE. Sob risco de não correr entre mulheres, Caster Semenya é campeã nos 5000m em Germiston. 15 abr. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/atletismo/noticia/sob-risco-de-nao-correr-entre-mulheres-caster-semenya-e-campea-nos-5000m-em-germiston.ghtml>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PSICOLOGIA DO ESPORTE E PARADESPORTO: IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO E DA ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Marcelo de Melo Mendes

Dayane Aparecida Ferreira de Assis



1. HISTÓRICO DA EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO AUTOR NA ÁREA ESPECÍFICA

A relação do primeiro autor com a vivência do esporte de rendimento e Psicologia do Esporte, inicia-se antes mesmo da formação na graduação. O esporte, na perspectiva de alto nível, enquanto treinamento e desenvolvimento, surgiu aos 10 anos de idade, na modalidade judô, com participações expressivas em competições de âmbito nacional e internacional, findando aos 27 anos.

Neste contexto do judô, no âmbito do rendimento, o autor teve a oportunidade de contar com o suporte e intervenções de Psicólogos do Esporte. Esses profissionais auxiliam os atletas de rendimento em vários âmbitos, com o propósito de melhorar a *performance*, a satisfação pessoal e um desenvolvimento da própria condição da personalidade por meio da participação (Samulski, 2002).

O interesse pela temática específica relacionada ao Paradesporto e Psicologia do Esporte, na perspectiva de formação, iniciou em 1990, com a graduação em licenciatura plena no curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 1992, no curso de graduação em Psicologia no Centro Universitário Newton Paiva e, no ano de 2000, com uma especialização em Treinamento Esportivo na UFMG. Enquanto técnico do judô regular, desde o ano de 1993, vem atuando com a iniciação de atletas/alunos até o rendimento, inclusive como técnico da equipe principal do Minas Tênis Clube (MG).

Em relação à prática profissional com o Paradesporto, começou a adentrar no movimento do judô para pessoas com deficiência no ano de 1999, atuando com a Associação de Deficientes Visuais de Belo Horizonte (Adevibel). Esta experiência oportunizou a participar em eventos nacionais e internacionais, com convocações de atletas na Seleção Brasileira de Judô para Cegos e Deficientes Visuais e enquanto técnico. Em relação aos atletas, Deane Silva de Almeida, vice-campeã na Paralimpíadas de Pequim, é uma que vem se destacando desde o ano de 2001.

A atleta possui em seu currículo 14 títulos de campeã brasileira de judô para Cegos e Deficientes Visuais, vice-campeã paralímpica em Pequim, no ano de 2008, 5º lugar nas Paralimpíadas de Londres e Rio de Janeiro, Campeã

Parapanamericana em Toronto em 2005, e terceiro lugar nos Campeonatos Mundiais da Turquia, 2010 e Coreia do Sul, no ano de 2005.

Esta atleta, mulher, judoca, peso pesado e com a condição de deficiência visual, até os 8 anos de idade, não apresentava nenhuma perda de visão. A partir de uma reação a um remédio desencadeou a Síndrome de Stevens-Johnson, que veio a afetar o globo ocular. A Síndrome de Stevens-Johnson, consiste em uma doença rara desencadeada por remédios ou infecções, com reações cutâneas graves, possibilidades de morbidade e mortalidade e que acomete a pele e a membrana mucosa, necessitando de cuidados de medicina intensiva (Bulisani *et al.*, 2006).

No caso da atleta, esta apresentou o quadro ocular afetado. Segundo Nogueira *et al.* (2003), quando o aparelho ocular é afetado se caracteriza por uma conjuntivite purulenta catarral bilateral, membranosa ou pseudomembranosa, compromete possivelmente a acuidade visual, com destaque para olho seco, conjuntivalização e queratinização corneana. A atleta, além de outras comorbidades, apresentou a perda da acuidade visual, sendo caracterizada na classificação esportiva como atleta B2.

A classificação esportiva foi desenvolvida pela *International Blind Sports Federation* (IBSA), e consiste em desenvolvimento de classes através da avaliação da acuidade visual e do campo visual de atletas com deficiência visual. Para a terminologia das classes utiliza-se a letra B (*blind*) da palavra em inglês referente ao “cego” em português e se divide em três (B1; B2; B3). O atleta B1, representa o nível mais severo e o B3 com o nível limítrofe da deficiência visual (Colenbrander, 1999; Munster; Almeida, 2019; Mann; Ravensbergen, 2018). Esse tipo de avaliação está relacionado com a aferição do olho que apresenta a melhor acuidade visual, a partir da melhor correção óptica (Mann; Ravensbergen, 2018).

Deane, teve seu início no esporte no ano de 2001, a partir de uma indicação de uma amiga, e aos 19 anos, nunca tinha praticado esporte de forma sistematizada. Apesar da facilidade de aprender os movimentos do judô, bom nível de cognição, apresentar uma boa capacidade motora não condizente com a pouca experiência motora e um desenvolvimento físico satisfatório para uma iniciante, algumas questões referentes à introversão, angústia (medo de

não conseguir) e ansiedade, interferiam no rendimento da atleta, tanto na sua iniciação no esporte, quanto no início da sua participação em competições. Além disso, o papel social da atleta era de ser deficiente e não como uma pessoa com uma condição peculiar permanente, mas que poderia ter um papel social de produção.

Neste sentido, o foco do trabalho dos atores que desenvolvem o Paradesporto, seja o técnico, psicólogo do esporte, gestor, fisioterapeuta, médico, entre outros profissionais, vai para além da modalidade esportiva. Necessita-se conhecer a sua área de atuação, no caso da Psicologia do Esporte, e atentar que existem barreiras sejam sociais e de acessibilidade que afetam a condição de atleta da pessoa com deficiência.

No capítulo 1, artigo 3º, da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015), no intuito de apontar as diferentes dimensões do sentido de barreiras, que vão para além das barreiras arquitetônicas, que de acordo com Sasaki (1997, 2009) consiste na principal justificativa para a exclusão das pessoas com deficiência em diversos contextos, incluindo-se o lazer e o esporte, vem definir o significado de “barreiras”:

Barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em:

- a. Barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e **privados abertos ao público ou de uso coletivo**;
- b. Barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados;
- c. Barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes;

d. Barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação;

e. Barreiras atitudinais: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidade com as demais pessoas;

f. Barreiras tecnológicas: as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias.

No momento de se iniciar um atendimento à pessoa com deficiência, algumas questões devem ser analisadas, dentre as quais:

1. O que provocou a deficiência? Fazia atividade física ou esporte antes da perda de funcionalidade ou antes de adentrar naquela modalidade? A partir da condição de deficiência, quais são as possibilidades e potencialidades?
2. Quando surgiu a deficiência? A condição de deficiência é congênita ou adquirida? A perda da funcionalidade é progressiva ou imediata?
3. Como se dá em relação ao papel da “família”? Qual é o contexto social ao qual ele vive? O que significa a condição social da deficiência para aquela estrutura familiar? Onde o atleta está inserido? A família estimula ou superprotege?
4. O que levou à prática do esporte, o que motivou? Neste momento, a Psicologia do Esporte entra em ação (Mendes, 2010).

Questões sempre surgem quando se trata da relação atleta com deficiência e Psicologia, no caso, Psicologia do Esporte. A formação do psicólogo, na graduação, consiste em vivenciar disciplinas, abordagens, conteúdos no transcorrer do processo experiência de escuta. Neste sentido, ao atuar com o atleta, com conhecimento em Psicologia do Esporte, as intervenções serão no

sentido da melhoria da *performance* psíquica do atleta (Samulski, 2002), com a escuta inerente do psicólogo. O psicólogo, independentemente de ser atleta ou *paratleta*, atuará dentro das condições das subjetividades que apresentam suas condições peculiares.

No caso da Deane, várias questões interferiram na sua condição de atleta, a partir da construção social da deficiência. O desconhecimento da sociedade, em geral, faz com que a deficiência seja considerada uma doença crônica, com o estigma de seres incapazes, indefesos e sem direitos, sempre deixados em segundo plano (Mendes; Patto, 2013).

A partir do seu desenvolvimento na modalidade, a atleta foi elevando a sua autoestima, autonomia e uma condição de liderança no movimento paralímpico. Deane em um dos seus depoimentos aponta “muitas pessoas que a gente aborda dizem que não dão conta de praticar algum esporte por causa da deficiência. Inclusive tem muita gente que hoje compete e que antes duvidava de si mesmo. Esse foi meu caso (...)” (Deane Almeida, 2015).

Neste sentido, os resultados e as intervenções da psicologia esportiva vão para além do contexto esportivo ou paraesportivo. Para a pessoa com deficiência, que se envolve constantemente em atividades esportivas estruturadas e num determinado ambiente, oportuniza a sensação de estar vivendo uma vida mais saudável, percepção de possuir melhor imagem corporal e o reforço de sua autoestima; a vida lhe fazendo mais sentido. Esses benefícios psicológicos adquiridos por influência da prática de um paradesporto se refletem, de modo geral, nas relações afetivas, sociais, laborais, entre outras. Como resultado do novo papel social de uma atleta paralímpica tem a redução dos níveis da ansiedade, do estresse e da depressão; melhora do humor; aumento do bem-estar físico e psicológico; melhor funcionamento orgânico geral e disposição física e mental aumentada (Noce; Simim; Mello, 2009).

2. DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E OPORTUNIDADES NO CONTEXTO DO PARADESPORTO

No âmbito da Psicologia do Esporte, existem alguns desafios no que tange à atuação com pessoas com deficiência e o contexto do paradesporto. O principal desafio, na nossa concepção, consiste na formação, desde a graduação, e a ampliação de campo de estágios.

Em relação a estratégias, a principal seria a ampliação de oportunidades de atuação do psicólogo e do aluno de Psicologia no campo do Paradesporto. Enquanto perspectiva de políticas públicas, na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, existe um programa denominado de Programa Superar, que desde o ano de 1994, vem planejando, implementando e avaliando políticas públicas de esportes e lazer, para pessoas com deficiência (Mendes *et al.*, 2020).

Atualmente, o Programa Superar realiza as suas ações em um Centro de Referência Esportiva para Pessoas com Deficiência e em 7 núcleos. No ano de 2019, foram atendidas 851 pessoas com deficiência, em 16 atividades físicas e modalidades paralímpicas. Dentre as atividades físicas e modalidades paralímpicas consta o Atletismo, Bocha, Bocha Paralímpica, Dança, Judô, Tênis de Mesa, Natação, Goalball, Voleibol Sentado, Futsal, Basquetebol, Parataekwondo, Rugby em Cadeira de Rodas, Futsal para Surdos, Voleibol para Surdos e Judô para Pessoas com Deficiência Visual. Todas estas modalidades com demandas de presença do profissional de Psicologia.

Além disso, o Programa Superar dá o suporte técnico e de infraestrutura no momento a cinco entidades que atuam diretamente com modalidades paralímpicas. Estas entidades têm participado de editais referentes a leis de incentivos e, em muitos casos, insere no escopo do trabalho a contratação de psicólogos. Em relação à formação, o Programa Superar oportuniza a abertura de campo de estágio supervisionado para as universidades e visitas técnicas, bem como disponibiliza o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Dentro deste contexto surgem algumas possibilidades.

Dentre as possibilidades, percebe-se que a presença de profissionais de Psicologia e estagiários no atendimento de atletas com deficiência vem trazendo resultados importantes nos rendimentos nas modalidades paralímpicas (Mendes; Patto, 2013). Neste sentido, observa-se a importância do trabalho interdisciplinar no contexto do paradesporto de formação e de rendimento.

3. PERSPECTIVAS PARA O FORTALECIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NA ÁREA DE ATUAÇÃO

Acreditamos que a Psicologia do Esporte, no âmbito do Paradesporto, apresenta lacunas em relação à formação profissional para este contexto,

principalmente em relação ao contexto da graduação e campos de estágios, investimentos do poder público, trabalhos interdisciplinares e profissionais da Psicologia do Esporte engajados no movimento paralímpico.

Consiste numa área que após os grandes eventos realizados no Brasil, principalmente as Paralimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, vem demandando investimentos nas modalidades paralímpicas tanto no contexto de formação de novos atletas como no rendimento. A interdisciplinaridade, no contexto do esporte paraolímpico, é essencial para o êxito e o sucesso. Percebe-se, nos últimos anos, ainda de forma incipiente, que em projetos de leis de incentivos esportivos, as entidades têm inserido nos seus planos de trabalho a presença do profissional de Psicologia quando se trata da atuação com pessoas com deficiência. O investimento do campo da Psicologia neste contexto pode oportunizar um crescimento de novos profissionais na prática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13146, de 6 de jul. de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial**, Brasília, 2015.

BULISANI, Ana Carolina Pedigoni *et al.* Síndrome de Stevens-Johnson e necrólise epidérmica tóxica em medicina intensiva. **Revista brasileira terapia intensiva**, São Paulo, v.18, n. 3, p. 292-297, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/i/2006.v18n1/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

COLENBRANDER, A. **Guide for the evaluation of visual impairment**. Pacific Vision Foundation, San Francisco, CA, 1999.

MANN, D. L.; RAVENSBERGEN, H. J. C. International Paralympic Committee (IPC) and International Blind Sports Federation (IBSA) Joint Position Stand on the Sport-Specific Classification of Athletes with Vision Impairment. **Sports Medicine**, Berlim, v. 48, n. 9, p. 2011-2023, 2018.

MENDES, M. M.; PÁDUA, K. C. Influência da formação na prática de professores de Educação Física que atuam com alunos com deficiência: Um estudo no sistema de ensino especial. **Revista Educação em Foco**, Belo Horizonte, ano 13, n. 16, 2010.

MENDES, M. M.; PATTO, C. C. Autonomia, esporte e pessoa com deficiência: um olhar perceptivo dos professores do Programa Superar de Belo Horizonte. **Extra-Classe – Revista de Trabalho e Educação / Sindicato dos Professores de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 6, p. 80-101, 2013.

MENDES, M. M. *et al.* Superar/Marconi: Implementação de um projeto de esporte e lazer escolar às pessoas com deficiência em Belo Horizonte. XIV Encontro Internacional Científico OTIUM, Congresso Ibero-Americano de Estudo de Lazer, Ócio e Recreação, **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/EEFFTO, p. 1007-1016, 2020.

MUNSTER, M. de A.; ALMEIDA, J. J. G. Atividade física e deficiência visual. *In*: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. DA (Ed.). **Atividade Física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2019. p. 28-76.

NOCE, Franco; SIMIM, Mário Antônio de Moura; MELLO, Marco Túlio de. A percepção de qualidade de vida de pessoas portadoras de deficiência física pode ser influenciada pela prática de atividade física? **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 174-178, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/i/2009.v15n1/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

NOGUEIRA, Ruth *et al.* Qualidade de vida dos pacientes portadores de síndrome de Stevens-Johnson. **Arq. Bras. Oftalmol.**, São Paulo, v. 66, n. 1, p. 67-70, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abo/a/bhRhkPLYbgcgb3phHcBcmkn/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte**. Barueri: Editora Manole, 2002.

SASSAKI, R. D. Inclusão: Acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação Reação**, São Paulo, Ano 12, mar./abr. 2009, p. 10-16, 2009.

SASSAKI, R. D. **Inclusão – Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

ANEXO I



PROGRAMA DO III EMPE

22 de abril de 2021 (Quinta-feira)

18h30 Abertura: “Psicologia do Esporte: Da formação à profissionalização”

CONVIDADAS(OS):

Wellington da Cruz Alvarenga

Coordenador da Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte subsele Triângulo do CRP-MG.

Lourdes Aparecida Machado

Conselheira presidenta, do Conselho Regional de Psicologia - Minas Gerais.
Lívia Viana

Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (Abrapesp).

Andrea Pesca

Presidente da Associação Brasileira em Estudos de Psicologia do Esporte e Exercício.

Paula de Paula

Psicóloga, mestra em Treinamento Esportivo e doutora em psicologia Social. Professora nos cursos de Psicologia e Educação Física da PUCMG.

23 de abril de 2021 (Sexta-feira)

8h30 Mesa “Psicologia do Esporte nos cursos de graduação em Minas Gerais: Que Psicologia é essa?”

CONVIDADAS(OS):

Talita Rocha Santos

Psicóloga esportiva e clínica. Mestre em Psicologia, Cognição e Comportamento.

Graduada em Psicologia. Formação em Acceptance and Commitment Therapy. Professora da disciplina Psicologia do Esporte na Faculdade Ciências da Vida.

Telma Sara Q. Matos

Doutora em Psicologia, mestra em Educação, pós-graduada em Neuropsicologia. Possui graduação em Formação e Bacharelado em Psicologia e graduação em Licenciatura Plena em Educação Física. Pós-graduada em Neuropsicologia. Membro da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP). Foi psicóloga do Centro de Treinamento de Atletismo Caixa SESI Uberlândia - MG. Hoje, professora do curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba, onde supervisiona estágio profissionalizante em Psicologia do Esporte.

Wellington da Cruz Alvarenga

Psicólogo Clínico e do Esporte/Atividade Física. Especialista em Psicologia do Esporte e da Atividade Física. Coordenador da Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte da subseleção triângulo do CRP-MG. Membro da Diretoria de Projetos AEDEC-Brasil e da Comissão Estadual da Verdade sobre a Escravidão Negra no Brasil da OAB/MG (CEVENB).

MEDIADORA:

Alessandra Peixoto Monteiro

Graduada em Psicologia Clínica. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Diferenças Individuais. Especialista em Psicologia do Esporte e em Terapia Cognitiva Comportamental. Atua como psicóloga clínica e esportiva. Professora da Universidade Salgado Filho e do curso de formação de árbitros da Escola Mineira de Futebol. Integrante da Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte do CRP-MG. Instrutora Nacional do Pilar Mental da Comissão de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (Ca-CBF) e coordenadora do Pilar Mental da CA-CBF da Região Sudeste do Brasil. Secretária da Associação Mineira de Profissionais de Futebol (AMPF), membro da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (Abrapesp). Representante do Brasil na Sociedade Latino-americana e Ilhas do Caribe de Psicologia Desportiva (Solcpad).

10h30 Mesa “Psicologia do Esporte e suas perspectivas na graduação, pós-graduação e em projetos especiais”

CONVIDADAS(OS):

Emmi Myotin

Graduada em Psicologia e em Educação Física. Mestre, doutora e pós-doutora em Psicologia. Membro do Grupo de Estudos em Psicologia Social do Esporte da UFMG (GEPSE). Membro da ABRAPESP. Possui certificação da ISSP.

Franco Noce

Vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos em Psicologia do Esporte e do Exercício (ABEPEx). Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da UFMG. Membro do Managing Council da International Society of Sport Psychology - ISSP.

Paula de Paula

Graduada e doutora em Psicologia, professora de Educação Física, mestre em Treinamento Esportivo. Professora da FAPSI e do curso de Educação Física da PUC Minas. É psicanalista praticante. Foi psicóloga do esporte na base do Clube Atlético Mineiro (2002 a 2012).

MEDIADOR:

Sérgio Dias Cirino

Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Psicologia. Coordenador do Grupo de Estudos em Psicologia Social do Esporte (GEPSE). Interesses de pesquisa: História e ensino da Psicologia; Orientação Profissional e de Carreira; Psicologia do Esporte.

13h30 Mesa “Psicologia do Esporte e Políticas Públicas”

CONVIDADAS(OS):

Adriana Pereira

Graduada em Psicologia, especialista em Psicologia do Esporte, mestre em Educação Especial e Doutora em Psicologia Social. Professora Adjunto da PUC-Goiás e líder do Grupo de Estudos em Gênero, Esporte e Mídia na mesma instituição. Na Psicologia Social do Esporte atua em pesquisa, ensino, consultoria e intervenção.

Juliana Santana Prado

Psicóloga do Esporte no Projeto Viva Esporte da Prefeitura Municipal de Betim - MG. Especialista em Saúde Mental.

Marcelo de Melo Mendes

Formação em Psicologia e Educação Física, mestre em Educação e doutorando em Estudos do Lazer. Gerente de Paradesporto da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura de Belo Horizonte e técnico de Judô da Adevidel. Faixa Preta de Judô, 5º Dan.

MEDIADORA:

Paula de Paula

15h30 Mesa “Psicologia do Esporte: Uma visão de atletas e treinadores”

CONVIDADAS(OS):

Bruno Soares

Tenista profissional desde 2001. Campeão de 34 títulos na ATP, sendo 6 *grand slams*. Bicampeão mundial 2016 e 2020. Atual número 5 do *ranking* mundial.

Camilla Orlando

Bacharel em Educação Física. Formação em Cinesiologia. Licença B da CBF e licença A da CBF em curso. Especialização FIFA em Futebol Feminino. Treinadora Sub18 e auxiliar Sub16 e Profissional. Campeã Brasileira sub18, Sul Americana Sub 16 e Gaúcha Sub18 e Profissional. Red Bull Bragantino (2020 a 2022). Treinadora profissional. Melhor Treinadora Campeonato Paulista Feminino 2020.

Daniele Matias Hypólito

Ginasta brasileira com participação em cinco Jogos Olímpicos, vice-campeã mundial no solo, possui 10 medalhas em Jogos Panamericanos e 14 títulos nacionais.

Ricardo Picinin

Graduado em Educação Física, pós-graduando em Gestão do Esporte e Direito Desportivo. Técnico de voleibol - Nível III. Instrutor da Universidade Corporativa do Vôlei. Quatro medalhas em Campeonatos Mundiais com a Seleção Brasileira Feminina de Base (dois ouros, uma prata e um bronze). Três vezes vice-campeão da Superliga Feminina de voleibol; Campeão Mineiro adulto pelo Minas Tênis Clube, Mackenzie Esporte Clube e Praia Clube; Campeão Paulista adulto - Taubaté.

MEDIADOR:*Franco Noce*

Vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos em Psicologia do Esporte e do Exercício (ABEPEEx). Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da UFMG. Membro do Managing Council da International Society of Sport Psychology - ISSP.

24 de abril de 2021 (Sábado)

8h30 Mesa “A atuação da(o) psicóloga(o) no contexto do esporte competitivo de base”

CONVIDADAS(OS):

Antônio Luiz Prado Serenini

Mestre em Ciência do Esporte, doutor em Psicologia. Psicólogo esportivo da Seleção Brasileira de Voleibol infantojuvenil e juvenil (1991 - 2020). Psicólogo esportivo de equipes e atletas de várias modalidades.

Camila de Castro Barros Valicente

Psicóloga especialista em Psicologia do Esporte e Neuropsicologia. Formação em Dinâmica de Grupos e Coaching Ontológico Transformacional. Atuação no Cruzeiro Esporte Clube com categorias de base (2017 a 2021) e do Minas Tênis Clube (2010 a 2017). Trabalha desde 2003 com diversas modalidades, dentre elas: futebol (F e M), futsal, judô, taekwondo, MMA, natação, tênis, triathlon.

Poliana da Conceição Fraga Gonçalves

Supervisora na área de Psicologia do Esporte no Centro de Treinamento Esportivo da Universidade Federal de Minas Gerais nas modalidades de Judô e Ginástica Aeróbica. Formada em Psicologia do Esporte e Treinamento. Graduanda em Neuropsicologia.

MEDIADORA:

Marisa Lúcia de Mello Santiago

Mestre em Ciências do Esporte, especialista em Terapia Cognitivo Comportamental. Psicóloga das categorias de base do Clube Atlético Mineiro. Foi coordenadora da área de Psicologia do Esporte e psicóloga do Minas Tênis Clube (2015 - 2019).

10h30 Mesa “Diversidade, gênero e questões étnico-raciais no esporte”

CONVIDADAS(OS):

Ewerton Donis de Melo

Graduando em Psicologia. Presidente do Centro Acadêmico de Psicologia Camilla Rosato. Foi voluntário do projeto de extensão Psicologia do Esporte como recurso terapêutico de transformação social nas Lutas. Ex-atleta de futebol de base.

Nicole Rose Assis da Silva

Casada com a Bárbara, mãe da Dominique. Jogadora profissional de Poker on-line. Ex-jogadora profissional de futebol. Jogou até os 21 anos, quando se assumiu e perdeu carreira, amigos e quase todos os familiares. Passou a se dedicar ao tênis e se tornou professora em um clube, dando aulas para cerca de 150 alunos. Ministra aula de Poker *on-line*. Possui um time que forma jogadores profissionais e lançou um curso para jogadores recreativos.

Rodrigo Gosling

Ativista de diversidade e inclusão. Ex-diretor e goleiro do Bhabixas Esporte Clube, primeiro time poliesportivo LGBTI de Minas Gerais e campeão da LiGay. Foi um dos responsáveis por fazer um jogo inédito entre atletas Bissexuais e Gays no Mineirão.

MEDIADORA:*Camila Fátima Vieira de Souza*

Psicóloga, atuante na Clínica do Esporte e Clínica Antirracista. Membro das Comissões de Orientação em Psicologia e Relações Étnico-Raciais e Orientação em Psicologia do Esporte do CRP-MG. Trabalhou com Psicologia do Esporte no Projeto Jovens Estrelas e Programa Fica Vivo! Estuda psicanálise e racismo pelo Coletivo Di Jeje.

13h30 Mesa “Reflexões sobre a Psicologia do Esporte paralímpico”

CONVIDADA(OS):

Lucas Marques Lara

Graduado em Psicologia, pós-graduando em Terapia Cognitivo Comportamental. Possui curso de Capacitação em Ciências do Esporte com Ênfase na Psicologia do Esporte – Mundus Esportivus. Psicólogo Esportivo da equipe Paralímpica de Halterofilismo do Clube Desportivo para Deficientes de Uberlândia (CDDU). Psicólogo Esportivo das categorias de base do Uberlândia Esporte Clube. Psicólogo Esportivo da equipe de futsal do Uberlândia Academy. Realiza consultoria de Psicologia do Esporte e atendimentos individuais, auxiliando atletas de diversas modalidades Olímpicas e Paralímpicas.

Marcelo de Melo Mendes

Formação em Psicologia e Educação Física, mestre em Educação e doutorando em Estudos do Lazer. Gerente de Paradesporto da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura de Belo Horizonte e técnico de Judô da Adevidel. Faixa Preta de Judô, 5º Dan.

Silvandino Assis

Graduado em Psicologia, estagiário Centro de Treinamento Esportivo - CTE/UFMG. Psicólogo da equipe de natação paralímpica da Sociedade dos Amigos do Deficiente Visual de Minas Gerais (SADEVI - MG). Psicólogo voluntário no Centro de Referência Paralímpico do Comitê Paralímpico Brasileiro. Membro do Grupo de Estudo em Psicologia Social do Esporte (GEPSE/UFMG).

MEDIADOR:

Franco Noce

Vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos em Psicologia do Esporte e do Exercício (ABEPEEx). Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da UFMG. Membro do Managing Council da International Society of Sport Psychology - ISSP.

15h30 Mesa “Contribuições da Psicologia para o esporte competitivo profissional”

CONVIDADAS(OS):

Amanda Dorvalina de Almeida

Líder da área da Psicologia do Esporte no Minas Tênis Clube, com atuação na modalidade de natação (alto-rendimento e base). Voluntária no Centro de Treinamento Esportivo da UFMG (CTE), com atuação na modalidade de Atletismo Olímpico. Atua no Centro de Formação Renascer (CFR), iniciação ao futebol.

Marisa Lúcia de Mello Santiago

Mestre em Ciências do Esporte, especialista em Terapia Cognitivo Comportamental. Psicóloga das categorias de base do Clube Atlético Mineiro. Foi coordenadora da área de Psicologia do Esporte e psicóloga do Minas Tênis Clube (2015 - 2019).

Michelle Leal Rios

Psicóloga e ex-atleta tenista. Especialista em Futebol, possui diversos cursos em Biofeedback, Formação em Terapia Cognitivo Comportamental e Treinamento Mental. Psicóloga do Esporte do Time Profissional e Coordenadora do Departamento de Psicologia do Esporte nas categorias de base do Cruzeiro Esporte Clube. Trabalhou por 9 anos como psicóloga das categorias de base e do time profissional do Clube Atlético Mineiro. Tem experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Psicologia do Esporte, atuando principalmente nos seguintes temas: performance, treinamento mental e reabilitação.

MEDIADOR:

Nil Costa

Psicólogo das categorias de base do América Futebol Clube, especialista em Psicologia do Esporte.

SOBRE AS(OS) AUTORAS(ES)



Camila Souza

Psicóloga Clínica do Esporte. Graduada em Psicologia pela FEAD. Em formação em Psicologia do Esporte e do Exercício pelo Instituto Psique em Forma. Membro da Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte do CRP-MG. Membro da Comissão de Orientação em Psicologia e Relações Étnico Raciais do CRP-MG. Membro da Abrapesp. Email: camila_vieira.souza@yahoo.com.br

Celina Isabela de Souza

Psicóloga pela Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (CMMG). Membro da ABRAPESP e da SOLCPAD. Pós-graduada em Psicologia do Exercício e do Esporte pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-graduanda em Neuropsicologia pela UNIBH. Email: psicelinasouza@gmail.com

Dayane Aparecida Ferreira de Assis

Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), 2011. Técnica Desportiva do Colégio Santo Agostinho de Contagem desde 2018. Técnica de Ginástica de Trampolim durante 9 anos na Prefeitura Municipal de Contagem. Professora do projeto de Extensão em Ginástica Artística da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), durante 3 anos. Cofundadora e responsável técnica do Espaço Esportivo Escola de Ginástica Artística/Trampolim e Judô desde 2021. Email: dayaneedfisica2013@hotmail.com

Emmi Myotin

Graduada em Psicologia e em Educação Física. Universidade de São Paulo. Mestrado em Psicologia: Universidade Federal de Minas Gerais. PhD em Psicologia Social: Loughborough University - Reino Unido. Pós-doutorado em Psicologia Social: Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Grupo de Estudos em Psicologia Social do Esporte da UFMG (GEPSE). Membro da ABRAPESP. Possui certificação da ISSP. Email: emmimytin@hotmail.com

Ewerton Donis de Melo

Graduação em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Membro da Comissão Étnico Racial do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais; Psicólogo clínico e da Equipe Multiprofissional Ampliada da Atenção Primária à Saúde do município de Ituiutaba-MG. Email: piewertonmelo@gmail.com

Franco Noce

Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UEMG - 1996), e em Psicologia pela Faculdade Pitágoras (2015). Mestrado em Educação Física, Ciências do Esporte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG - 1999), e Doutorado em Ciências / Psicobiologia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/EPM - 2010). Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da (UFMG). É membro do Managing Council da ISSP (2013-2021) e membro do conselho editorial de diversos periódicos científicos. Tem experiência na área de Educação Física e Psicologia do Esporte, atuando principalmente com o esporte de alto desempenho. Destacam-se a preparação da Equipe de Futebol de Campo da Arábia Saudita (Copa do Mundo Alemanha 2006), Comitê Paraolímpico Brasileiro (Paraolimpíadas Atenas 2004, Pequim 2008, Rio 2016), Sada/Cruzeiro (2009-2010) e diversas outras seleções nacionais (voleibol, tênis, futebol). Email: fnoce@hotmail.com

Juliana Santana Prado

Graduação em Psicologia na PUCMG. Psicóloga Clínica, Psicóloga do Esporte no Projeto Viva o Esporte da Prefeitura Municipal de Betim – MG. Pós-graduada em Saúde Mental e em Clínica Psicanalítica pelo Instituto de Educação Continuada (IEC) da PUCMG. Email: julianaspr@live.com

Marcelo Melo Mendes

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (1999), graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

- 1993), especialização em Treinamento Esportivo pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001), mestrado em Educação pela Universidade Vale do Rio Verde / Unincor (2010) e doutorando no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa, “Formação, Atuação e Políticas de Lazer”. Atualmente é concursado na Secretaria Municipal de Esportes e Lazer / PBH (Analista de Políticas Públicas), desde 1994. Durante o período de 2006 até 2017 foi professor na Universidade (FUMEC), nos cursos de graduação em Educação Física e Psicologia, atuando nas disciplinas Psicologia Social, Psicologia da Educação Inclusiva, Psicologia do Esporte, Educação Física e Inclusão e Lutas e Artes Marciais. Além disso é faixa preta de Judô (5º dan). Email: marcelomm@pbh.gov.br

Michele Barbosa

Formação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2020. Pós-graduação em Terapia Cognitiva Comportamental pela faculdade Descomplica. Pós-graduação em andamento em Psicologia do Esporte e do Exercício na Universidade Federal de São Carlos. Atualmente atuando como psicóloga na empresa tênis e psicologia, e no clube Pinheiros. Email: milrios01@gmail.com

Paula de Paula (CRP04/ 9650)

Psicóloga pela PUC-MG, mestre pela EEEFTO/UFMG, doutora em Psicologia social pela PUC-SP, Prof. da Faculdade de Psicologia e do curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG); membro da ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social; membro do Grupo de Estudos em Psicologia Social do Esporte (GEPSE)/ Psicologia-UFMG; membro de ABRAPESP - Associação Brasileira de Psicologia do Esporte. Conselheira diretora-secretária do XVII plenário do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP04); Coordenadora do Centro de Referência em Políticas Públicas (Crepop) e da Comissão de Orientação em Psicologia do Esporte (COPES). Referência no Plenário da Comissão de Orientação em Clínica. Psicanalista praticante em consultório particular. Email: pauladepaula@uol.com.br

Pedro Henrique de Oliveira Santos

Licenciatura e bacharelado em Psicologia (2019) pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG). Foi aluno-pesquisador sob a orientação do professor Dr. Fernando César Paulino-Pereira, no projeto de pesquisa “IDENTIDADE-METAMORFOSE E MANCIPAÇÃO: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO em 2017/2018. Foi monitor da disciplina de “Prática em processos grupais” em 2018/2. Em 2018, participou do projeto de extensão “Psicologia na Comunidade”. Participou do “curso de formação em Psicologia do Esporte em 2020 pela (CEPPE). Atuou como psicólogo do esporte (CRP04/62174) na equipe de atletismo Juventude na cidade de Catalão de 2021 a 2022. Atualmente trabalha com psicologia clínica. Email: pedro.oli.san93@gmail.com

Talita Rocha Santos

Psicóloga esportiva e clínica. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia, Cognição e Comportamento (UFMG). Formação em Acceptance and Commitment Therapy. Professora adjunta na Faculdade de Minas (Faminas). Email: talitarochasantos@hotmail.com

Telma Sara Q. Matos

Graduação em Educação Física na Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Psicologia no Centro Universitário do Triângulo. Mestrado em Educação na Universidade Federal do Triângulo Mineiro e Doutorado em Psicologia na Universidade de São Paulo. Membro da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP). Foi psicóloga do Centro de Treinamento de Atletismo Caixa SESI Uberlândia - MG. Atualmente é docente do curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais, (UEMG-Unidade Ituiutaba), trabalhando com ensino, pesquisa e extensão na área da Psicologia do Esporte e Neurociências. CV: <http://lattes.cnpq.br/2476031307175996>



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS